



Preá

REVISTA DE CULTURA ■ NATAL/RN ANO VI NÚMERO 20 ■ OUT/NOV 2008

CEARA-MIRIM

ENGENHOS EMOLDURAM RICA TRADIÇÃO CULTURAL

EDMAR VIANA O MESTRE DO TRAÇO ENTREVISTA TARCISIO GURGEL FESTUERN
DA ESCOLA PARA O PALCO POTICANTO UM CANTO 100% POTIGUAR ENCONTRO
PARA A HISTÓRIA CASCUDO, MÁRIO DE ANDRADE E CHICO ANTÔNIO



NOSSA CULTURA PASSA PELO PALCO DO TAM

(84) 3232 5366 | TEATROALBERTOMARANHAO@RN.GOV.BR

Editorial.

Em clima de comemoração dos cinquenta anos da principal instituição de ensino superior do nosso Estado, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, entrevistamos o Professor Tarcísio Gurgel que fala sobre a história da UFRN e também de sua carreira como escritor. Este ano também marca os 80 anos da passagem do escritor Mário de Andrade por nosso Estado e seu célebre encontro com Cascudo e com o artista popular Chico Antônio, evento que também ganha espaço aqui na Revista.

Um outro momento da nossa história revivido nas páginas da Preá é uma expedição a Gruta dos Tapuias em Santana do Matos. O pesquisador Rostand Medeiros visitou o local incentivado por uma matéria publicada no Diário de Natal em abril de 1928.

Também vem do interior, mais precisamente do município de Ceará-Mirim, uma reportagem especial sobre culinária, artesanato, música, teatro e diversos outros segmentos que envolvem a cultura desta tradicional região dos engenhos. A reportagem apresenta ainda personagens interessantes como o vendedor de geléia de coco e o fervoroso fã de Raul Seixas. E aqueles que ficam com o coração disparado ao ver o açude de sua cidade sangrar, um ensaio especial do fotógrafo Alex Fernandes que eternizou, durante o período das chuvas, sublimes momentos da união entre homem e natureza.

Das telas do cinema para as páginas da Preá, o ator, músico e dançarino pernambucano Helder Vasconcelos fala sobre fazer arte e como a cultura nordestina influenciou na construção do seu personagem, o Cão Miúdo, no filme "O homem que desafiou o diabo".

A Preá se orgulha de fazer uma justíssima homenagem ao mestre dos traços Edmar Viana. Resgatamos aqui acontecimentos de sua vida profissional e relembramos sua forma inteligente e bem-humorada de abordar os assuntos do cotidiano.

Na área da música, um artigo nos revela um pouco mais da carreira do queridíssimo Mirabô Dantas. Você também fica conhecendo um pouco mais do Poticanto, um projeto genuinamente potiguar, agora vinculado à Fundação José Augusto que prestigia intérpretes e compositores do nosso Estado.

No mais, boa leitura. De textos e imagens.

Mary Land Brito



Governadora

Wilma de Faria

Diretor Geral

Crispiano Neto
fjagabinete@rn.gov.br

Diretor Adjunto

Fábio H. Lima de Almeida
fabiolima@rn.gov.br

Preá

REVISTA DE CULTURA DO RIO GRANDE DO NORTE | ANO 06 - Nº 20

Editora Mary Land Brito marybrito@rn.gov.br **Revisor** José Albano da Silveira **Foto Capa** Andréa Gurgel **Projeto Gráfico e Design** Firenzze Design & Comunicação **Direção de Arte** Paulo Moreira **Assistência de arte** Roberto Luiz

Fundação José Augusto. Rua Jundiá, 641 – Tirol
CEP 59020 120 - (84) 3232 5304 - www.fja.rn.gov.br



Audiovisual.

Cinema

O elefante e a mosca

Fábio DeSilva

70.

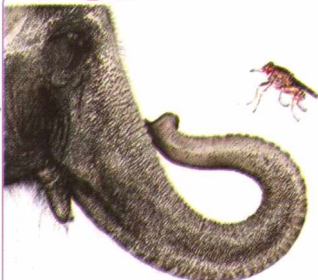


Ilustração: Fábio DeSilva

Artes Cênicas.

Teatro

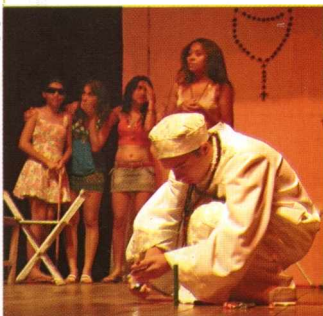
FESTUERN:

Da escola para o palco

Bruno Viana e

Higo Lima

72.



Divulgação

Música.

Poticanto: um canto

100% potiguar

Rafael Duarte

76.



Suell de Souza

Mirabô: música com
gosto de água de coco

Carlos de Souza

80

Sanfonas Potiguares

Rosa Moura

82

Mais...

Encontro para a história
no Engenho Bom
Jardim

Severino Vicente

86.



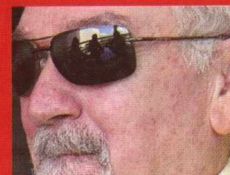
Ilustração: Emance

Seções

Editorial. 03

Crispiano Neto. 06

Entrevista. 38



Tarcísio Gurgel



no interior do Estado. E o que é melhor, nosso conjunto de editais lançados neste final de 2008 ou a lançar no início de 2009, proporcionam contrapartidas de espetáculos que, juntamente com um mutirão que estamos construindo com cinco universidades e mais outras dez entidades culturais, o Projeto IntegrARTE, poderemos levar, semanalmente, atividades às Casas de Cultura viabilizando o cumprimento da missão para a qual elas foram criadas no início do primeiro Governo Wilma de Faria. Mas temos outras novidades ainda mais animadoras.

Um próspero ano-novo para a cultura potiguar

Eis aí mais uma Preá no fojo dos bons leitores do RN e do Brasil. Cada vez melhor. Mas nem vou falar de tanta matéria de elevada importância, pois Mary Land Brito já extrai no editorial, a essência de cada uma delas. Vou falar de excelentes novidades que temos previstas e acordadas para 2009.

Daquela traumática retomada das obras das Casas de Cultura, já inauguramos duas (Goianinha e Santana do Matos) e estamos prestes a inaugurar São José de Campestre, Angicos, Janduís e João Câmara. As de Pau dos Ferros e Lucrécia estão em obras, Antônio Martins e as demais, em processo de licitação. Já temos um compromisso da governadora Wilma de Faria e do BNDES para a construção de mais vinte e cinco casas de Cultura

Estamos comemorando o sucesso do edital que selecionou cinquenta e três Pontos de Cultura num Estado que, ao longo de cinco anos, havia conquistado apenas doze Pontos. Além dos cinquenta e três ainda poderemos conquistar outros no fechamento deste exercício de 2008.

O quadro é muito animador. Vinte e sete projetos aprovados são de artes integradas, com um mesmo projeto contemplando várias linguagens artísticas. Outros oito projetos são especificamente de Teatro; Três de Cinema e Vídeo; Dança, Poesia e Música, cada um conquistou dois Pontos de Cultura. Folclore, Arte Circense, Hip Hop, Livro e Leitura, Artesanato e Rádio Comunitário contam, cada um, com um ponto de cultura.

Os projetos contemplam as questões de etnia, meio ambiente, gênero, direitos humanos, terceira idade e pessoas com necessidades especiais. Os pontos aprovados são catorze em Natal, cinco na Região metropolitana, cinco em Mossoró e os outros vinte e nove espalhados pelas demais regiões do Estado, desde o Vale do Ceará - Mirim à Tromba do Elefante, passando pela região salineira, o Vale do Açu e a Borborema Potiguar. Como já falamos, temos finalmente uma política de editais. Três foram lançados este ano e outros dez estão prontos para serem lançados logo que abra o orçamento de 2009. No pacote do PAC Cultural do MinC, conhecido como MAIS CULTURA, a governadora e a Fundação José Augusto já têm negociado com o minis-

tro da Cultura, Juca Ferreira, um conjunto de ações que vai mudar o perfil da acessibilidade à cidadania cultural em todas as regiões e microrregiões do Estado.

Serão Quarenta e cinco Pontos de exibição audiovisual, a 15 mil reais, chegando-se a R\$ 675.000,00; Quarenta e cinco Pontos de Memória, no valor de 70 mil reais cada, chegando-se a R\$ 3.150.000,00; Quarenta e Cinco Pontos de Leitura, ao custo de 20 mil reais cada, somando R\$ 900.000,00; Quarenta e cinco Pontinhos de Cultura (Brinquedotecas), sendo 18 mil reais para cada, totalizando R\$ 810.000,00; Trinta e seis Bibliotecas públicas, ao custo de 65 mil reais cada, para os municípios do RN que ainda enfeiam as estatísticas dos seiscentos municípios brasileiros sem bibliotecas. Um investimento de R\$ 2.340.000,00.

Cento e sessenta e sete microprojetos culturais no valor de trinta salários mínimos, ou seja, R\$ 12.450,00, cada, destinados aos municípios do Semi-Árido, e para o RN conseguimos que todos os municípios fossem contemplados.

Doze projetos de apoio ao artesanato, no valor de 70 mil reais cada, perfazendo R\$ 840.000,00.

Cinquenta projetos de modernização de bibliotecas municipais, ao custo de 55 mil reais cada, chegando-se a um investimento de R\$ 2.750.000,00, programa este que alavanca outro ainda mais consistente, visto que mais importante que fazer "depósito de livros" é viabilizar-lhes a leitura. Falo do projeto Agentes de Leitura, que levará 550 jovens em cinquenta

municípios de porta em porta, levando às pessoas, livros, contação de estórias e rodas de leitura em domicílio e ganhando uma bolsa de 300 reais por mês. Serão 4,5 milhões de reais para estimular o hábito da leitura nos batentes potiguares.

Só os trinta e seis projetos de Bibliotecas Municipais para zerar o déficit brasileiro de cidades sem bibliotecas, mais quarenta e cinco Pontos de Leitura e as cinquenta modernizações de bibliotecas municipais vão contemplar o RN com 298 mil novos livros, afora o acervo que será posto no projeto de modernização da Biblioteca Câmara Cascudo que há tempos não compra um livro novo, vivendo da generosidade das doações no último quarto de século.

Teremos mais um Núcleo de Produção Digital, investimento de 350 mil reais em prol da sétima arte num estado vocacionado para o cinema. 2,5

milhões de reais para a modernização da Biblioteca Câmara Cascudo e mais seis milhões de reais para dois Centros Multiuso de Cultura, que são assim, uma espécie de supercasas de cultura. E ainda, dois milhões de reais para dois Pontões de Cultura, que vão articular os pontos e mais dois milhões de reais para reforçar a gestão de tudo isto.

Serão mais de trinta milhões de reais de investimento em parceria com o Governo Federal.

Os investimentos diretos do Governo do Estado também serão muitos. E, o que é mais importante, à volta da credibilidade da Fundação José Augusto junto aos parceiros de outras esferas da gestão pública, aos artistas e demais fazedores de cultura e o conjunto da sociedade que já volta a ver a Fundação José Augusto como um instrumento de construção da cidadania e como órgão que luta para constituir a Ação Cultural como política pública democrática e transparente.

Crispiniano Neto
Diretor Geral



A história da Gruta dos Tapuias



Por

Rostand Medeiros

Pesquisador

Pesquisando a coleção de jornais antigos, do arquivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, me deparei com uma interessante notícia, de bastante interesse para a espeleologia e a arqueologia potiguar. Na primeira página, da edição de 19 de abril de 1928, do jornal potiguar “Diário de Natal”, encontra-se um artigo intitulado “A Gruta dos Tapuias”, onde um articulista que se intitulava apenas “Dapraia”, escrevia da cidade costeira de Touros, no dia 7 de abril de 1928 e narrava a visita que havia realizado a uma gruta, na zona rural de Santana do Matos, que ele afirmava ter sido um dos últimos abrigos dos indígenas que habitaram nosso sertão.

UMA DESCRIÇÃO RARA

Seu artigo, bem escrito e repleto de detalhes, mostra que no final do século XVIII, os portugueses dominavam praticamente toda a região. Nas vizinhanças de um arraial denominado São Miguel, próximo à Vila de Santana do Matos, viviam refugiados em uma gruta, no alto de uma serra, um dos últimos grupos de índios Tapuias que viviam em liberdade. O narrador informava que a gruta estava situada a três quilômetros da estrada que dava acesso à Serra de Santana, consistindo de um abrigo de granito, com duas fendas verticais, onde em seu interior poderia se abrigar um grupo de até vinte pessoas, que ficariam satisfatoriamente protegidas dos raios do sol e da chuva. O local onde se localizava o

abrigo estava em um ponto que proporcionava uma excelente visão da região, sendo um ótimo ponto estratégico.

Ainda segundo "Dapraia", sem fornecer quem, ou de onde conseguiu as informações, os indígenas que habitavam a gruta no alto da serra, sobreviviam através do comércio que mantinham com um mestiço (que em uma parte mais adiante do texto, é tratado como "negro") que procedia da várzea do Rio Açu em direção à região do Brejo Paraibano. Na passagem deste almocreve, os índios trocavam carnes, couros e peles de diversos animais que eles caçavam, por fumo, cachaça, pequenos espelhos, alguma louçania e outras quinquilharias. O acordo mantido entre os Tapuias e o negociante era o sigilo absoluto, para evitar a prisão e morte destes indígenas.

Um dia, sem uma razão aparente, o negociante denuncia a existência do grupo e os habitantes da região realizaram uma expedição que culmina no total extermínio do grupo.

Ainda segundo o articulista "Hoje ninguém conhece aquele rochedo escaldado e nu, e pesado e negro, como a traição que simboliza, quase lendário, a não ser algum caçador que se vá abrigar dos raios inclementes do sol, ou algum turista ousado que, como eu, foi reviver uma página do passado, em momentos deliciosos, no augusto silêncio das grutas abandonadas".

O HOMEM QUE PROCURA PINTURAS RUPESTRES

Diante de tão interessante e controverso relato, como praticante da espeleologia há mais de vinte anos no Rio Grande do Norte, não poderia deixar de tentar chegar a este lugar e conferir se a Gruta dos Tapuias existia ou era um logro deste antigo articulista.

Observando mapas atuais, percebi que realmente existe ao sul de Santana do Matos, uma estrada que sobe a Serra de Santana e a partir de outros caminhos, é possível chegar à região do Brejo Paraibano. Esta era uma boa indicação, pois sabia que muitas das atuais estradas vicinais existentes pelo interior do sertão nordestino são as mesmas estradas que eram utilizadas no passado. Seria a estrada no mapa a mesma descrita no artigo?

Reuni-me ao companheiro da SEPARN (Sociedade para Pesquisa e Desenvolvimento Ambiental do Rio Grande do Norte), Jeová Costa França e seguimos para a região de Santana do Matos, cidade a qual não conhecia. A única referência que possuía eram algumas notícias vinculadas na imprensa, que comentavam sobre um cidadão que "descobria pinturas rupestres" no meio do sertão e trabalhava com os pesquisadores da UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, de Mossoró.

Já na zona rural do município de Santana do Matos, fomos informados que próximo ao lugarejo conhecido como Residência, na propriedade denominada Cruzeiro, morava um senhor conhecido como "Antônio de Mariquinha", e seu filho Gilson, que poderiam informar algo sobre esta gruta.

De Residência à propriedade Cruzeiro, a distância percorrida gira em torno de quatro quilômetros, em estrada carroçável de boa qualidade. Fomos bem re-



ATÉ O FINAL DE 2007, HAVIA SIDO CADASTRADOS 82 SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS EXISTENTES NA REGIÃO JUNTO AO IPHAN, EXISTENTES NA REGIÃO. A MAIORIA DESTES LOCAIS POSSUI REGISTROS RUPESTRES NA FORMA DE PINTURAS DA DENOMINADA TRADIÇÃO AGRESTE, SENDO TODOS NA REGIÃO RURAL DE SANTANA DO MATOS

cepcionados pela família do Sr. Antônio, onde conhecemos o seu filho, Gilson Luís da Silva, de 35 anos, considerado o maior conhecedor dos sítios arqueológicos existentes na região.

Gilson nos contou que trabalhava na agricultura, ajudando a família na labuta do dia-a-dia, quando conheceu o professor da UERN, Valdecir dos Santos Júnior, mestre em arqueologia e diretor do Núcleo de Arqueologia desta Universidade. A partir daí criaram uma parceria e o trabalho entre eles se iniciou no ano de 2002. Até o final de 2007, havia sido cadastrados 82 sítios arqueológicos existentes na região junto ao IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). A maioria destes locais possui registros rupestres na forma de pinturas da denominada Tradição Agreste, sendo todos na região rural de Santana do Matos, apontando para uma concentração muito grande destes sítios com vestígios arqueológicos neste município. Para efeito de comparação, os municípios vizinhos de Cerro-Corá e Angicos, possuem respectivamente 16 e 18 sítios arqueológicos.

Relato de uma visita a Gruta dos Tapuias em 1928.





Marco de entrada para a Fazenda



AS INFORMAÇÕES SOBRE A GRUTA

Buscamos mostrar a Gilson e sua família, as informações que possuíamos sobre a Gruta dos Tapuias. Mas para nossa decepção e surpresa, Gilson não conhecia o local, nem sequer tinha ouvido falar desta gruta, mas sabia de uma pessoa em Santana do Matos que poderia nos ajudar. Seguimos em direção à cidade, que fica a 30 quilômetros da propriedade Cruzeiro. Gilson buscava um amigo por nome de Pedro das Virgens, funcionário da prefeitura local, que gostava de “dar umas caçadas” na região e conhecia muita coisa. Encontramos um senhor na faixa de cinquenta anos, tranqüilo, com um largo sorriso no rosto e que indicou, para nossa alegria, que a informação da gruta era verídica.

Descrevendo o antigo relato ao nosso informante, este confirmou que as informações do desconhecido articulista “Dapraia”, escritas há oitenta anos, só poderiam ter sido feitas por alguém que esteve no local. O que nosso antigo escritor chamou de “arraial”, é na verdade a fazenda São Miguel, onde em suas terras está situada a gruta, sendo esta uma das maiores propriedades da região.

Seguimos o caminho indicado, onde deixamos nosso carro à beira da estrada de terra batida, no início da “Ladeira da Coãn” que sobe a Serra de Santana. Com uma altitude máxima de 840 metros, o visual da imponente serra é espetacular. Gilson comentou que a partir desta ladeira, os antigos viajantes poderiam escolher entre três estradas para alcançar a região do Seridó potiguar e depois a Paraíba, eram as estradas do Cabugizinho, Fervedeira e Jaú, muito utilizadas por almocreves e comboieiros no passado, que utilizavam tração animal para o transporte de mercadorias.

Observando a região com a ajuda de binóculos, confirmamos que “Dapraia” realmente visitou o local, pois calculamos a distância da estrada a da região da gruta, em torno de três a quatro quilômetros. Transportávamos oito litros de água e uma rapadura e iniciamos o caminho para a gruta quase às onze da manhã.

AS SURPRESAS DO CAMINHO

A trilha existente segue primeiramente em declive, depois vai beirando um riacho que estava completamente seco na ocasião. É uma região de caatinga fechada, onde se deve andar com cuidado e atenção. Muitos mandacarus, facheiros, com seus pontiagudos espinhos, estão às margens da picada.

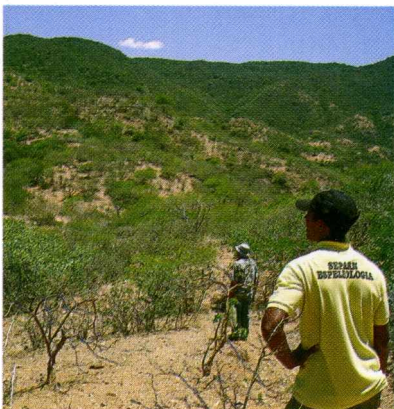
Em certo ponto da caminhada, nos deparamos com uma grande parede de pedra, com mais ou menos sete metros de altura, e quase dois metros de espessura. Gilson comentou que a estrutura fazia parte de uma antiga barragem privada, da qual não sabia o nome, construída em 1941 e destruída durante as enchentes de 1958. Exploramos o local e fiquei imaginando o trabalho que foi construir esta obra, utilizando braços humanos e tração animal.

Seguimos a caminhada agora em aclave, devagar, em meio a um caminho de pedras soltas, que compõem

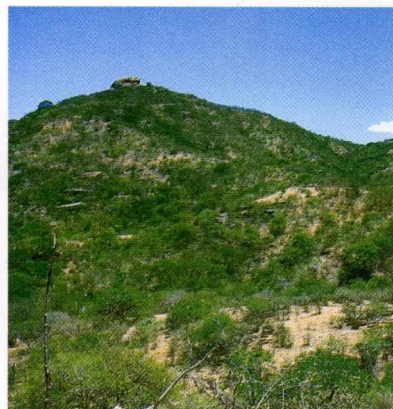
o leito seco do rio que abastecia a antiga barragem. Ao meio-dia o calor era insuportável, mas a idéia de conhecer este estranho lugar animava o grupo. Durante esta parte do caminho, contemplamos muitos lajedos de pedras, que na época do inverno se transformam em corredeiras. Mais um declive para aliviar e depois mais um aclave para penalizar e o altímetro do GPS marcando uma altitude de 430 metros.

Em dado momento paramos para descansar e já contemplávamos a pedra onde se encontra a Gruta dos Tapuias. Iniciamos a última parte da nossa subida. Próximo ao final, a vegetação da área já não era tão fechada, mostrando que existe retirada de madeira no local. Com a vegetação mais rala, o sol cobrava um preço alto pela nossa aventura. Agora era só ascensão, de vez em quando parávamos um pouco, seguindo devagar, mas sempre progredindo. Conforme subíamos tínhamos uma bela visão da região.

Aspecto da região que circunda a Gruta



A pedra lá em cima é o ponto a ser alcançado



**HOJE NINGUÉM
CONHECE AQUELE
ROCHEDO ESCALVADO
E NU, E PESADO
E NEGRO, COMO
A TRAIÇÃO QUE
SIMBOLIZA, QUASE
LENDÁRIO, A NÃO SER
ALGUM CAÇADOR QUE
SE VÁ ABRIGAR DOS
RAIOS INCLEMENTES
DO SOL, OU ALGUM
TURISTA OUSADO
QUE, COMO EU,
FOI REVIVER UMA
PÁGINA DO PASSADO,
EM MOMENTOS
DELICIOSOS, NO
AGUSTO SILÊNCIO
DAS GRUTAS
ABANDONADAS”**



Visual no alto da serra

A GRUTA DOS TAPUIAS

Finalmente chegamos ao grande bloco de granito que compõe a Gruta dos Tapuias, sendo esta rocha uma estrutura que possui em torno de 20 metros de altura e uns 3.500 metros de área. Como descreve “Dapraia”, duas fendas servem de entrada, onde uma pequena escalada coloca a pessoa dentro de uma parte da gruta. Como ponto de observação, quem está neste local, não perde nada do que ocorre na região, em nenhuma das direções.

Durante nossa exploração, infelizmente não foi encontrado nenhum registro de pinturas rupestres, ou de material lítico, ossos ou de outros vestígios que indicassem ter sido o local utilizado em tempos passados e que ali ocorreu uma grande atrocidade. Existe um local onde o solo é composto de sedimentos e uma escavação poderia, ou não, comprovar se o abrigo foi utilizado pelo grupo descrito no antigo artigo. Neste local, a leitura do altímetro do GPS confirmou 643 metros de altitude.

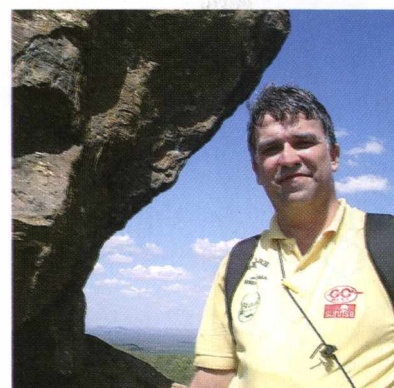
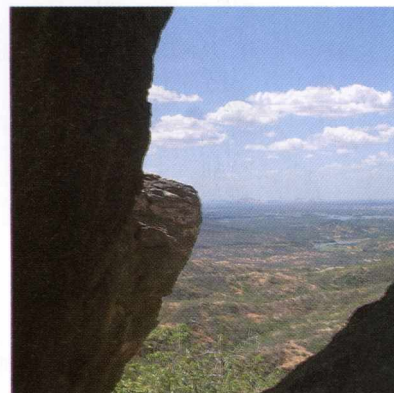
Espeleologicamente a Gruta dos Tapuias é um abrigo formado pelo deslocamento, ou desgaste, de grandes rochas graníticas, que, ao longo de milhões de anos, se acomodaram de tal forma, que foram criados naturalmente pequenos abrigos, sendo esta a característica normal da formação de cavernas graníticas nesta região.

Ficamos explorando tranqüilamente o local e o silêncio no alto da serra foi quebrado pela presença de um bando de macacos-prego, que ruidosamente chamava nossa atenção por ocupar seu território.

Após um tempo para descanso, iniciamos o retorno. Durante o trajeto, tal era o nosso desgaste, que todo nosso estoque de água acabou, tornando mais penosa a caminhada e só alcançamos o nosso veículo às cinco e meia da tarde.

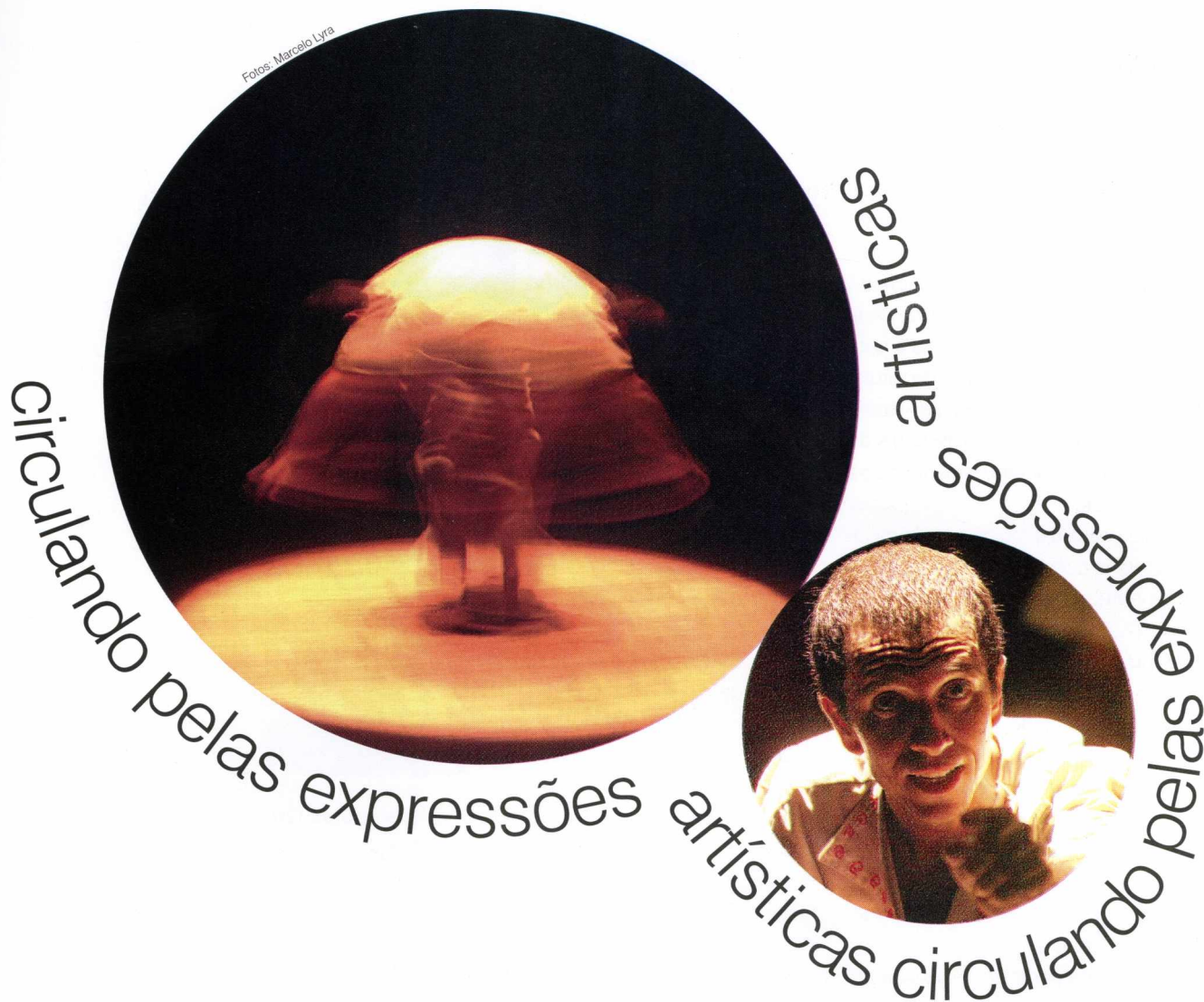
Através da leitura de obras como as produzidas por Olavo Medeiros, Fátima Martins Lopes e outros, percebi que não seria impossível, no final do século XVIII, um pequeno grupo de indígenas do grupo Tarairiú, continuar a sua luta pela sobrevivência em um local como a Gruta dos Tapuias. Estes indígenas poderiam ser das tribos Genipapo, dos Paiacu, dos Panacu-Açu, Caratiú, Ariú, ou os aguerridos Janduís, os Canindés, os Coremas, Panatis ou dos Pegas, que furtivamente buscavam manter um modo de vida fadado à extinção, em uma terra ocupada por brancos europeus, seus descendentes mestiços, seus gados e suas lavouras. Observei através da pesquisa que estes mesmos brancos não precisariam de muito estímulo, nem teriam maiores problemas de consciência, para massacrar um grupo errante de indígenas e manter as suas posses.

Mesmo comprovando que o articulista “Dapraia” havia estado no local, pois as suas descrições são extremamente fiéis ao local visitado, não concluímos se a história sobre o abrigo indígena era real, ou uma fantasia de um aventureiro, em um momento idílico, há oitenta anos atrás. Infelizmente não consegui descobrir a identidade do autor do artigo, se habitava realmente em Touros e o porquê da sua visita à Gruta dos Tapuias. ■



Rostand na Gruta dos Tapuias, depois de horas de caminhada

Fotos: Marcelo Lyra



Dançarino, músico e ator, o pernambucano Helder Vasconcelos fala sobre unidade da arte e cita o grupo Clowns de Shakespeare como referência do teatro no Nordeste

Por
Élida Mercês

Longe dos rótulos, mas sempre perto das técnicas. Essa é a visão de arte do dançarino, ator e músico pernambucano Helder Vasconcelos. Aos 37 anos e em pleno processo produtivo, o artista aposta na complementação entre as diversas expressões artísticas e leva todos esses elementos para o palco.

Para Helder Vasconcelos, a dança, o teatro e a música, por exemplo, estão ligados de maneira circular, o que viabiliza uma cultura e uma arte mais fortes. “A arte fornece ferramentas para educação, para o desenvolvimento e o acesso ao conhecimento, o que nos leva a uma consciência política mais forte. Tudo está ligado, e isso nos exige uma postura mais correta, o fato é que vemos as coisas muito isoladas e temos que quebrar isso. Você só se desenvolve se vir o desenvolvimento do outro, pois é isso que te dá parâmetros”, ressalta. É essa a filosofia que o artista, natural de Garanhuns (PE), segue em sua arte. “Um dos principais elementos para a evolução da arte é ver o fazer artístico. É dessa maneira que os referenciais são criados e aprendemos a processar as novas e antigas idéias. O Nordeste ainda circula pouco, e essa realidade precisa ser modificada, independente da expressão artística ou se ela é clássica ou contemporânea. Viajar, circular dá referências, dá suporte para a percepção e o artista tem que estar o tempo inteiro ampliando essa percepção. Não podemos ver a mesma coisa todos os dias, e isso vale para todos os seres humanos, mas especialmente para quem vive a arte. Ainda há dificuldades, mas temos que fazer um esforço. Se a arte não chega até você, vá até ela”, enfatiza Helder Vasconcelos.

Um dos idealizadores e ex-integrante do grupo musical Mestre Ambrósio, Helder Vasconcelos, passou seis anos em São Paulo com a banda e todo ano vai para Europa. “Precisamos sair para ver o que está sendo produzido no mundo e depois voltar para ajudar no desenvolvimento da nossa cidade. Em 1996 fui para São Paulo com Mestre Ambrósio porque queríamos mostrar o que estava sendo feito em Pernambuco e voltamos em 2002. Mas andamos muito”, afirma.

A maneira circular como vê a arte e a idéia que tem de que o artista precisa circular, podem ser vistas no fazer artístico de Helder Vasconcelos. Para ele, a vida é repleta de ciclos que em um retrospecto de sua vida aparecem de maneira clara, em datas marcantes. Não há dúvida de que para o pernambucano tudo gira. “Não tenho preocupação com a classificação. Crio e o resultado precisa definir o que é o espetáculo. Penso no espetáculo para expressar minha necessidade do momento e a cada ciclo novas necessidades vão surgindo”, observa. Helder Vasconcelos esteve no Rio Grande do Norte durante o mês de maio para participar do “Encontro de Dança Contemporânea do RN”, ministrando oficinas e apresentando seus espetáculos em Caicó, Mossoró e Natal. Segundo ele, a criatividade não depende de onde você está e cita como referência no Nordeste o grupo de teatro potiguar Clowns de Shakespeare. “Independente de onde eles estiverem eles se destacam. Eles fazem teatro aqui porque querem e se não fosse assim só teríamos coisas legais nos grandes centros, mas elas estão em toda parte”, observa.



Helder em "Espiral Brinquedo Meu", início de sua carreira solo

NO PALCO EM CÍRCULOS

O movimento circular é uma constante na vida e na obra de Helder Vasconcelos. Seu primeiro espetáculo “Espiral Brinquedo Meu” marca o início de sua carreira solo. “O espetáculo estreou em 2004, mas a idealização dele começou em 1998 quando assisti ‘Fí-gural’ de Antônio Nóbrega e senti que era aquilo o que queria fazer. Depois, em 2000, quando conheci o grupo de teatro Lume, com a peça ‘Café com Queijo’, senti que o espetáculo teve um impacto inexplicável em mim, algo aconteceu e foi nesse momento em que decidi participar das oficinas realizadas pelo grupo de teatro de Campinas”, lembra.

E foi das oficinas do Lume que surgiu a parceria para a produção de “Espiral Brinquedo Meu”, dirigido por três atores do Lume. “O Espiral é um espetáculo de transição. Tinha consciência do caminho que queria seguir, mas aquele momento era o desabrochar, agora já sinto que tenho outra linguagem”, explica Helder Vasconcelos.

O artista ressalta a inegável diferença entre trabalhar em grupo, como no Mestre Ambrósio, para o trabalho solo que hoje segue. “Não existe melhor ou pior, existe momento. No trabalho em grupo temos mais suporte e uma demanda maior por decisões. A opção por seguir uma carreira solo se dá quando o artista sente a necessidade de dizer algo que precisa dizer só, que já está pronto e não dá para ser modificado. No grupo, mesmo que você seja o direcionador, o resultado não é só seu. No solo você se fecha e decide tudo em termos de criação, concepção e atuação. Vale lembrar

que a carreira solo não significa trabalhar sozinho, existe uma equipe de trabalho, mas a criação e concepção são pessoais, o que não acontecia no Mestre Ambrósio”, enfatiza.

E é para o palco que Helder Vasconcelos leva todos os elementos que o completam enquanto artista. “O Espiral é um espetáculo que tem como fio condutor o teatro, porém também faço uso da música e da dança. No segundo espetáculo, ‘Por si só’, de 2000, quem conduz é a dança, mas todos têm tudo. Agora quero criar um que seja levado pela música”, comenta.

A mistura desses elementos artísticos é uma forte característica do trabalho de Helder Vasconcelos que não os vê de maneira isolada. Segundo ele, sua visão tem como base a tradição popular que carrega em si esse jeito de fazer arte. E foi essa influência da cultura nordestina que o ajudou a construir o personagem “Cão Miúdo” que interpreta no filme “O homem que desafiou o diabo”, baseado na obra “As pelejas de Ojuara”, do escritor potiguar Nei Leandro de Castro. “Desde 1996 tinha desejo de fazer cinema. Ainda no Mestre Ambrósio surgiu o convite para participar do ‘Baile Perfumado’, vencedor do festival de Brasília no mesmo ano. Porém, naquele momento, tinha outro sentido. Dez anos depois, minha trajetória me permitiu realizar este sonho”, afirma.

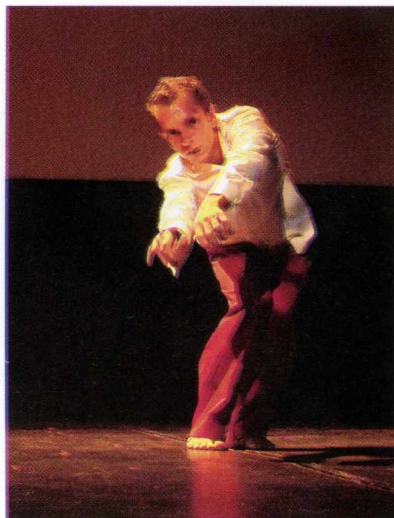
Helder Vasconcelos revela que o papel do “Cão Miúdo” foi oferecido para seu amigo e parceiro Antônio Nóbrega, que o indicou. “Este foi um trabalho que levei naturalmente e que me permitiu concretizar o desejo. Fui convidado para compor e interpretar o personagem e meu material foi muito



O ESPIRAL É UM ESPETÁCULO DE TRANSIÇÃO. TINHA CONSCIÊNCIA DO CAMINHO QUE QUERIA SEGUIR, MAS AQUELE MOMENTO ERA O DESABROCHAR, AGORA JÁ SINTO QUE TENHO OUTRA LINGUAGEM”

Helder Vasconcelos

Espectáculo “Por si só”



Gili Grossi

**Helder como
Cão Miúdo, seu
personagem no
filme “O homem que
desafiou o diabo”**



utilizado na composição. Fiquei à vontade naquele espaço cheio de elementos novos para mim, mas a generosidade de pessoas experientes como Marcos Palmeira, Moacyr Góes e o León Góes foi determinante neste processo”, diz. Apesar da naturalidade com a qual desenvolveu o papel no filme, o artista pernambucano ressalta que ainda pensou bastante antes de assumir a responsabilidade. “Quando conversei com o Moacyr Góes e percebi que ele queria exatamente o que eu tinha, vi que aquela realmente era a minha oportunidade”, comenta.

Helder Vasconcelos interpretou o personagem com o objetivo de dar ênfase às características do imaginário popular. “As pessoas pensam no diabo como um ser habilidoso, sarcástico, irônico, e para mim ele também é intenso, vigoroso e alegre.”, comenta o ator que aparece em sua primeira cena de “O homem que desafiou o diabo” girando, girando como na dança do Maracatu Rural e com o jeito de falar do Cavalo Marinho.

OS CICLOS

Para Helder Vasconcelos os ciclos de sua vida estão bem marcados e definidos, confundindo sua vida pessoal e profissional. “Essa confusão entre minha vida pessoal e profissional só reforça essa idéia de continuidade do círculo. Quem me vê no palco vê a essência do artista, que é a revelação da pessoa. Isso é arte. E a minha arte está ligada diretamente ao que vivi na minha infância”, comenta.

O músico, dançarino e ator nasceu em Garanhuns, mas viveu a infância em Caruaru. "Aos 11 anos fui pro Recife. É fundamental dizer que me criei com os pés descalços, enquanto me formava ator, músico e ator. Não segui carreira acadêmica artística, fiz o curso de Engenharia Mecânica, o qual concluí em 1993", lembra Helder Vasconcelos.

O artista ressalta que a arte foi algo que simplesmente aconteceu em sua vida. "Apesar de não ter formação acadêmica, não tive dificuldades para crescer no meio artístico. E isso também não foi proposital, visto que a arte foi consequência das atividades que praticava, com o esporte. Era impossível ficar parado, nunca deixei de jogar bola para ler um livro, por exemplo. Vivía na praia surfando, corri de bicicross durante oito anos e essa foi uma atividade para a qual me dediquei com seriedade, com fortes treinos e competições que exigiam disciplina", enfatiza.

Helder Vasconcelos ressalta como um momento importante em sua vida o encontro com o carnaval pernambucano, em 1992, especialmente com a brincadeira popular chamada Cavalo Marinho. "O Cavalo Marinho é um teatro de rua da Zona da Mata Norte do Estado e, assim como o Maracatu Rural, exerceu forte influência sobre mim. Até aquele momento eu era roqueiro, tocava guitarra, dançava em festas. Com o carnaval, tive minha formação de dança, de música e arte. Foram influências que puxei da minha infância. Hoje completo 17 anos dentro dessas tradições", revela.

Em 1992, o artista pernambucano começou a integrar em suas atividades tudo o que vinha fazendo. Um exemplo



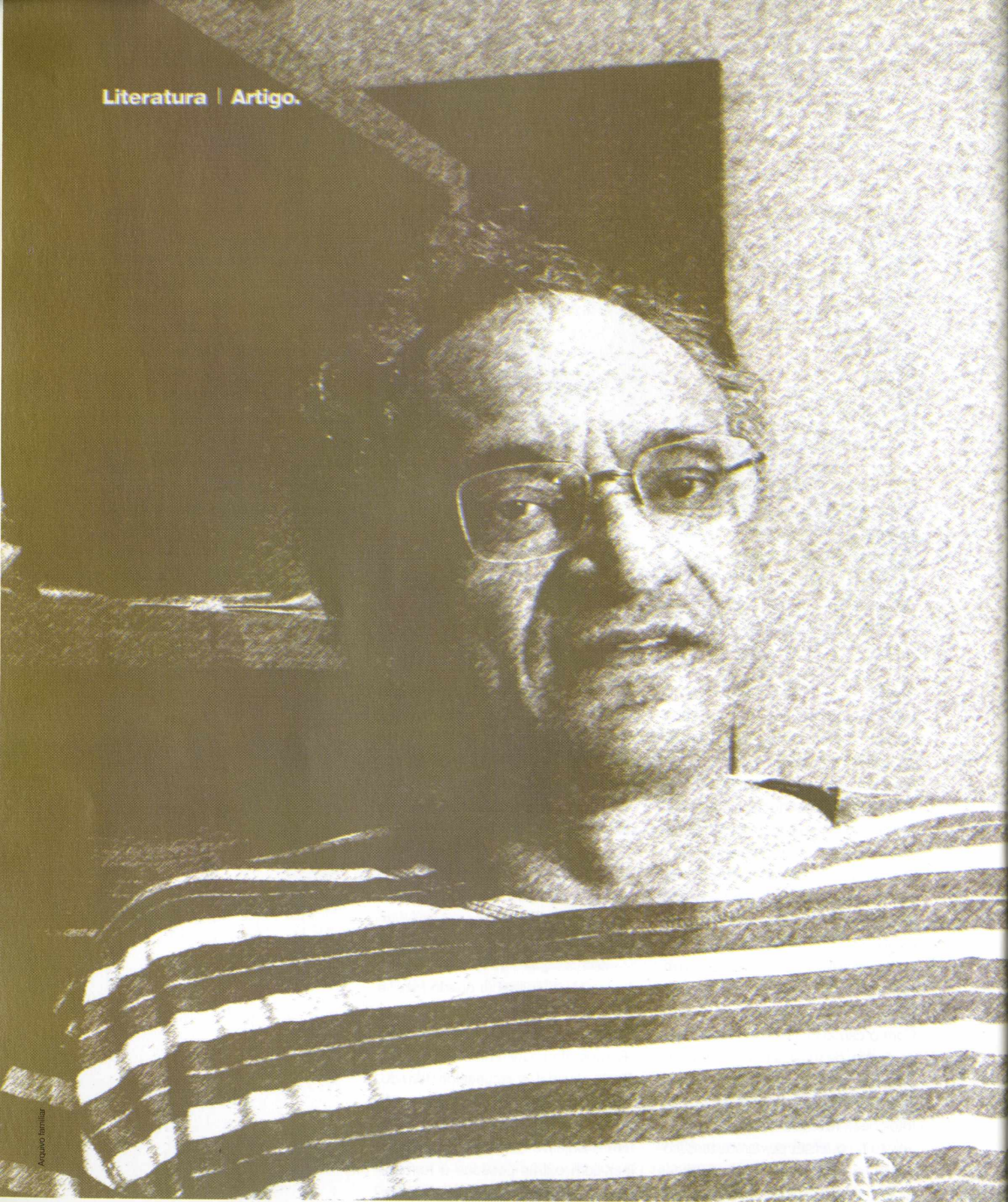
AS PESSOAS PENSAM NO DIABO COMO UM SER HABILIDOSO, SARCÁSTICO, IRÔNICO, E PARA MIM ELE TAMBÉM É INTENSO, VIGOROSO E ALEGRE."

Helder Vasconcelos

foi o trabalho do grupo musical Mestre Ambrósio, um dos filhos do movimento Mangue beat, trabalho no qual estiveram presentes elementos nordestinos como o forró, maracatu, coco, baião, caboclinho, ciranda e letras inspiradas nas tradições. "O ano de 1992 foi marcante por ter conhecido o Cavalo Marinho e por ter iniciado o Mestre Ambrósio. Um ano depois concluí o curso de Engenharia Mecânica, atividade que não exerci por já estar mergulhado na arte", revela. Depois do "Espiral Brinquedo Meu" e do espetáculo "Por si só", que foi um dos 25 selecionados pelo programa "Rumos Itaú Cultural Dança 2006-2007", Helder Vasconcelos formou, em março deste ano, um núcleo de arte em Recife. "Este novo projeto tem o objetivo de me permitir trabalhar com outras pessoas e formatar outros espetáculos. Já tenho o im-

pulso de formar um trabalho de rua. De fato, a criação me norteia. De repente algo começa a ser necessário e preciso formatar. Não é um processo longo, visto que a escola de onde vim elas são criadas à medida que estão sendo feitas. Não sou fechado para conhecer teorias, técnicas e pesquisas, até porque tudo precisa de técnica, existem regras e também aprendi isso. Meu trabalho não é solto, ele está em constante processo de aperfeiçoamento", enfatiza.

Sobre o futuro e os novos ciclos de sua vida, o músico, ator e dançarino afirma que pensa grande. "Não fomos feitos para pensar pequeno. O Universo é grande, tudo é muito na natureza. Somos ilimitados e o processo de criação te dá possibilidades infinitas. E só entrar nesse fluxo da imensidão", diz. ■



O mestre do traço

Por
Rafael Duarte

Edmar Viana é um personagem. Desses que as tiras, os quadrinhos, as charges e os cartuns mantêm vivos, passe o tempo que passar. Magro, alto e míope, um prato cheio para o dono de um traço afiado. Mas Edmar foi além dessa caricatura. A simplicidade relatada por quem conviveu com ele e o olhar humano voltado para o cotidiano presente por toda obra realçavam mais do que qualquer outra característica.

Na história do traço potiguar, Edmar desenhou uma trajetória imponente. Carregada de humor, mas sobretudo de espírito crítico. Seja nos quadrinhos com a turma do Grupo de Pesquisas em Histórias em Quadrinho (Grupehq), mergulhado em projetos pessoais ou nas páginas dos principais jornais do Estado, onde se dedicou por mais de 30 anos, Edmar Viana virou marca.

O primeiro incentivo veio de casa. O pai, Edgard Ribeiro Viana, estimulava os desenhos do filho do meio. Numa família de oito filhos homens, Edmar foi o primeiro a despontar para a arte. Fã de histórias em quadrinhos, seu Edgard atiçava a curiosidade do filho quando trazia as revistas para casa. A profissão do pai (agente do IBGE) foi responsável por apresentar o interior potiguar ao futuro cartunista. Durante 11 anos, o município de Nova Cruz foi a casa da família Viana. "O pai dele rodava o Estado como agente do IBGE e por conta disso acabaram morando em Nova Cruz por um tempo. Foi na infância e adolescência que Edmar se entusiasmou tanto pelos quadrinhos que pegava os papéis de proteção de filmes fotográficos do pai e, em cada quadradinho daquele, criava as cenas das próprias histórias", conta Iracema Araújo, jornalista e geóloga com quem Edmar foi casado por 15 anos.

A paixão pelos quadrinhos, no entanto, foi apenas um dos grandes amores colecionados por Edmar Viana. Com o tempo, o Fluminense e o Alecrim ganharam destaque no coração e no traço do chargista. Sobre a preferência do marido, Iracema não pensa duas vezes. "Era o Fluminense. Ele passou a torcer para o Alecrim porque tinha o verde também. Mas Fluminense foi a grande paixão de Edmar embora ele tenha sido até presidente do Alecrim", conta.

Edmar não fazia questão de esconder o amor pelo tricolor carioca. Tanto que no dia seguinte à final da Copa do Brasil 2007, conquistada pelo Fluminense, o Cartão Amarelo trouxe o próprio Edmar comemorando e, de longe, o parceiro Everaldo Lopes comentava a cena para o diretor de redação do jornal, Carlos Peixoto:

"Chefe, desde que o Fluminense foi campeão, o homem não quer mais trabalhar"

Arquivo familiar



Além de demonstrar todo o amor pelos clubes de coração, não foram raras as vezes em que Edmar também se colocou como personagem da própria obra. "Edmar via o mundo como a sociedade via e às vezes se desenhava. Mas não era para se exaltar, até porque a simplicidade era uma de suas principais qualidades. Antes de começar um desenho, tirava os óculos, cruzava as pernas e era capaz de se inserir no desenho", relata Iracema.

Nas charges publicadas nos jornais, Edmar dava destaque a uma gente comum que, ao contrário dos políticos que ironizava, costuma ostentar apenas simplicidade. Na lista de personagens anônimos do traço dele entravam apo-



**NAS CHARGES
PUBLICADAS NOS
JORNAIS, EDMAR
DAVA DESTAQUE
A UMA GENTE
COMUM QUE,
AO CONTRÁRIO
DOS POLÍTICOS
QUE IRONIZAVA,
COSTUMA
OSTENTAR APENAS
SIMPLICIDADE.**

sentados, trabalhadores, desempregados, enfim, o que há de mais comum na sociedade brasileira.

Mas também deu nome a algumas crias. A mais famosa nasceu no início da década 80 e recebeu a carinhosa assinatura de Pivete. Num poema, de 1995, o cartunista definiu assim seu personagem mais querido:

É Zé, Dedé, Pelé
Vendedor de Picolé
Pastorador de carro, de canto na fila
Tem bicho-de-pé
Merece cuidado, carinho, atenção
Às vezes cascudo, bolacha, tapão

É assim:
Pede, comove, implora, chora,
debocha
É bom de biloca, de bafo, de bola
Bom de recado, é ator de esmola

Defende um trocado
Na briga, suado
Um restinho de comida
Brinquedo quebrado

Qualquer coisa
Menino moleque
Menino Pivete
Pivete moleque.

Hoje, a saudade que o Pivete sente do pai é comparada à mesma falta que Edmar Viana faz à família, aos amigos mais próximos e aos fãs que conquistou e o acompanhava pelos jornais.

Indagada sobre como Edmar desenharia o momento desta saudade, Iracema afirma com uma certeza concreta: “Ele não desenharia. Edmar tinha muita vontade de viver”, disse. No último contato que teve com o marido, na manhã do dia 24 de janeiro de 2008, o cartunista contou feliz da vida no café da manhã sobre o convite que recebera do jornalista Alexandre Mulatinho para retratar, nas paredes de um bar, a figura dos 30 boêmios mais importantes da cidade.

Era véspera de mais um carnaval em Ponta Negra e o bloco Poetas, Carecas, Bruxas e Lobisomens, criado por ele, Iracema e um grupo de amigos, se preparava para sair pelo quarto ano consecutivo. Mesmo no leito do hospital, Edmar botou o bloco na rua. Dois meses depois, dia 26 de março, o coração do cartunista parou. Chegara a hora do traço mais inteligente do humor potiguar virar história.





OS JORNALIS

A vida profissional de Edmar Viana nos grandes jornais do Estado passa, necessariamente, pela carreira do jornalista pernambucano radicado em Natal Everaldo Lopes. A dupla, por mais de 30 anos, dividiu a marca mais forte da charge potiguar: o Cartão Amarelo.

Everaldo Lopes assina, hoje, a coluna esportiva Apito Final, publicada diariamente na Tribuna do Norte. Pesquisador respeitado do futebol norte-rio-grandense, o "professor", como é chamado pelos colegas de redação, lembra que o espaço conquistado por Edmar, ainda no Diário de Natal, se deu pela ousadia do cartunista. "Eu trabalhava na rádio Poti ainda nos anos 60 quando o pessoal do Poti (o jornal, que nessa época circulava diariamente) me convidou para assinar a coluna 'Galho de Urtiga'. No início era uma coluna mesmo, mas depois me deram meia página e vi que tinha que ter ilustração. No início dos anos 70, o jornalista Franklin Machado me sugeriu a mudança do nome da coluna para Cartão Amarelo, por conta da novidade que era o cartão amarelo no futebol e aceitei. No sul do país havia um chargista chamado Borjalo, que fazia um personagem que não tinha boca, e eu copiava aqueles bonecos, mas era uma coisa malfeita mesmo. Até que em 1973 recebi um bilhete com um boneco que também era malfeito, mas eu gostei porque o autor ridicularizava o personagem. Era o Edmar Viana", recorda.

Nascia ali, naquele bilhete mal-ajambrado, uma estreita relação que ganharia as páginas dos jornais e cativaria fãs em todo o Estado. De fato, até ser contratado pelo então diretor Luís Maria Alves, Edmar enviou duas charges para a redação do jornal em 1973, ambas republicadas, em 2005, na abertura do livro comemorativo aos 30 anos do Cartão Amarelo. A primeira, em 14 de julho, trazia o goleiro Bastos, do time da Cosern, levando um frango. Acima, o texto explicativo:

O CURIOSO É QUE, QUANDO SE MUDARAM DE MALA E CUIA PARA O JORNAL CONCORRENTE, EVERALDO LOPES E EDMAR VIANA MANTIVERAM O NOME CARTÃO AMARELO. O MESMO FEZ IVAN CABRAL. A DIFERENÇA É QUE DURANTE UM ANO A TN TRAZIA UMA RESSALVA EMBAIXO DA CHARGE: 'O LEGÍTIMO'.

"Em vez do Bastos estar se preocupando com sua linda cabecinha, deveria jogar mais futebol, para não tomar um frango como este aí..."

No mês seguinte, dia 4 de agosto, o alecrinense Edmar ironizava a excursão que o ABC faria, naquele ano, à África. A charge mostra os jogadores do alvinegro assustados com a chegada da equipe do "Canibalewo". A mensagem enviada com a charge dizia:

"O ABC vai enfrentar uma tribo na África, pois, como se sabe, lá não há times"

O RACHA

Como contrapartida para ter o chargista e ilustrador na equipe, Luís Maria Alves pagava a Edmar o que Everaldo chama hoje de "prolabore vagabundo, acho que era meio salário mínimo". Aos poucos, no entanto, o reconhecimento foi chegando e, em 1988, após ver negado um pedido de aumento, Edmar Viana deixa o Diário de Natal.

A atitude do chargista, embora justa, deixaria mais seqüelas do que o imaginado. Everaldo Lopes não sabia do ocorrido até ser avisado por um funcionário do jornal. O problema é que a demissão de Edmar custou, também, a demissão do próprio Everaldo. O motivo da reação intempestiva do diretor do Diário até hoje é um mistério. "Eu estava em casa, aguardando o jardim, quando o mensageiro do Diário chegou dizendo que eu deveria passar no setor pessoal para acertar as contas. Eu não entendi nada, até

porque tinha prestígio naquele tempo. Um amigo me perguntou o porquê da demissão e eu disse que não sabia. Ele, então, foi até o velho Luís Maria Alves que lhe respondeu: 'foi roubo muito!'. Esse meu amigo não entendeu e eu fiquei sem entender mais ainda. Roubo? Só se eu tivesse pego uma bobina daquelas! Mas isso durou apenas quatro dias, até Antônio Melo, da Tribuna do Norte, mandar chamar a mim e a Edmar", conta.

Antes de fechar o assunto Cartão Amarelo, só um detalhe: quando saiu do Diário de Natal, Edmar foi substituído pelo jovem chargista Ivan Cabral, que segue até hoje no DN. O curioso é que, quando se mudaram de mala e cuia para o jornal concorrente, Everaldo Lopes e Edmar Viana mantiveram o nome Cartão Amarelo. O mesmo fez Ivan Cabral. A diferença é que durante um ano a TN trazia uma ressalva embaixo da charge: 'o legítimo'. "Eles continuaram, mas desistiram depois de ver que não iríamos mudar", conta Everaldo rindo, hoje, da arenga.

CASA NOVA

O ano de 1988 selaria de vez o destino entre Edmar Viana e a Tribuna do Norte. No jornal da família Alves, o chargista cresceu e apareceu. Em 20 anos, Edmar seguiu tabelando com Everaldo no Cartão Amarelo, ilustrou outras colunas, como a assinada pelo jornalista Carlos de Souza sobre cinema, música e literatura, ganhou um espaço próprio na página 2, onde expressava a visão popular sobre os fatos políticos que marcaram o país e, nos últimos meses, passou a ilustrar, a pedido do diretor de redação



do jornal, Carlos Peixoto, o espaço "O traço e a notícia", na página 6, onde são publicados os artigos assinados por colaboradores da TN. "Segundo Iracema (viúva de Edmar) me disse, ele estava vibrando nos últimos dias com essas ilustrações. Eu queria tirar o peso da página 6, que traz os artigos. E ele sintetizava toda a crítica. Geralmente trazia sugestões e tinha muita percepção jornalística", lembra Peixoto.

A chegada a TN é vista por Everaldo como o início dos melhores momentos da dupla. Não por acaso, o país vivia os tempos de reabertura política, o que acabava refletindo nos jornais. E não poupa elogios ao parceiro. "Na Tribuna ele evoluiu bastante. Logo se separou da primeira esposa, aí é que se soltou mesmo. Edmar era um fenômeno. Fazia uma charge em dez minutos. Chegava à redação no final da tarde, eu dizia a idéia que tinha pensado para a charge, ele descia para o arquivo e quando menos esperava ele chamava: 'não quer carona, não Everaldo!' Saíamos juntos do jornal e acho que acabei sendo um confidente dele", conta.

O JORNALISTA

Para o jornalista Carlos Peixoto, Edmar tinha uma visão completa do que era uma charge para jornal. "Ele não tinha só a percepção gráfica, mas sobretudo jornalística. Há 20 anos ele era muito bom e já era o melhor", ressalta.

Embora formado em matemática, o jornalismo fluía nele como uma espécie de dom. "Se você mandasse Edmar cobrir um evento, ele voltava e escrevia um texto com o lead e todas as técnicas que pede um texto jornalístico. Edmar tinha essa facilidade, um feeling próprio", analisa.

Apesar de empolgado com os projetos, Edmar acreditava que as pessoas passaram a dar mais valor ao seu trabalho depois que começou a atuar na assessoria de comunicação da Cosem e na comissão de análise dos projetos culturais que a empresa patrocinava.

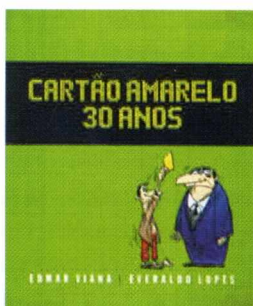
Iracema Araújo frisa que a constatação não chegava a ser uma frustração para o chargista. "Ele gostava muito do trabalho na Cosem, até porque ficou mais valorizado. Na época do apagão, ele ficou em destaque. Não é que ele era frustrado, mas falava disso sim", lembra Iracema.



Ô MULHER, TÔ VENDO
AQUI NO JORNAL A FOTO
DOS VELHINHOS DO ROLLINGS STONES,
EU ACHO QUE PAREI DE
CANTAR MUITO CEDO...!



ELE É IRMÃO DO CUNHADO
DA SOBRINHA DO SOGRO DO TIO
DO MEU PRIMO DE SEGUNDO GRAU...
JURO!



O diretor de redação da TN tem uma visão crítica e até certo ponto polêmica sobre o assunto. "O jornalismo impresso do RN não é formador de opinião, tem um poder de penetração limitado", destaca. Para ele, essa constatação de Edmar está relacionada com a cultura do jornalismo potiguar. "Isso é verdade. Aqui no RN, o jornalista não é reconhecido pela sua função de jornalista, como acontece no sul e sudeste do Brasil. No RN o cara é reconhecido pelo trabalho que faz no serviço público. O jornalismo daqui não tem o mesmo peso que tem lá fora", analisa Carlos Peixoto.

CENSURA

A prática autoritária da censura não foi problema para Edmar. Esperto, driblava a possibilidade com ironias e muito humor. Peixoto ressalta que o chargista nunca foi impedido de publicar nada. "Edmar nunca teve uma charge censurada nesses 20 anos. Também nunca foi proibido de desenhar Aluizio Alves, por exemplo. Mas como em toda empresa, você tem que ter bom senso", explica. Iracema também não lembra de ver o marido reclamando de qualquer restrição e faz questão de ressaltar que Edmar via o mundo com os olhos do povo. "Ele tinha uma forma humana de ver as coisas. Edmar se preocupava muito com os aposentados, as minorias, refletia muito a questão dos direitos", conta. Puxando da memória, Everaldo Lopes lembra de uma única charge de Edmar que não passou. Na época, anos 70, o Cartão Amarelo ainda ilustrava as páginas do Diário de Natal. "Essa faz tanto tempo... o ABC estava em crise e o Edmar desenhou o Alberi jogando basquete com a bunda de fora.

REFERÊNCIA

Representante da nova geração de chargistas e cartunistas do Rio Grande do Norte, Amâncio é outro profissional do traço que tem Edmar Viana como referência na profissão. Para ele - que chegou a substituí-lo no jornal TRIBUNA DO NORTE duas vezes durante férias do cartunista - o Cartão Amarelo virou sinônimo de charge no Estado. Amâncio lembra das dicas que recebia quando ambos se encontravam num boteco ou em eventos da cidade. "Edmar, para mim, foi como um professor. Me serviu de referência. Quando comecei a fazer charge, há dez anos, participei de uma oficina que ele deu na UnP. A história do Cartão Amarelo é engraçada porque virou sinônimo para a charge aqui no RN. Já teve dia em que alguém vinha me perguntar de alguma charge que tinha feito e dizia: 'ei, ficou legal aquele seu Cartão Amarelo!,' ou seja, virou uma marca", analisa. Com o tempero de humor peculiar aos artistas do traço, Amâncio não esquece a história de como conseguiu o livro "30 Anos de Cartão Amarelo", lançado em 2005, sem gastar um tostão. Quando chegou ao coquetel e viu que a obra custava R\$ 30, não pensou duas vezes e apelou para o colega de profissão. "O lançamento do livro foi no late Clube e não sabia que o livro custava R\$ 30. Edmar estava autografando quando cheguei e disse: 'Pô Edmar, vim para o lançamento, mas estou liso. Você sabe como é a vida de chargista, né?' Aí ele me olhou e disse que ia separar um para mim", conta rindo, hoje, do "migué". ■

A Feira

Por
Volney Liberato

A feira é e sempre foi uma instituição em todo o sertão nordestino, assim como o burro de sela, a vaca leiteira, a espingarda lazarina (com o currúmboque e o polvarinho), a faca "quicé", o matulão, o chapéu de couro e a cachorra "baleia".

No Seridó, a feira não poderia fugir a regra e sempre representou, para todos, ricos e pobres, o centro de convergência, não servindo apenas para a compra e venda de mercadorias, mas sobretudo para entabular negócios, botar os assuntos em dia, rever amigos e compadres, acompanhado sempre de uma talagada de cana com tira-gosto de preá, numa barraca típica ou numa bodega da ponta da rua.

A feira, em todos os tempos, também serviu para socializar as nossas gentes rurais, introduzindo-as nas vilas e cidades, misturando-as com as gentes do burgo, num entrelaçamento quase que perfeito, se não fossem as agruras que ela também inspira, como as brigas e os crimes que se cometem, sejam por rixas antigas, vinganças ou por pura perversidade. É na feira que também se reúne a grande fauna de tipos populares: jogadores, matutos, ciganos, prostitutas, marreteiros, cantadores, vendedores de banhas milagrosas, loucos,

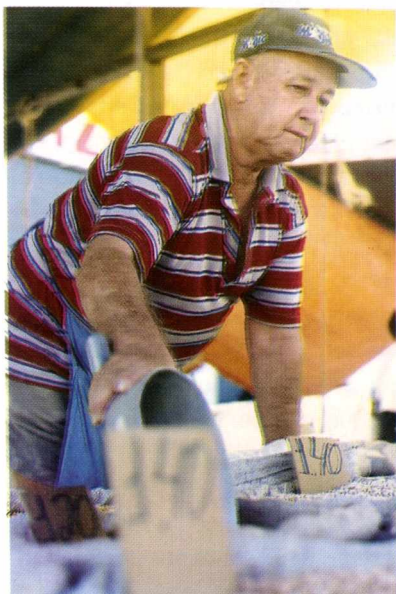
Fotos: Mary Land Brito



mendigos, bêbados, soldados, valentões, ladrões e, principalmente a figura do "tapia" de jogo de azar. Tapia, na linguagem seridoense, é aquele que é pago pelo dono da banca para simular acertos no jogo com o fim de atrair os incautos.

Era na feira que antigamente os casamentos eram "arranjados"; que os namoros se iniciavam; que as sociedades eram seladas; que os apadrinhamentos eram feitos; e por que não dizer também que os ardis eram tramados? Sim, porque em toda a bibliografia do cangaço, os entreveros eram resolvidos "na feira", principalmente ao cair da tarde, numa emboscada na volta para os ranchos e sítios, quando os caminhos se mostravam ermos.

A música "Feira de Mangaio", de Sivuca, retrata fielmente a paisagem alegre e folclórica de qualquer feira do interior do sertão nordestino (sim, porque todas as feiras são iguais, resguardadas apenas as proporções),



assim como também a música do mestre Luiz Gonzaga "Feira de Caruaru", sua antecessora, mostra com precisão cirúrgica a aquarela da maior feira do Nordeste, a feira de Caruaru de mestre Vitalino. Alceu Valença em uma de suas jóias musicais retratou uma cena lúdica de um fim de feira, quando disse: "eu só acredito em lama/se for escorregadeira/como casca de banana/tobogã de fim de feira..." - realmente, após qualquer feira, mais precisamente na parte de venda de frutas, ficam amontoadas palhas de banananeiras secas e cascas de bananas comidas pelos feirantes e compradores, transformando-se em armadilhas cruéis para os transeuntes.

E por falar em feira, a feira de Currais Novos foi iniciada oficialmente ainda em meados do século XIX, imediatamente de frente onde hoje localiza-se o Restaurante Discot, na atual Praça Cristo Rei. Depois, ainda na mesma época, com a construção das duas alas de quartos, pelo Coronel José Bezerra e Capitão Joca Jerônimo, transferiu-se para o espaço entre as duas praças (Cristo Rei e Tomás Salustino). Com a construção do mercado, aproveitadas que foram as duas alas de quartos, continuou a feira no mesmo local até o início dos anos 40, quando foi transferida para o lado oposto, isto é, para o oeste do mercado, no largo entre a prefeitura municipal e a Rádio Currais Novos. Em meados dos anos 50 a feira foi novamente transferida, desta vez para a Rua Lula Gomes, para depois, já em 1972, ser transferida em definitivo para a Rua Laurentino Bezerra, na administração do Dr. Gilberto Lins.

Nessa feira da Rua Lula Gomes, lembro-me muito bem do "Beco da Troca", que ficava no "Beco de Chatô" (parte da Rua Tomás Pinheiro), dividindo com a bodega de Vermites Abdias e Casa de Couro de Doca Pires... Moisés Grande, já declinado comercialmente, mantinha uma banca de miudezas na esquina dos Correios, virada para o mercado. Ali, naquele beco, pude perceber figuras exorbitantes, como o cego Gabriel, por exemplo, que fazia versos para os passantes da mesma maneira que fazia também para os ingratos... E de uma certa feita, lembrei-me agora de uma sua, das boas: ia passando uma senhora e ele pediu uma esmola; como a senhora disse "perdoe", ele inventou na hora:

"Senhora não dê perdoe pois eu não posso aceitar, perdoe é muito pesado e eu não posso carregar, botei perdoe no fogo, perdoe não quis cozinhar". ■



Os

homens da torre

Por

Alexis Peixoto

Ontem os doentes tentaram escalar a parede do posto de observação. Graças a suas unhas podres e seus braços sem carne e fracos demais para sustentar o peso da carcaça não conseguiram chegar muito longe. Dos que tentaram, metade caiu de volta deixando de lembrança alguns pedaços de pele presos entre as frestas dos tijolos; o resto simplesmente desistiu e resolveu permanecer no lugar onde a escalada terminara. Agora temos um punhado de gárgulas putrefatas à nossa volta, incrustadas em volta da torre. Seria um belo e original adorno ao nosso prédio surrado se elas não gritassem tanto.

A rotina segue tediosa no posto de observação. Desde que chegamos aqui, a escalada frustrada foi o único esforço que os doentes fizeram para perturbar a ordem. Tudo acabou em menos de meia hora sem que qualquer intervenção nossa fosse necessária. Ficamos terrivelmente decepcionados. Foi-nos muito doloroso admitir que a nossa primeira oportunidade de fazer algo útil neste lugar escorreu feito vômito pela parede, de volta para o poço escuro lá embaixo. Sutil e silenciosamente nos demos conta de que essa primeira oportunidade de nos mostrarmos úteis muito provavelmente foi a única e que o resto de nosso tempo de serviço está fatalmente destinado à observação passiva das engrenagens da torre e ao polimento eterno de nossas botas que nunca estão sujas.



Resignados, afastamo-nos das janelas e das gruas das metralhadoras e caminhamos de volta ao alojamento, deixando o faroleiro sozinho outra vez, já de volta à sua cadeira habitual, o olhar posto no relógio, acendendo outro cigarro enquanto espera a hora de acender a lâmpada, sua única e trágica obrigação diária.

Já não conseguimos mais dormir, nem comer, nem falar sobre outra coisa. A expectativa frustrada de pôr nosso treinamento em prática exerceu um efeito devastador sobre todos. Durante horas nos reunimos no deque de observação a olhar para a paisagem de infectados, apontando e imaginando os diferentes rumos que a situação poderia ter tomado, considerando cada ângulo possível e cada maneira diferente de proceder que poderíamos ter adotado, caso nos tivesse sido dada a oportunidade. O ponto alto de nossos dias é atingido nessas discussões inflamadas. Planos de ação militar jorram dos homens como saliva da boca dos namorados. A retórica é a moeda corrente entre os oficiais dos diferentes departamentos, que já não respeitam suas obrigações originais, tomando a liberdade de opinar na área de atuação de quem quer que lhes pareça menos inteligente.

O pessoal do departamento de mecânica bélica, por exemplo, insiste que tudo se resume a um plano mais elaborado da parte dos doentes. Os chefes daquele departamento parecem não tirar da cabeça a idéia de que a escalada foi apenas a primeira tentativa dos condenados e que mais dia menos dia eles voltarão à carga de alguma forma surpreendente e brutal. Não se cansam, os oficiais de mecânica bélica, de nos alertar do perigo que corremos ao subestimar a capacidade de planejamento dos moribundos. Desnecessário dizer que essa idéia é considerada infundada pelos encarregados do departamento de inteligência e informação. Uma vez que atravessam os campos com freqüência, indo da nossa torre até o próximo posto do Controle onde entregam relatórios vazios, estes oficiais classificam o caso como um incidente isolado, embora não hesitem em culpar a administração por desperdiçar bons homens em tarefas tão mundanas quanto a manutenção de um posto observatório no meio do deserto doente. O tempo inteiro falam em contatar outras torres e convencê-los a se insurgir contra o Controle Central. Os engenheiros do departamento neurológico não dão importância para esse tipo de reclamação. Compenetrados, reúnem-se em grupos de três ou quatro no deque, discutindo sobre os motivos que levaram os doentes a tentar escalar o muro. De acordo com sua ótica particular de engenheiros, todas as criaturas vivas são conscientes de suas condições físicas e mentais. Logo, parece óbvio que qualquer criatura acometida com a praga saberia não possuir a

constituição física necessária para atravessar uma rua ensolarada sem deixar um pedaço de carne no pavimento. Escalar uma torre de observação, então, seria algo próximo ao suicídio.

Antes que pudéssemos perceber, as assembléias passaram a soar enfadonhas e repetitivas, como se fossem pré-escritas e ensaiadas. Alguns de nós preferem se abster da discussão em si e passam o tempo adivinhando qual será a próxima fala dos outros colegas. E em geral, acertam com surpreendente precisão.

Finalmente, convencemo-nos de que todos os aspectos possíveis do caso já foram abordados. Caímos mais uma vez em profunda melancolia. O setor de infantaria, tradicionalmente dado a impulsos e iniciativas geniosas, decidiu inventar uma nova modalidade de passatempo para levantar o moral. A brincadeira consiste em atirar nos doentes que haviam ficado agarrados à parede da torre, os homens apostando em sua perícia assassina individual para tentar arrancar das gárgulas os maiores pedaços. Aquele que conseguir infligir mais danos ao alvo ganha o prêmio máximo. A diversão alegra o espírito de todos e rende as primeiras risadas em muito tempo, até que o Controle Central, de alguma forma, é notificado e envia um comunicado proibindo expressamente o uso indevido de munição.

Continuamos a representar nossa ridícula representação burocrática. Já nos acostumamos com o grito incessante dos doentes agarrados à torre.

O faroleiro é o mais idoso entre nós. A luz do farol incidindo sobre ele, deixa-lhe com uma cara esquisita, seu rosto mole e cheio de sulcos, tiras de pele sobrando nas bochechas e orelhas, como se fosse uma paisagem deserta e sem água. Quando sorri não tem dentes, maçãs esticadas como se pequenas mãos invisíveis puxassem as bochechas de borracha para baixo. Nenhum de nós sabe nada de concreto sobre ele, exceto que sempre foi o encarregado do farol da torre. Ninguém que more no posto de observação se lembra de muita coisa do dia em que chegou, exceto do faroleiro. Alguns dizem que foi ele quem construiu a torre de observação. A maioria acredita que ele é o verdadeiro chefe do gabinete provincial do Controle Central e que os comunicados que de lá chegam é ele quem redige e emite de dentro do próprio posto. Como prova irrefutável, os que defendem essa idéia atentam para o fato de o faroleiro ser sempre o primeiro a ouvir a campainha de comunicação, antes que qualquer um sequer perceba seu toque.

Naturalmente, a primeira coisa percebida quando acordamos hoje foi que o faroleiro não estava onde deveria estar.

Os homens do departamento de infantaria correram para as armas, certos de que se tratava de alguma forma de seqüestro, uma represália da parte dos doentes. Como todos se lembrassem ao mesmo tempo da teoria conspiratória a respeito do faroleiro, logo descartaram tal hipótese, assumindo que o velho havia se ausentado para prestar contas ao escritório mais próximo do Controle

Central e que provavelmente daria um jeito de interceder por nossa situação. Independente de quem tenha sido o autor dessa teoria tola, aquilo nos trouxe conforto e otimismo. Mesmo passados oito dias do sumiço do faroleiro, ainda há os que acreditam que ele retornará trazendo boas-novas.

Quando foi atingida a marca do vigésimo dia, os ânimos voltaram a cair. A esta altura já parece impossível que o faroleiro volte. As assembléias no deque foram restauradas e agora se ocupam em especular o que teria acontecido ao velho. A opinião, ainda que absurda, de que os doentes teriam algo a ver com o desaparecimento é risível, mas em nós permanece como a mais óbvia. Os que insistem na ligação entre o desaparecido e o Controle Central enxergam o caso de uma perspectiva mais sombria, que logo ganha perigosa popularidade entre os que participam do debate. Para esses, o sumiço do faroleiro pode ser interpretado como o término da ligação entre nossa torre e os gabinetes superiores do Controle. Isso, embora signifique que estamos por conta própria no que diz respeito a mantimentos e assistência tática, também nos deixa livres das normas de conduta impostas pelo regulamento militar. Após anos de obediência forçada, a idéia foi recebida com a ânsia de um faminto. Em poucos minutos, todos estão eufóricos com a súbita notícia de sua liberdade contratual. Antes que se possa recuperar o fôlego de uma gargalhada, as armas deixam os armários e pousam nas mãos dos oficiais que se dirigem para o portão de saída no pé da torre. Um a um, saímos para o exterior descolorado, os olhos injetados de alegria sangüinária. Os doentes, inertes e empilhados na relva, abrem os braços e as bocas para nos receber. Os que conseguem se erguer aguardam com impassível expectativa o nosso avanço. Também eles, há muito tempo, esperam por uma saída deste estado de letargia no qual tiveram o azar de serem incluídos.

Como uma grande ameba cancerosa, a mancha de doentes permanece inerte esperando pacientemente para engolir os homens que saem da torre. Depois dos primeiros, a massa de carne se dá conta da situação e trata de avançar por conta própria, tomando de volta aquilo que julgava lhe ter sido extraído. Com tranqüillidade, ignoram os tiros que lhe assobiam no pé do ouvido ou explodem cinzentos em seu peito; avançam lentos com as falanges secas e as unhas gelatinosas à frente. Amparados pelo involuntário conhecimento fisiológico que se adquire após testemunhar cada órgão do corpo definhando, apodrecer e cair como um dente cariado, os doentes se servem com fervor dos homens dos quais conseguem se aproximar.

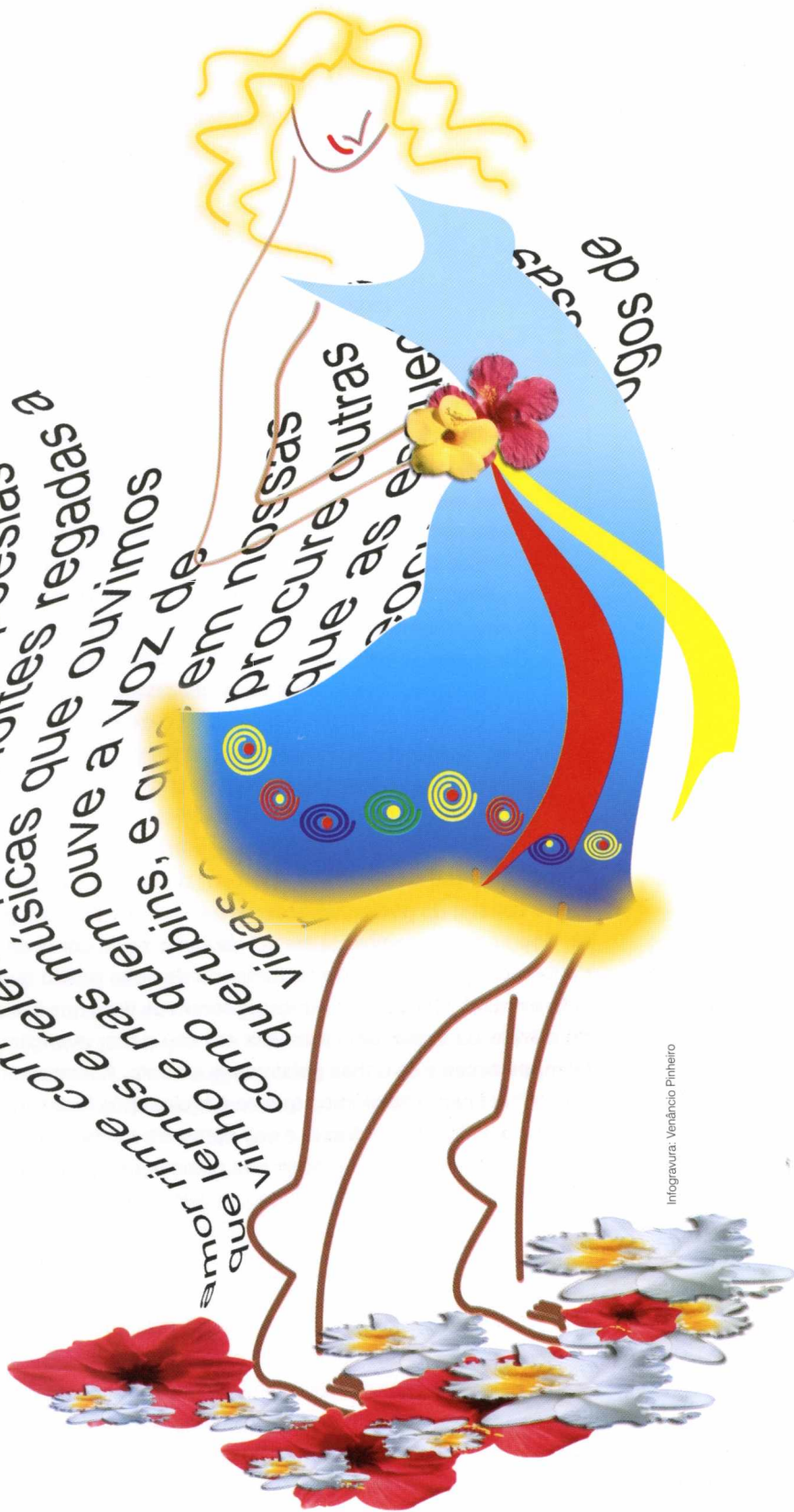
Pulmões, fígados, corações e globos oculares estão entre os itens mais procurados pelos infectados. Com as mesmas mãos que fazem a coleta, os desgraçados tentam inserir no corpo as novas peças, abrindo buracos nos peitos ossudos ou empurrando amígdalas inúteis garganta abaixo. Em geral, caem e arrebatam as sobras dos joelhos, desesperados pela súbita percepção de que os novos componentes não são compatíveis com suas carcaças surradas. Ainda inebriados pela recente dose de ânimo, levantam-se com agilidade nunca antes observada em cadáveres e se põem a procurar por outros corpos saudáveis.

Do alto da torre, os homens continuam descendo as escadas e cruzando a porta para o descampado. Alguns sequer se preocupam em levar as armas. ■

O amor que não rima com dor

Por
Cefas Carvalho

Amor rime com dor somente nas poesias
que lemos e relemos nas noites regadas
de vinho e nas músicas que ouvimos
em nossas vidas, e quem ouve a voz de
querubins, e procure outras
que as esquecidas e esquecidas
e esquecidas e esquecidas



Infogravura: Venâncio Pinheiro

Cuidei que não sofresse, não chorasse mais, que ficasse imóvel em porcelana, em granito, como santa no altar, com seu meio-sorriso de Maria, de Mona Lisa, de quem vai passar a eternidade sorrindo, posto que não – não, repito! – a farei mais chorar, ainda que todos os demônios do Hades me tentem, me espezinhem, me coloquem rivais, perfídias, intrigas, armadilhas, percalços, enfim, no caminho não afastado do nosso amor, caminho este que é construído a cada passo, com mapas sagrados de carinho e paixão, e, portanto, quando o mal bater à porta de minha língua e de meu coração, eu possa, como Jasão, como Ulisses, resistir estoicamente e perseverar no meu/nosso amor, de forma que nem as artimanhas deste mundo nem as dos mundos infernais possam estilhaçar o vaso – frágil ainda, como tudo que é belo e recém-construído – do amor que firmamos, e, se luto para

não te fazer mais chorar, também eu não mais chorarei, posto que apenas sua dor me arranca lágrimas, e que as deixemos exclusivamente para os momentos de alegria e gozo, quando, nos portões da noite, fazemos de nosso corpo um só, e mesclamos nossas peles até gerar uma nova cor, pigmentação rara produzida pelos (des)caminhos do desejo, e se pedes que eu repita, repetirei, sim, em todas as línguas, as dos homens e as dos anjos, que não, não mais a farei chorar, ainda que para isso tenha que lançar fora minha língua com um alicate ou cortar meus pulsos e me esvair em sangue no chão do banheiro, tudo para que, de maneira nenhuma conhecida pelo ser humano, eu faça seus olhos de bolas de gude, de espanto, de beleza, derramarem uma só lágrima, afinal, que o amor rime com dor somente nas poesias que lemos e releemos nas noites regadas a vinho e nas músicas que ouvimos

como quem ouve a voz de querubins, e que em nossas vidas o amor procure outras rimas, ou, que as esqueça e que se preocupe apenas em explodir em nossas vidas como fogos de artifício na noite escurecida, e que a dor e seus cavaleiros do apocalipse – solidão, ódio, rancor e mágoa – passem com sua foice maldita em outras plagas e deixe nosso amor intocado, inviolável, conservado em fluidos de carinho e paixão, e que se afaste trotando para um outro mundo que não nosso, que não queremos (mais conhecer) e, que, violentando poesia, ortografia, gramática e lógica, nosso amor rime com o que quiser – desejo, intimidade, seu nome, meu nome, o nome que escolhemos para nossa filha que nasceu em nossos sonhos e em nossos lábios, e que desta rima nasça, então, uma poesia nova, algo novo que celebre tanto, tanto sentimento... ■

Por

Yasmine Lemos

Escritor, professor e Coordenador do curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Numa conversa informal com a Revista Preá, ele fala sobre mudanças na comunicação. “Tenho grande preocupação com o uso indiscriminado da Internet, com a utilização recorrente de “São Gugol” e com aulas que – comodidade daqui, comodidade de lá – por vezes são ministradas com a utilização de e-mails”. E que os sebos ainda são as melhores opções de leitura, pois segundo o professor, neles estão, junto aos livros, as emoções dos antigos leitores. Tarcísio é conhecimento e naturalidade, pois sabe que informação não é sinônimo de conhecimento. “Muitos têm a perigosa ilusão de que os recursos da Informática e a utilização da Internet, sobretudo, representam uma panacéia para o aprendizado”.

Preá – A Universidade Federal desde sua fundação em 1958, passou por várias adaptações naturais e mudanças na sua estrutura social e física. Qual sua opinião sobre as novas tecnologias (virtuais), avanços na comunicação e o acompanhamento da cultura, ou seja, o homem como fator receptivo vem tendo sincronia com este processo na mesma rapidez?

TG- A tecnologia é ótima para quem estuda e para quem ensina. Devo dizer, porém, que o meu entusiasmo é controlado por uma providencial cautela. Não posso deixar de admitir que seja extraordinário poder contar com laptop, data-show, além dos velhos e eficientes retroprojetores. Isto enriquece a performance de qualquer professor em sala de aula, tornando a aplicação dos conteúdos mais agradável. Mas veja: tenho grande preocupação com o uso indiscriminado da Internet, com a utilização recorrente de “São Gugol” e com aulas que – comodidade daqui, comodidade de lá – por vezes são ministradas com a utilização



Entrevista. Tarcísio Gurgel

de e-mails. Sou daqueles que não imaginam um aprendizado eficiente (eficiente especialmente pela óbvia humanização que deve conter) sem a presença física do professor. Dessa interação presencial, voz, gesto, exposição, performance. Estou seguro que isso é que se faz o bom aprendizado. Não se devendo esquecer de que o desenvolvimento do senso crítico torna-se muito mais eficaz na tradição grega da troca de idéias.

Preá - Existe uma diferença entre conhecimento e informação na comunicação. O senhor acredita que a era da virtualidade acomoda a busca pela informação produtiva fazendo com que o homem se torne dependente da máquina (computador)?

TG- Acredito e me preocupo, porque a acomodação parece inevitável. Muitos têm a perigosa ilusão de que os recursos da Informática e a utilização da Internet, sobretudo, representam uma panacéia para o aprendizado. Por outro lado, o homem moderno é alvo de um bombardeio tão grande e ininterrupto de informações que acaba tendo limitado o seu poder de discernir com segurança sobre as coisas. Gosto de lembrar a este respeito – e com isso me advirto e busco também advertir quem posso – a constatação perturbadora do crítico Harold Bloom: “Nos dias de hoje a informação é facilmente encontrada, mas onde está a sabedoria?”

Preá - Prefere ler um livro pela internet ou buscá-lo na estante da livraria?

TG - Prefiro buscá-lo num sebo, onde se encontra aparentemente esquecido junto com adormecidas emoções dos seus antigos proprietários. Gosto de buscá-lo também nas livrarias propriamente ditas, claro. E, para que não imaginem que estou sendo impertinente com a rede famosa, também utilizo a Internet de vez em quando para pedi-lo, se

não o encontro na minha cidade. Recorro também a bibliotecas, mas procuro tê-lo em minha posse. Para poder folheá-lo à vontade, curtindo a chance de anotar com grafite as suas margens, assinalando as passagens que me interessam e, depois, arrumá-lo na estante, que passará a habitar como um amigo fiel – homenagem a Américo de Oliveira Costa e a toda uma multissecular tradição – a quem se recorre toda vez que há necessidade.

Preá - Sabemos que nomes importantes para a cultura do Rio Grande do Norte saíram da UFRN; poderia citar alguns que marcaram por mudar a forma de fazer cultura, no campo das artes de um modo geral?

TG - Sem medo de errar eu diria que há uma pequena multidão que se formou ao longo desses cinquenta anos, a começar do elenco notável da antiga Faculdade de Direito. Seria humanamente impossível listá-los todos. Porém, mesmo não definindo área de atuação de cada um, e me arriscando a incorrer nas inevitáveis omissões, lembraria: Floriano Cavalcanti, Câmara Cascudo, Américo de Oliveira Costa, Edgar Barbosa, Onofre Lopes, Leopoldo Nelson, Sanderson Negreiros, Eulício Lacerda, Maria Isaura Pinheiro, Veríssimo de Melo, Alvarar Furtado, e complete o leitor da revista com outros nomes, sabendo que eu provavelmente concordo.

“

POR OUTRO LADO, O HOMEM MODERNO É ALVO DE UM BOMBARDEIO TÃO GRANDE E ININTERRUPTO DE INFORMAÇÕES QUE ACABA TENDO LIMITADO O SEU PODER DE DISCERNIR COM SEGURANÇA SOBRE AS COISAS”.



Preá – Atualmente quais seriam os que chamam sua atenção?

TG - O músico Danilo Guanais, o historiador Raimundo Arraes, o físico Liacir Lucena, que representam outros tantos cujos nomes no momento não consigo lembrar.

Preá – Falando agora do escritor Tarcisio Gurgel. Ser escritor é um dom, ou a prática da leitura molda e alinha os pensamentos naturalmente no papel?

TG – Um dom não creio que seja. Qualquer pessoa, em tese, pode escrever um poema. Mas apenas umas poucas poderão fazê-lo bem. E por quê? Porque maiores terão sido as aptidões que ela desenvolveu, através da leitura que terá exercitado ao longo da vida. Mesmo os poetas de improviso desenvolvem esquemas mentais, diligentemente assimilados, que os fazem mais ou menos ágeis num desafio. Entendo, portanto, que a prática da leitura (e é necessário aí utilizar tal conceito de maneira larga) torna-se fundamental para aquele que pretende ser escritor.

Preá – Como foi que nasceu seu primeiro livro?

TG – Num quarto de empregada sem a empregada dentro. Foi assim: numa das minhas últimas migrações da juventude, em busca de conseguir me dar bem numa cidade tão querida que é o Rio de Janeiro, morei de favor durante um certo tempo no apartamento de um amigo especial chamado Alfredo Pinheiro, conterrâneo de Mossoró. Ocorre que outros malucos, que também moravam no apartamento e que, diferentemente de mim, já estavam devidamente empregados e recebendo salário (tão braba era a minha situação que até pra ir ver o Flamengo no Maracanã eu dependia da generosidade dos meus amigos) já ocupavam os demais espaços existentes no único quarto e na única sala do apartamento. Recorrendo a um sempre providencial mancômetro, ponderei que o melhor mesmo era eu ficar na dependência, porque ali poderia ler e escrever até tarde. Decisão feliz logo acolhida por todos. Ali escrevi um conjunto de histórias batizado *Os de Macatuba*, quando, trazido por Walter Pereira para substituir Luiz Damasceno na Livraria Universitária, retornei definitivamente a Natal.

Preá – Todos os seus livros têm o mesmo peso de apego, de satisfação?

TG – Certamente. Porém, não o juízo de qualidade correspondente. Não me considerando um autor importante, nem por isso deixo de analisar rigorosamente o resultado do que faço. Há o livro que me

Entrevista. Tarcísio Gurgel

dá a sensação de que se justifica por si mesmo. Outro não contém a mesma força de convencimento. Creio, aliás, que o fato de ter me iniciado pelo conto, há de ter favorecido esse exercício crítico. É muito pouco provável, aliás, que um livro de contos satisfaça o seu autor numa mesma proporcionalidade em todas as suas histórias. Creio que isso é bastante salutar, mas lembro que não renegaria nada do que fiz. Agora, em possíveis reedições, pode ter certeza, tentariam melhorar alguns aqui e ali.

Preá – Li uma vez uma entrevista, onde o senhor dizia que havia chegado a hora de matar o poeta dentro de você. Como foi isso? Autocrítica exagerada?

TG – Não. Apenas o desenvolvimento daquele senso crítico antes mencionado, que aprendi a desenvolver enquanto produzia meus primeiros textos literários, analisados com fraterno rigor por Défilio Gurgel. A literatura potiguar deveria agradecer às ponderações desse poeta, que acabaram me conduzindo para a ficção curta, e posteriormente para a pesquisa, livrando-a definitivamente de livros que jamais escreverei. Foi sua orientação, portanto, que evitou que eu tentasse prosseguir numa clara malversação das nossas letras...

Preá – E o Tarcísio ator em “O Pagador de Promessas”, de Dias Gomes, “Eles não Usam Black-Tie”, de Gianfrancesco Guarnieri e “Esquina Perigosa”, de J.B. Priestley. Por que não continuou nesta área?

TG – Porque a certa altura da vida concluí que havia outros espetáculos na vida em que, desde que me preparasse, poderia atuar com dignidade e possível eficiência. Lembro com alegria, mas sem qualquer nostalgia, a experiência mossoroense do TEAM, de Mossoró, do Grupo Molière, da Aliança Francesa em Natal, e também das participações em montagens em Fortaleza (no grupo Comédia Cearense) e no Rio de Janeiro, em pequenos papéis no Teatro Jovem. E até numa novela da Globo em que descontava um cheque para Rosa Maria Murtinho, na condição de caixa de banco, em “O primeiro amor”. Nesta última não consegui fazer sucesso nem em Apucarana, onde vivia minha namorada .Ione. Faltou luz na cidade na noite em que o capítulo foi exibido.... Curiosamente, tenho a sensação de que, se deixei o teatro a certa altura, ele, como um vírus do bem, parece não ter me deixado. E, assim, tenho cometido alguns roteiros para espetáculos em Natal, Mossoró e Parnamirim, partilhei da experiência de trazer de volta via vídeo, a figura de Fabião das Queimadas, além de ter tentado inutilmente tirar a barba de seu Araújo no filme “O Homem que desafiou o diabo”. Agrada-me fazer isso. E se não posso posar de ator excepcional, que não sou, ao menos tento levar para as histórias que concebo a experiência dramática assimilada.

Preá – Atual cultura potiguar. Novos grupos teatrais, escritores novos e jovens, na música, nomes em destaque nacional. Na sua opinião, o que determina o que vai “vingar”?

TG – Admiro sinceramente o trabalho de Fernando Yamamoto e João Marcelino no teatro. Buca Dantas no cinema e vídeo. Danilo Guanais e Eduardo Taufic na música. E de todos os escribas – aí incluído o nome de Rodrigo Levino – do grupo coordenado por esse grande intelectual jovem que é Carlos Fialho. E na música, Roberta Sá e Marina Elali – esta canta com enorme competência, embora não tendo a mesma qualidade repertorial da sua colega. Quanto ao que determina que algo vai vingar, creio que é o talento associado a uma necessária postura profissional. Todos os que citei reúnem com grande competência estas duas condições.

Preá – Vamos falar agora sobre cabeças pensantes. Antes, o intelectual era um pouco estigmatizado por ter um perfil de pessoa esquisita e reclusa. E o que vemos aqui na nossa terra, muitas pessoas que se autodenominam inteligentes e raras no sentido literário. É comum este comportamento no meio cultural por fazer-se escudo por temer a crítica externa?

TG – Sempre achei que ser escritor – sobretudo numa sociedade com tão forte contingente de iletrados – longe de significar um privilégio, representa um compromisso. Antes de posar de astro devemos nos perguntar: por que escrevemos? Para quem escrevemos? O que temos feito para aumentar o público leitor em nosso país? A pose de quem a adota, pode até ajudar a preencher carências no que concerne a auto-afirmação. Mas não significa, correspondentemente, sinal de inteligência ou talento. Acho muito engraçado o empenho dedicado por certas pessoas ao ritual do cargo, da função, da importância social. Na própria academia, uma coisa me incomoda: a necessidade de alguém ter de ser apresentado em alguma solenidade com ênfase para a titulação: “mestre nisso-e-naquilo”, “professor-doutor”. Meu Deus! Ser professor já não tem uma tão grande carga de significação? Quanto ao “efeito carapaça” diante de prováveis críticas, a estratégia da pose pode ser boa. Mas não é necessariamente eficaz.

Preá – O senhor poderia citar um nome de algum escritor ou poeta que admira exatamente por não ter essas características anteriormente citadas?

TG – Penso numa pessoa que as novas gerações infelizmente não tiveram a chance de conhecer: o escritor Edgar Barbosa. Homem de sólida cultura humanista, e escritor excepcional, foi exemplarmente modesto, sem qualquer traço de subserviência. Diferentemente de algumas figuras sempre expostas ao foco das vaidades, seu nome continuará vivo e reconhecido. Talvez não tenha sido um daqueles “campeões em tudo”, de que falava Pessoa, mas foi um intelectual íntegro. E integral.

Preá – Para finalizar nossa entrevista.

“Escritor: não somente uma certa maneira especial de ver as coisas, senão também uma impossibilidade de as ver de qualquer outra maneira.”

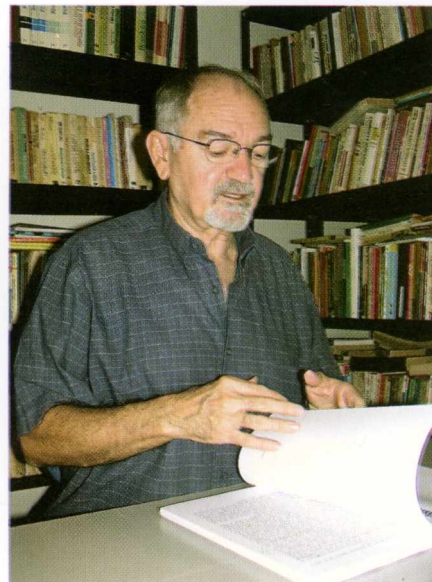
(Carlos Drummond de Andrade)

De que maneira o escritor Tarcisio Gurgel vê as coisas?

TG – Com a mesma excitante sensação de descoberta herdada da infância. Assusta-me constatar que por uma estranha combinação biológica, (estranha corrida em que, mesmo não sendo um atleta acabei superando tantos milhões) ganhei o direito de aqui estar. Tenho de encarar. E de algum modo busco repassar aos semelhantes um pouco dessa parca experiência. ■

“

ANTES DE POSAR DE ASTRO DEVEMOS NOS PERGUNTAR: POR QUE ESCRREVEMOS?, PARA QUE ESCRREVEMOS?, O QUE TEMOS FEITO PARA AUMENTAR O PÚBLICO LEITOR EM NOSSO PAÍS? A POSE, DE QUEM A ADOTA, PODE ATÉ AJUDAR A PREENCHER CARÊNCIAS NO QUE CONCERNE A AUTO-AFIRMAÇÃO. MAS NÃO SIGNIFICA, CORRESPONDENTEMENTE, SINAL DE INTELIGÊNCIA OU TALENTO”.



Ceará-Mirim

Engenhos moldaram a cultura

Por
Sérgio Villar
Fotos
Andrea Gurgel

Ceará-Mirim tem um povo e uma cultura moldados pelas terras úmidas de um vale pontilhado por engenhos. O município, a 30 quilômetros de Natal, ainda respira o doce aroma do açúcar, do mel e da rapadura. Algumas das manifestações culturais preservadas na cidade representam as maiores riquezas do folclore norte-rio-grandense. O Congo de Guerra, de Mestre Tião, e o Caboclinho, do Mestre Birico, são algumas delas. O patrimônio histórico-cultural também é riquíssimo. A feira, os engenhos, as lendas e tradições compõem um cenário de raízes materiais e culturais de uma história vicejada sob extensos campos canavieiros. E a cana-de-açúcar ainda empresta sua representação emblemática às artes plásticas, à literatura ou aos costumes e usos dos ceará-mirinsenses.

A população tem orgulho em exportar alguns dos melhores nomes de nossa cultura. O poeta e acadêmico Sanderson Negreiros; os escritores Bartolomeu Correia de Melo e Franklin Jorge, e até o poeta Juvenal Antunes – personagem da minissérie global Amazonas. Na escultura, o nome de Etevaldo Santiago – reconhecido internacionalmente – é lembrado em cada esquina da cidade. Verdadeiras obras de arte, entre estátuas e bustos lembram o artista já falecido.

A figura das rendeiras, maior marca de seu trabalho, é esculpida pelos filhos como continuidade à arte do manuseio paciente com a argila.

São as rendeiras, também, o retrato de sobrevivência de uma tradição artesanal em processo de esquecimento. O emprego da palha de carnaúba usada para confeccionar esteiras, chapéus e bolsas no início do século passado, se perdeu no tempo. A tradição da arte louceira e utilitária, produzida a partir do barro pelos índios, também foi extinta em Ceará-Mirim. Com o surgimento do comércio de artigos de ferro, alumínio e plástico, restou aos produtores artesanais da cidade a confecção de produtos decorativos. No Centro Etevaldo Santiago a exposição desses artigos é variada. Mas é a renda de bilros ou de almofada, produzida em Jacumã, a representação do artesanato ceará-mirinense. Também essa arte sofre do desinteresse dos mais jovens em perpetuar a atividade no município.

Um outro pedaço da história da cidade também tem desaparecido aos poucos.



Ceará-Mirim vista do alto da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição construída em 1851

É fácil ver casarios e engenhos em ruínas. Paredes grossas, erguidas numa época de pujança política e cultural, no apogeu da economia açucareira. O primeiro dos três barões do Estado, Manoel Varela do Nascimento, doou o terreno para a construção da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 1851 – a segunda maior do Estado, atrás apenas da Catedral Metropolitana de Natal. A época em que viveu o Barão Manoel Varela era de ostentação e luxo. Esses traços que marcaram uma era caracterizaram a etapa patriarcal e escravocrata do açúcar. O município foi criado oficialmente antes, em 3 de setembro de 1759. Em 30 de julho de 1858, a sede, em Extremoz, foi transferida para a povoação de Boca da Mata e passou a chamar-se vila do Ceará-Mirim. Mais de um século depois, a cidade começa a receber influências da capital. O pesquisador ceará-mirinese Franklin Marinho de Queiroz lamenta a chegada de “forasteiros” sem compromisso ou conhecimento com a história de Ceará-Mirim. É que com o crescimento da capital, os natalenses começam a procurar a cidade para morar.

Ceará-Mirim foi erguida sob uma grande ladeira, rodeada pelos rios Ceará-Mirim e Jacoca. Tem na feira o grande evento de um município de 80 mil habitantes. Sua origem remonta aos indígenas catequizados pelos jesuítas, ao período escravocrata e à invasão europeia no litoral. É um povo religioso. Muito das raízes do município desapareceu, como o Fandango, a Chegança, a Lapinha e a Cavallhada. O folclore sobrevivente carece de melhor atenção. Seria um modo de preservar uma cultura ímpar, de uma riqueza histórica com desejo de gritar a força de um passado de glória.

MESTRE BIRICO LUTA PARA NÃO DEIXAR CABOCLINHOS MORREREM

O ritmo vibrante dos Caboclinhos de Ceará-Mirim anda triste. Isso porque são tristes as palavras de Mestre Birico. Denotam cansaço. Um contraste com a virilidade da postura de um negro ainda forte, mesmo com seus mais de cinquenta anos. “Lidar com cultura não dá dinheiro, principalmente com folclore. Por isso ninguém quer a responsabilidade de comandar um grupo como os Caboclinhos. Mas quero preparar uma pessoa para perpetuar essa cultura por mais 40 ou 50 anos, pelo menos”.

Severino Roberto, ou Mestre Birico representa a quarta geração de mestres de Caboclinhos de Ceará-Mirim. Esse auto popular indígena é praticado no município desde o início do século XX. Provavelmente retrata as tradições de tribos Janduís que habitavam a região. O primeiro mestre que se tem registro foi Francisco Emídio. Mestre Birico conta que ele chegou a Ceará-Mirim aos 10 anos e o grupo já existia. Nada se sabe ou conhece sobre Caboclinhos antes disso.

Mestre Birico: quarta geração de mestres de Caboclinhos de Ceará-Mirim





SÓ COISA BONITA
DE SE VER. MAS
ME ORGULHEI
PORQUE O
CABOCLINHO, NO
ESTILO NOSSO, SÓ
EXISTE NÓS NO
BRASIL'

Mestre Birico



Os Caboclinhos existem no município desde o início do século XX

Desde 1929 os Caboclinhos da cidade são dirigidos pela mesma família. Todos os 47 alunos hoje têm o mesmo parentesco. O laço afetivo parece forte entre eles. A maioria é criança ou adolescente. O mais novo tem cinco anos e brinca nos últimos lugares da fila, como manda a tradição. A predominância, como antigamente, é de homens. Durante muito tempo as mulheres ficaram de fora do grupo. Como os homens passaram a rejeitar o posto de porta-bandeira, as mulheres assumiram a função. Isso foi em 1959. Maria Américo, Maria de Lourdes (Nen do Xangô) e Maria de Jesus foram as primeiras mulheres do grupo.

O motivo das cores das indumentárias Mestre Birico desconhece. Obedece apenas ao que lhe foi passado por seus ancestrais. A calça é sempre branca, a tanga azul sobreposta e a opção de camisa em tons amarelos, verdes ou azuis. Na cabeça, um cocar de penas. As flechas (ou preaca, como chamavam os antigos) são feitas de madeira de jucá, adornadas com papel colorido. Apesar do batuque dos instrumentos de percussão, é a gaita de alumínio – a lembrar o toque de uma flauta indiana – quem marca o ritmo e orienta os passos – uma alusão a antigos desfiles indígenas, que simulavam combate com tribos inimigas.

Se na época dos mestres Chico Emídio e Sebastião Marques as apresentações se limitavam ao município e ao período carnavalesco, por volta de 1964, quando Mestre Déo (Joaquim Inácio Gentil) assumiu o comando do grupo, os caboclinhos de Ceará-Mirim ganharam o espaço dos municípios vizinhos. Quem incentivou e trouxe visibilidade ao grupo foi o folclorista e poeta Deífilo Gurgel, quando esteve à frente do Centro de Promoções Culturais da Fundação José Augusto.

O grupo se apresenta todo ano no espetáculo Auto da Liberdade, em Mossoró. Mestre Birico – que herdou o comando do grupo desde 1995, após a morte de Mestre Déo – já representou a cidade em um encontro sobre folclore em Brasília. Conta que pôde conhecer a “rica” cultura indígena, o carimbó nativo, de tambores e maracá. “Só coisa bonita de se ver. Mas me orgulhei porque o Caboclinho, no estilo nosso, só existe nós no Brasil”.

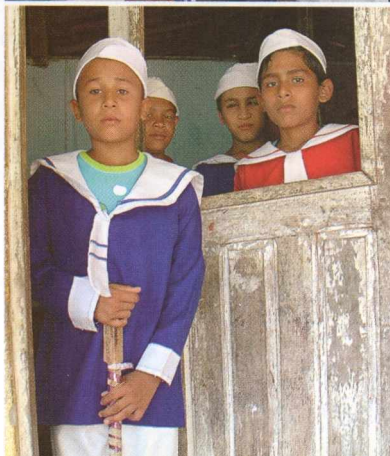
E pouca coisa foi modificada. Além dos oito toques tradicionais, repassados desde 1929, outros quatro baianos – um dos toques – foram criados pelo gaitista Manoel Marques da Silva. Manoel saiu do grupo por questões pessoais. Um fato

isolado. O real problema do grupo é de ordem financeira. O que ganha nas apresentações é pouco para suprir as necessidades. Os ensaios, quando ocorrem, ainda são realizados na rua. Problemas antigos que se arrastam. Uma novidade, talvez mais difícil de ser driblada pelo Mestre Birico, e que tem como aliada a força inexorável do tempo, pode levar o Caboclinho de Ceará-Mirim à extinção: a falta de orgulho, entre os jovens do grupo, em se dizer um caboclinho.

UM PEDAÇO DA ÁFRICA NO VALE

O Congo ou Congada é auto popular brasileiro de motivação africana. Folclore antigo. No Brasil, remonta à libertação dos escravos. O folgado vem desde o Império do Congo, coisa do século XV. As variantes nas dramatizações aderiram à “brincadeira” com o passar do tempo. Em geral falam das batalhas e rebeliões dos negros. Conjugam também a fé, a devoção, festa, dança e metáforas da vida social. A origem traz reminiscências das batalhas e embaixadas travadas pelos antigos reinos do Congo e Angola, do tempo da rainha Ginga e do rei Henrique Cariongo.

O Congo brincado em Ceará-Mirim foi trazido pelo negro, ex-cativo Pedro Mascenas. Ele veio de Fortaleza no final do século XIX. O folgado costumava animar festas nos engenhos de açúcar. Sempre em louvor a São Benedito e Nossa Senhora do Rosário – santos protetores dos escravos. Os congos iniciais de Ceará-Mirim eram chamados Congos de Saiote. O grupo se apresentava de saia, blusão, gorro de papelão na cabeça e enfeites de cordões de conta no pescoço. Em pouco tempo se espalhou pelo Vale do Ceará-Mirim, sob a tutela do mestre João José da Rocha, operário e agricultor do Engenho Guanabara. Por um tempo o grupo foi extinto. Mestre João da Rocha havia desistido de levar adiante o Congo de Saiote. O substituto veio tempos depois. O filho do mestre, Sebastião João da Rocha (mestre Tião) assumiu a brincadeira e resgata o auto, em 1934, com o nome de Congo de Guerra – uma homenagem aos soldados mortos na Revolução Constitucionalista, nos idos da década de 30. Novas canções são criadas. Se antes as referências eram das batalhas na África ou Europa, durante a Idade Média, as novas canções passaram a relatar também fatos heróicos de marujos e guerras. “Tava morrendo muita gente. Soldados amigos meus iam pra São Paulo e não voltavam. Dava uma saudade medonha”, recorda o mestre.



As embaixadas antigas permaneceram, como retrato das origens do Congo. E Mestre Tião é o próprio retrato da tradição do folguedo. Aos 93 anos ainda brinca o Congo com gosto e orgulho. Começou com 18 componentes, ainda no Engenho Guanabara. Eram todos adultos, diferente de hoje. Como o grupo de caboclinhos da cidade, a maioria é de jovens. Muitos demonstram falta de compromisso. Mestre Tião passa as informações das origens e continuidade do Congo com todo o interesse. Sente-se importante, reconhecido quando fala. Não comenta, mas demonstra também alguma tristeza ao reparar o desinteresse da criançada. Eles parecem incomodados, envergonhados com as indumentárias do folguedo.

O grupo hoje é formado por 24 integrantes. Mestre Tião conseguiu reunir 14 para uma apresentação em um sábado pela manhã. Nenhum com mais de 15 anos. A exceção é o embaixador do Congo, José Baracho (mestre Tião) – o Sancho Pança do Dom Quixote. Há 70 anos Baracho, hoje aos 79 anos, acompanha o mestre. O embaixador é o segundo escalão na brincadeira do congo. Também embolador de coco, José Baracho empresta uma voz peculiar ao folguedo, dessas que só se encontra nos rincões do sertão ou nas feiras livres. Voz de cantador de viola. A voz de mestre Tião é mais grave, rouca. Também firme. Durante a dramatização, os dois amigos orientam os meninos na coreografia. Por vezes uma “espadada” de madeira nas pernas, seguida de uma bronca, serve para “endireitar” o compasso.

É que nas coreografias do Congo não cabem improvisos. A um só tempo todos fazem os mesmos movimentos de corpo e de passos. Estão ligados à música e a todo ritual como marcha, contramarcha, mudança de direção, agachamentos, batidas de espadas entre os marujos, principalmente na prisão do embaixador. É quando esse desafio fica bem expressivo entre o embaixador e o mestre. Os marujos formam filas separadas, nas cores azul e vermelha. A historiografia atrela à referência das lutas dos mouros e cristãos. Mestre Tião diz ter relacionado às cores do pastoril.



Mestre Tião resgatou o Congo em Ceará-Mirim em 1934



MESTRE TIÃO DIZ QUE TEVE “VIDA BOA DE BARRIGA”

A lucidez de Mestre Tião impressiona. A agilidade nos passos e a disposição contradizem a idade. O trabalho duro no engenho fortificou os músculos, a resistência. Passou por todas as etapas de produção da cana-de-açúcar: cambitou a cana, ajudou no preparo, no transporte no carro de boi... Trabalhou também nas usinas como maquinista. A maior parte da vida foi como administrador de fazenda. Foram 25 anos na atividade. Só deixou porque o patrão morreu. E durante todo esse tempo gozava do prestígio de comandar o Congo, brincadeira sempre requisitada nos engenhos.

E nada de comida balanceada. “Passei uma vida boa de barriga. A comida era forte; muito mel de furo. O fim de semana eu farreava ele todinho. Depois, era uma pedra de açúcar bruto e uma caneca de água fria. Ô vida beleza!”. Mestre Tião parou com o cachimbo há poucos

meses porque estava queimando suas roupas. Quando acabou a apresentação do grupo, atendeu ao convite do amigo Baracho para uma “chamada” de cachaça na bodeguinha próxima à sua casa. Os dois moram no Distrito de Tabuão, a seis quilômetros do centro da cidade.

Mestre Tião casou aos 34 anos. Sua mulher tinha a metade da idade: 17 anos. Tiveram 13 filhos. O mestre disse que criou três. Sua família se resume hoje ao Congo de Guerra, também uma criação sua. Atende a qualquer chamado. “Só não vou quando estou doente”. Assim também é com João Baracho – o embolador de coco, falante que só. E diferente dos personagens de Miguel de Cervantes, o Dom Quixote Tião, e o Sancho Pança Baracho vivem uma realidade lúcida, com um objetivo também nobre: manter a brincadeira do Congo, enfrentando os dragões do progresso ou as batalhas contra a falta de incentivo e prestígio.



“TUDO-RICO”: 55 ANOS DE FEIRA LIVRE – TUDO RICO

São comuns em feiras livres os gritos da oferta. Faz parte do cenário; da disputa comercial. É tradição. Na feira livre de Ceará-Mirim uma voz se sobrepuja às outras há 55 anos. E nem valeria a pena escrever o nome de João Roberto da Cunha. Todos o conhecem mesmo é como Tudo-Rico, o senhor de 81 anos que passa os dias da feira com um megafone na boca anunciando promoções. O camelô por profissão e escolha perdeu as contas das tentativas a uma cadeira na Câmara Municipal da cidade. A popularidade é alta. Mas todos parecem preferir vê-lo ali, na feira, em frente às suas confecções: redes e roupas em geral.

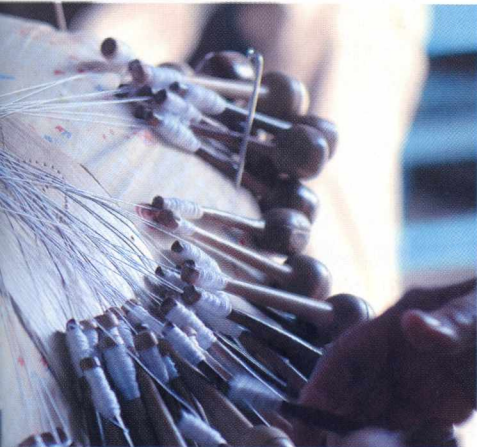
O apelido ele ganhou no começo do ofício. A cada mercadoria vendida ele dava uma mostra gratuita de loção, mais das vezes em preço equivalente

ao produto. “Assim eu vendia a torto e a direito”. E o agradecimento de que era “muito bonzinho” já tinha uma resposta: “É não, é porque eu sou tudo rico”. Durante 35 anos manteve-se com a mesma propaganda: “Compre uma calça e receba uma camisa”. As promoções eram apenas um adendo ao discurso quase político no inseparável megafone. Gabava-se como o representante da presidência da República e prometia combater todas as dívidas.

Seu ponto de trabalho é armado em frente à sua residência de “35 compartimentos”, construídos para acomodar a família. Foram 22 filhos de uma mulher só, como se orgulha em dizer. “Mas Deus levou sete”. Alguns de seus filhos ainda moram com ele e ajudam o camelô a esquecer a perda da esposa, falecida há quatro anos. A fachada da casa é estreita. Alonga-se por dezenas de metros, onde estão localizados os quartos. Tudo-Rico

convida a equipe da PREÁ para conversar na sala e fugir do barulho da feira. E mesmo na sala responde às perguntas pelo megafone, aos gritos. Não consegue largar o ofício. Entre uma resposta e outra, um discurso inflamado.

Com o megafone na mão e mesmo sem perguntar, diz que nunca bebeu e ainda consegue fazer “ginástica”. E sem largar o aparelho, se agacha e levanta por três vezes com agilidade. A idade o impede hoje de rodar feiras, como antes; espalhar sua popularidade e sua voz potente, gritada, pelas feiras vizinhas. Ao final da conversa, a equipe se afasta e Tudo-Rico volta à calçada de sua casa, onde está armada sua banca de confecção. Alguns fogos estouram no céu, talvez em função do jogo da Seleção Brasileira. Mas Tudo-Rico é sempre foco de atenção. E já chega anunciando: “Olha aí meu povo: é só Tudo-Rico dar palestra pro fogo pipocar!”.



NÃO SE SABE AO CERTO QUAL A ÉPOCA. NO BRASIL CHEGOU NO SÉCULO XVI, NA REGIÃO COSTEIRA, ENTRE COMUNIDADES DE PESCADORES. AS RENDEIRAS CEARÁ-MIRINENSES, TODAS ELAS, APRENDERAM COM AS MÃES OU PESSOAS MAIS VELHAS. E NENHUMA DAS MAIS DE DEZ RENDEIRAS DE HOJE – EM MEIA-IDADE – TEM DESCENDENTES INTERESSADOS EM PERPETUAR A TRADIÇÃO.

ARTESANATO DE BILROS ESTÁ EM EXTINÇÃO

A renda de bilros está em franco processo de extinção em Ceará-Mirim. A confecção de renda surgiu na cidade pelas mãos das mulheres, nas praias de Muriú e Jacumã. Não se sabe ao certo qual a época. No Brasil chegou no século XVI, na região costeira, entre comunidades de pescadores. As rendeiras ceará-mirinenses, todas elas, aprenderam com as mães ou pessoas mais velhas. E nenhuma das mais de dez rendeiras de hoje – em meia-idade – tem descendentes interessados em perpetuar a tradição.

O artesanato rendeiro já foi extinto em Muriú. Hoje a praia até tem um centro de artesanato para o turista – tradicional comprador do produto – mas as peças vêm de outros estados brasileiros. A Associação da Mulher Rendeira, em Jacumã, se mantém até que as atuais rendeiras desistam da prática. A artesã Elza Bezerra, 70, lamenta o desinteresse dos mais jovens, embora não os culpe: “É um trabalho custoso e demorado. Essa garotada estuda e trabalha. Não vai querer passar o dia com umas velhas”.

O trabalho começa às 13h e termina às 17h. Apesar da concentração necessária, a “fofoca” é de praxe. É diversão garantida, disse Sônia Bezerra, 47. “Só não vem trabalhar quando se está doente”. Em regime de escala, duas rendeiras vão aos restaurantes comercializar o produto. Enquanto isso, na Associação – fundada há três anos em função do incremento do turismo na região – as rendeiras usam a almofada, a linha, bilros, papelão, alfinetes e espinhos de cardeiro para produzir rendas de enlaçados minuciosos. A habilidade no domínio de até 50 bilros é conquistada com o tempo. O ritmo das mãos é frenético, fruto de uma relação antiga entre arte e paixão pela arte.



É UM TRABALHO CUSTOSO E DEMORADO. ESSA GAROTADA ESTUDA E TRABALHA. NÃO VAI QUERER PASSAR O DIA COM UMAS VELHAS”.

Elza Bezerra

Ceará-Mirim

IMPÉRIO DO BARONATO CEARÁ-MIRINENSE

A pujança política e cultural de Ceará-Mirim teve como marca indelével a ascensão à nobreza do Barão Manoel Varela do Nascimento – título recebido por decreto em 22 de junho de 1874. Nos 67 anos do período imperial brasileiro foram concedidos 1.211 títulos de nobreza. Destes, 740 tornaram-se barões. No Rio Grande do Norte foram apenas quatro. Manoel Varela foi o primeiro.

O Barão do Ceará-Mirim nasceu em 1802, na propriedade Veríssimo, hoje subúrbio da cidade. Fica vizinho à Usina São Francisco, região que à época pertencia à freguesia de Extre-

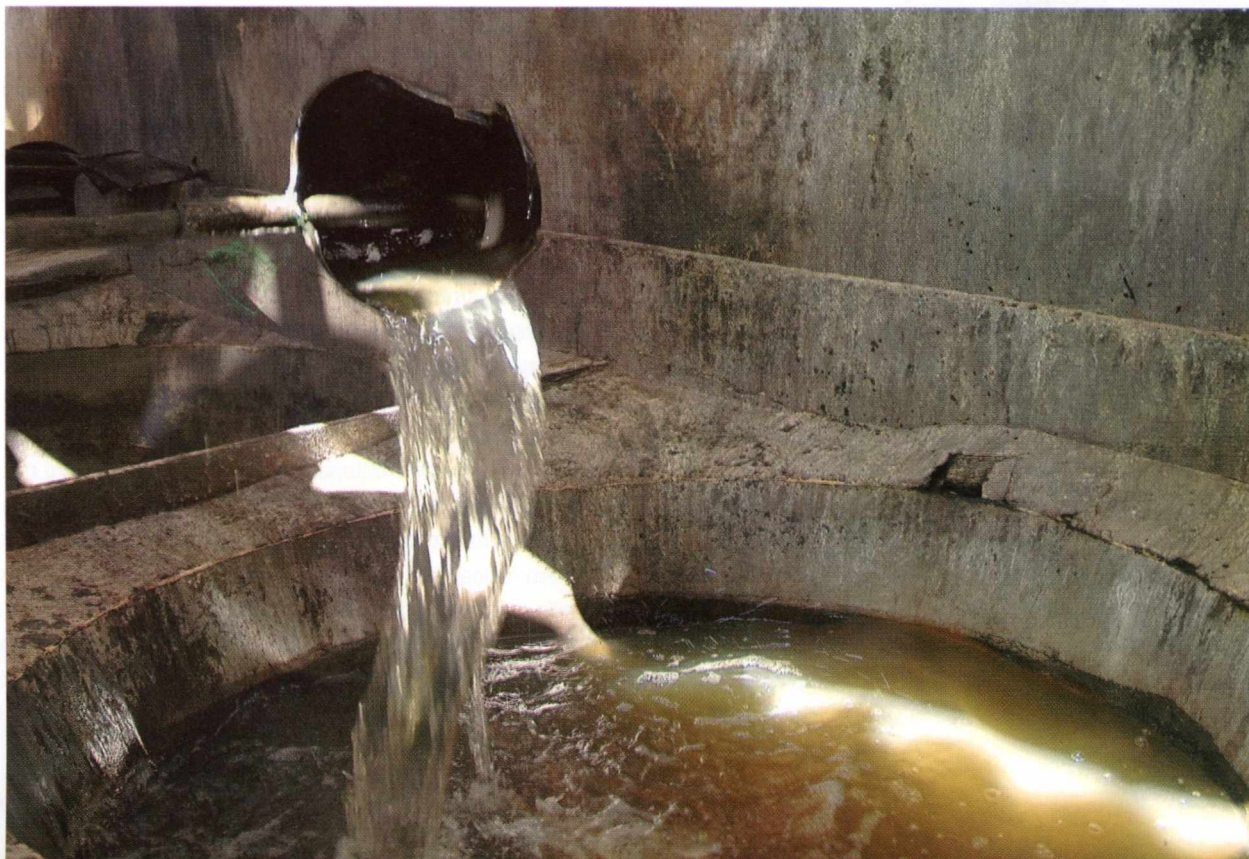
moz. Manoel Varela descartou o cargo político mais alto do Estado para permanecer em Ceará-Mirim, onde ergueu seu império. Trouxe técnicas de produção inovadoras. Era visto como homem empreendedor. Tornou-se dono de muitas terras, engenhos, escravos e gados. Teve participação significativa na educação e na construção da igreja matriz da cidade.

Acima dos feitos e do status, Manoel Varela foi o proprietário do engenho São Francisco. O conjunto arquitetônico do antigo palacete senhorial – construído em 1857 – requer hoje cuidados urgentes. A usina de beneficiamento de açúcar e álcool que ocupa a área do antigo engenho já destruiu muitos de seus antigos casa-

rios. O cemitério particular onde descansam os restos mortais do Barão e a capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição, localizados dentro do engenho, ainda permanecem.

Não foi permitida a entrada da equipe na casa-grande do velho engenho São Francisco. Conta-se que há um retrato do Barão em perfeito estado de conservação pintado pelo pintor francês Jean Bindseil, em 1866, em óleo sobre tela. Ele estaria exposto na sala principal da casa-grande. Do lado de fora, apenas um prédio de arquitetura desgastada, de paredes emboloradas e ainda à espera de ser tombado pelo patrimônio arquitetônico do Estado. Um retrato dos tempos de baronato e da história cultural do Rio Grande do Norte.

Engenhos de açúcar e álcool fazem parte da história da região





Figuras características da região Nordeste são transformadas em arte de barro pela família Santiago

DE CEARÁ-MIRIM AO VATICANO ESCUPTOR EM BARRO

A origem humilde o fez catar barro torrado das estradas ou usar pedaços de madeira para moldar os próprios brinquedos. E a brincadeira virou técnica. Tornou-se escultor. Descobriu novas técnicas de cozimento do barro. Criou um estilo próprio, reconhecido nacional e internacionalmente. Os trabalhos de maior destaque do ceramista Etewaldo Cruz Santiago estão no Museu da Cultura, em Brasília; na Casa Branca, nos Estados Unidos e até no Vaticano. Algumas das estátuas mais vistas e apreciadas em Natal são de sua autoria, como as estátuas de lemanjá e de Miguel Carrilho, na Praia do Meio.

Em Ceará-Mirim tem o Paineiro na Praça Edgar Varela; O Cortador de Cana, na entrada da cidade; O Frei Damião, no Largo da Matriz; e os bustos de Ubaldo Bezerra e Edgar Varela. Seu último

trabalho foi o Frei Damião no Largo da Matriz de João Câmara. Das mãos talentosas de Etewaldo brotavam figuras humildes de seu Nordeste difícil: cantadores, rendeiras, retirantes, lavadeiras, vaqueiros... Figuras de formas autênticas, de expressões carregadas de um sofrimento reconhecido pelo autor, de um mundo que foi seu. Produtos da arte do improviso, de poesia primitiva.

Etewaldo é açuense. Nasceu em 1939. Chegou a Ceará-Mirim em 1968. Trouxe uma cultura de amor às raízes. Incorporou-se facilmente ao cotidiano ceará-mirinense. As palavras do artista plástico-cronista Newton Navarro dizem mais: "Etewaldo molda no barro o sentimento puro que lhe advém da vivência e emoções colhidas no seu dia-a-dia de homem simples. Um artista do povo, dando um recado de arte, onde as formas que consegue modelar são como expressões mais vivas de como gostaria de dizer o que

sente, o que imagina, o que sonha. Sua mensagem nasce com a argila, de onde foi o próprio homem feito à imagem e semelhança de Deus".

E Etewaldo conseguiu frutificar sua arte. Três dos seus oito filhos dão continuidade ao trabalho iniciado. As imagens sacras, as rendeiras, as figuras nordestinas são esculpidas no mesmo local, em estilo próximo ao do mestre ceramista. Um dos filhos, Edivaldo da Silva Santiago, coordena a Central de Artesanato Etewaldo Santiago, criado em 2005 – ano de falecimento de Etewaldo. No espaço são oferecidos cursos aos artesãos e oficinas de qualificação e orientação. A produção é variada e de boa aceitação. Cada artesão é cadastrado e recebe assessorias jurídica, psicológica e 80% da venda de seu produto. E cada peça carrega um pouco da memória de Etewaldo, conservando assim a história, inovada a cada ciclo enquanto vivência.



Esculturas em imburana: riqueza de detalhes que impressiona

SAGRADAS E PROFANAS MINIATURAS - ARTESÃO ANTÔNIO SANTANA

Parece impossível, mas o artesão Antônio Santana consegue esculpir a imagem da Santa Ceia em uma imburana de meio centímetro de altura por um centímetro de base. Outras figuras têm apenas três milímetros de diâmetro. A riqueza dos detalhes impressiona. Também chama atenção a originalidade. A marca do artista está em cada peça. E cada uma apresenta traços diferentes. Santana não repete as formas. Diz que sua motivação é poder usar a imaginação em cada trabalho e materializar suas idéias.

Da Santa Ceia já saíram mais de 200 peças de formas distintas. Os santos também são moldados conforme a imaginação do artista. Uma imagem contraditória de um São Francisco gordo e pequeno, com um bezerro nos ombros parece uma figura barroca. Tem também ele esguio, quase esquelético, segurando um lagarto com a calda estirada até os pés. É de estética bonita.

Mesmo as peças eróticas, que podem causar algum espanto aos cheios de pudor, também são bem trabalhadas. Santana diz que dão mais trabalho; requer mais atenção. Estima que é o único no Estado com esse tipo de trabalho. Além de imagens sacras e eróticas, ele trabalha a figura dos orixás, em menor quantidade. Todas elas esculpidas com peças rudimentares como lâminas de facão ou serra.

Ao contrário da maioria dos artesãos, Santana luta não pelo reconhecimento, mas para entrar no Guinness Book, o livro dos records. Por isso, algumas de suas peças, como um engenho e toda sua engrenagem, esculpido num pedaço de madeira de um centímetro, ele não vende. Guarda para mostras e exposições. E em cada feira ele apresenta uma novidade de estilo.

Santana tem várias peças exportadas para países como Espanha, Portugal e Estados Unidos. Guarda com orgulho uma foto do presidente Lula com um de seus trabalhos na mão, quando da realização do Proarte. Durante uma ex-



Escultor sonha em entrar para o Guinness Book com suas minúsculas obras

posição sua na Embaixada na Espanha, a primeira dama também adquiriu uma peça. Nesta mesma Embaixada recebeu diplomas. Definitivamente não falta reconhecimento a Santana. Juntamente com outro artista de renome de Ceará-Mirim, Etewaldo Santiago, foi protagonista de matéria da National Geographic. "Não gosto de parar no tempo. A arte é dinâmica", diz o artesão.



Erinho, fã de Raul Seixas que anualmente realiza tradicional encontro em homenagem ao ídolo

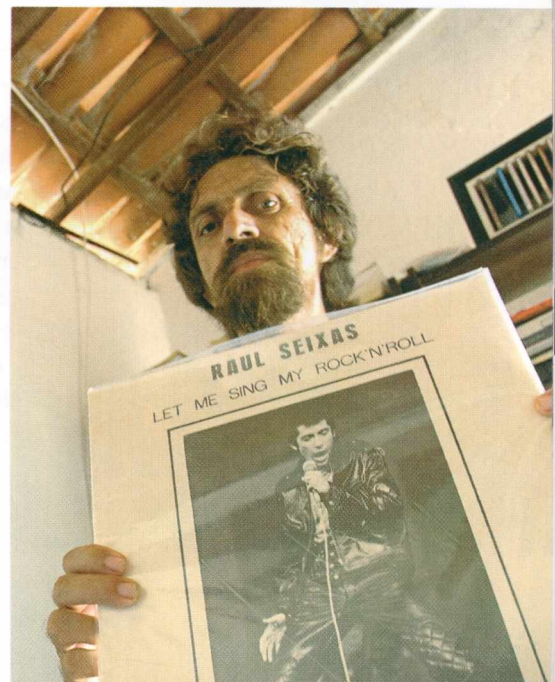
OS COWBOYS FORA-DA-LEI – RAUL SEIXAS

O mês de agosto em Ceará-Mirim é dedicado à sociedade alternativa. E nada de ficar com a boca escancarada cheia de dentes esperando a morte chegar. A ordem é virar cowboy fora-da-lei. É assim há 18 anos. Desde quando Erivan Pereira de Lima, o Erinho, resolveu comemorar o primeiro aniversário de morte do mito Raul Seixas, em 1990. O Centro Esportivo e Cultural foi sempre o palco para o evento. A diferença é que na primeira edição 300 fãs e simpatizantes do Raulzito compareceram. No ano passado foram mais de mil.

E Ceará-Mirim tem ligação com Raul Seixas. Sua primeira mulher, Edith Nadine, morreu na terra dos vales esverdeados. A mãe de Raul, Maria Eugênia Santos Seixas, manteve contato com Erinho nos cinco anos anteriores à sua morte. Doou peças raríssimas ao acervo do colecionador. Até poesias inéditas. Muito do material que Erinho garimpou durante 26 anos é exposto durante o evento. Álbuns como o raríssimo Let me sing my rock'n roll (1985). Desse vinil foram produzidas apenas mil cópias numeradas. O de Erinho é o nº 423. Tem ainda 36 quadros, 130 CDs originais, 70 vinis, 18 horas de imagens em VHS e o banner do único show de Raul em Natal, no Palácio dos Esportes, em 1º de setembro de 1983.

Com esse atrativo e mais seis bandas identificadas com o cantor, extraindo o som do Raulzito das 14h até 22h, o evento já foi sondado para ser transferido para a capital, mas, segundo Erinho "O próprio pessoal de Natal prefere aqui. Até vem de trem, pela identificação com a composição do cantor: 'Olhe, olhe o trem, vem surgindo...'. Mas quero fazer algo diferente, levar para outras cidades".

Erinho conta que as bandas são em maioria, formadas por músicos de Ceará-Mirim. Nem todos profissionais, mas fãs convictos do Raulzito. Mesmo algumas bandas famosas na capital, como Os Grogs, têm no vocal o ceará-mirinese Jean Carlos. O próprio Erinho arrisca um som desde a primeira edição, em 1990. E ao contrário das bandas, o público é formado em sua maioria por natalenses. Cerca de 90%, segundo Erinho. Durante os intervalos há espaço para recitais de poesia. Na verdade, a poesia está presente durante toda a execução do evento. Música-poesia. Poesia-música. Para o Raulzito, tanto faz. A ordem é seguir "este caminho que eu mesmo escolhi. É tão fácil seguir..."





**GRUPO PARAFOLCLÓRICO BUSCA LUGAR AO SOL
CIA LOUCÁRT, ATOR CRÉSIO TORRES, GRUPO PARAFOLCLÓRICO
RENOVAÇÃO.**

Ceará-Mirim tem grupos de teatro como a Companhia Louc'art, do diretor e ator Múcio Vicente. Tem também a ator Crésio Torres, premiado em concurso dos Correios e atuando em várias companhias de Natal. E uma garotada organizada e determinada a levar a arte teatral da cidade à frente. É o caso do grupo parafolclórico Renovação. Dança, teatro, dramatizações poéticas e folguedos como caboclinho e pastoril são trabalhados por eles.

O Renovação assemelha-se a outros grupos teatrais de municípios interioranos, com apresentações em eventos municipais, escolas ou em cidades vizinhas. O que chama a atenção no grupo é a vontade de crescer e a organização. Há um estatuto e uma ata de fundação. A seriedade no trabalho que realizam é perceptível. Coordenado pelo ator José de Brito Gaspar Neto, 21, o grupo existe há sete anos e conta hoje com 32 integrantes. Todos acima dos 8 anos.

As orientações de coreografia e ensaios eles recebem da Fundação Nilo Pereira ou através da Internet. A produção das apresentações requer um trabalho mais aperfeiçoado, segundo José de Brito, e geralmente são contratados profissionais. Os ensaios são no Centro de Referência da Assistência Social (CRAS). O figurino é conseguido com o dinheiro das apresentações. Apesar da organização, o grupo luta para se firmar. A cada dia, uma nova batalha na busca por novos espaços. Como diz a letra de Altay Veloso, em uma das dramatizações encenadas pelo grupo, "Minha casa é a estrada, seja ela onde for".

**O RENOVAÇÃO
ASSEMBELHA-
SE A OUTROS
GRUPOS TEATRAIS
DE MUNICÍPIOS
INTERIORANOS,
COM
APRESENTAÇÕES
EM EVENTOS
MUNICIPAIS,
ESCOLAS OU EM
CIDADES VIZINHAS.
O QUE CHAMA
A ATENÇÃO
NO GRUPO É A
VONTADE DE
CRESCER E A
ORGANIZAÇÃO.
HÁ UM ESTATUTO
E UMA ATA DE
FUNDAÇÃO. A
SERIEDADE NO
TRABALHO QUE
REALIZAM É
PERCEPTÍVEL.**



Fotos contam a história de Ceará-Mirim e a áurea época do açúcar

FUNDAÇÃO REALIZA IMPORTANTE TRABALHO

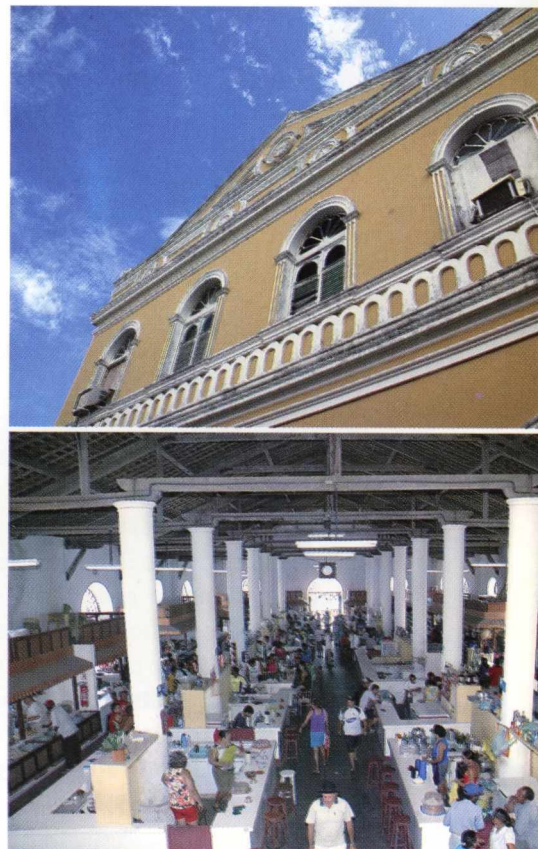
A cultura é setor renegado pela maioria das gestões municipais. Em praticamente todos os municípios a secretaria que deveria ser específica para um trabalho mais eficaz e direcionado, agrega-se à educação, ao turismo ou ao esporte. No mais das vezes a todos eles. É assim desde muito. Em Ceará-Mirim é diferente: foi criada a Fundação Nilo Pereira – uma espécie de Fundação José Augusto municipal, com poderes de secretaria.

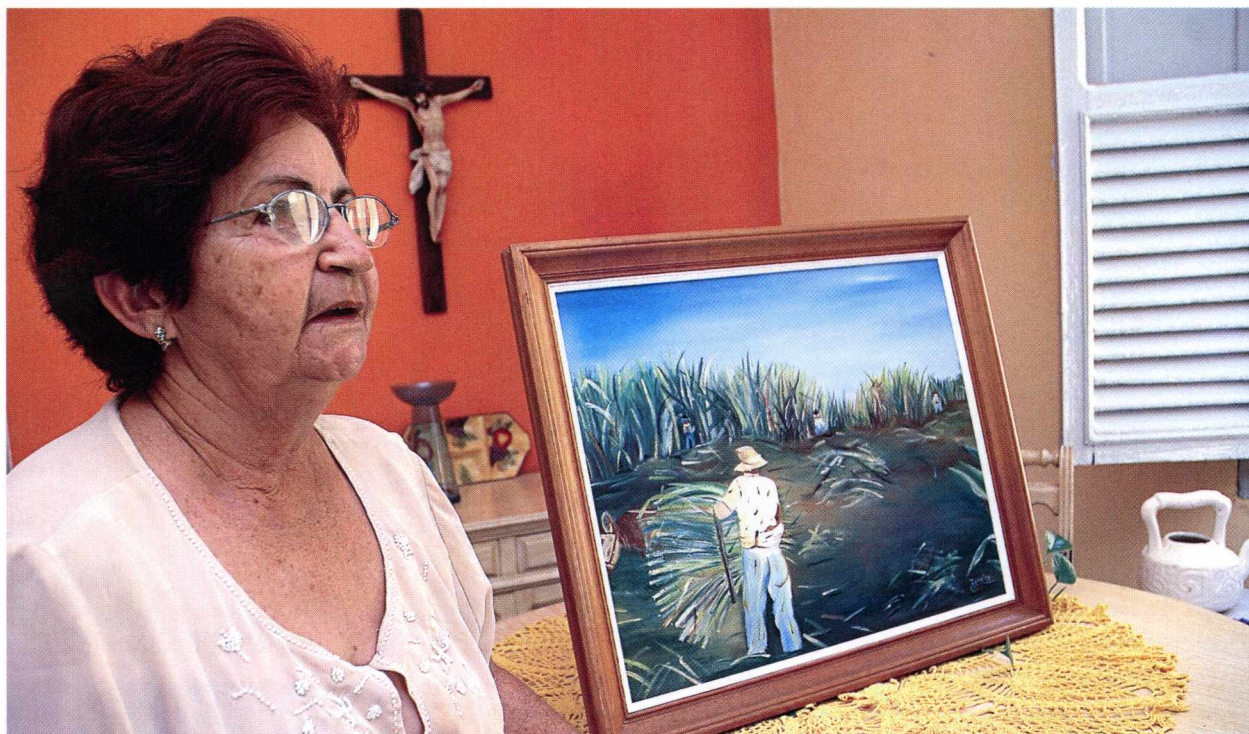
Coordenando os projetos estão o diretor da Fundação Cultural professor Severino Pinheiro e o coordenador de cultura, professor de arte e pesquisador Gibson Machado Alves, profundo conhecedor das coisas e causos de Ceará-Mirim. Gibson tem feito importante trabalho de catalogação fotográfica e bibliográfica da cidade. São cerca de 500 fotos antigas expostas na biblioteca municipal. Algumas datam de 1890. E alguns projetos da Fundação, coordenados por Gibson, também têm movimentado a cena cultural da cidade.

Anualmente, na Semana da Emancipação Política (30 de julho), a Fundação Nilo Pereira, através da Biblioteca Pública Dr. José Pacheco Dantas, realiza o Prêmio Literário Professora Adele de Oliveira, que classifica e premia as três melhores poesias em cada uma das quatro categorias: ensino fundamental I, ensino fundamental II, ensino médio e comunidade. O prêmio tem incentivado e revelado bons talentos a cada ano.

A banda de música municipal Tenente Djalma Ribeiro atua em Ceará-Mirim desde o final do século XIX, quando animava os eventos religiosos, procissões e a comunidade com retretas em praça pública. Atualmente, além dos eventos citados, atua em formato de Big Band. Também na área musical, o Coral Municipal Araraú possui 40 coralistas, difundindo as músicas erudita e popular nos eventos culturais do município e do estado.

Mercado Público Municipal: casa de gastronomia e cultura





Zoneide busca inspiração para seus quadros na própria região

ZONEIDE PINTA O UNIVERSO RURAL

Ceará-Mirim é feito arte-poesia, seja na geografia, arquitetura de seus casarios e paisagens. Mesmo nos nomes dos engenhos a cidade exala doçura: Verde Nasce, Primavera, Nascimento... São retratos e idéias inspiradoras para a artista plástica Zoneide Maria Cavalcanti de Castro, 70. O início foi há 15 anos. E mesmo com os cenários esverdeados do vale, presentes na mente da artista, foi preciso uma fase depressiva para a arte motivar Zoneide a pintar. Da terapia surgiram registros artísticos do modo de vida dos ceará-mirinsenses de antes e hoje.

Em telas à tinta óleo estão as práticas, sobretudo ruralistas de Ceará-Mirim. Cortadores decepando a cana, casarios, carros de boi, engenhos, rios e vales. “Gosto de pintar a história do município. Acho os nossos monumentos lindos”. Antes da depressão Zoneide era professora de arte. Pintava em tecidos. Trabalhos poucos, na verdade. Hoje, coleciona exposições de sua obra. Três apenas em Natal. A artista disse não saber vislumbrar quais paisagens pintará em uma Ceará-Mirim futura. Mas espera que a poesia continue em cada recanto da cidade.



GOSTO DE PINTAR A HISTÓRIA DO MUNICÍPIO. ACHO OS NOSSOS MONUMENTOS LINDOS”.

Zoneide de Castro

GELÉIA NA CABEÇA E DISPOSIÇÃO NOS PÉS

Andar três horas ininterruptas é cansativo. Com uma espécie de tabuleiro repleto de doce em cima da cabeça, a situação piora. E quando se é idoso, só mesmo com disposição e saúde. Essa rotina se repete durante 55 anos. Foi vendendo geléia de coco que Manoel Pereira dos Santos, 73, construiu e sustenta a família de seis filhos.

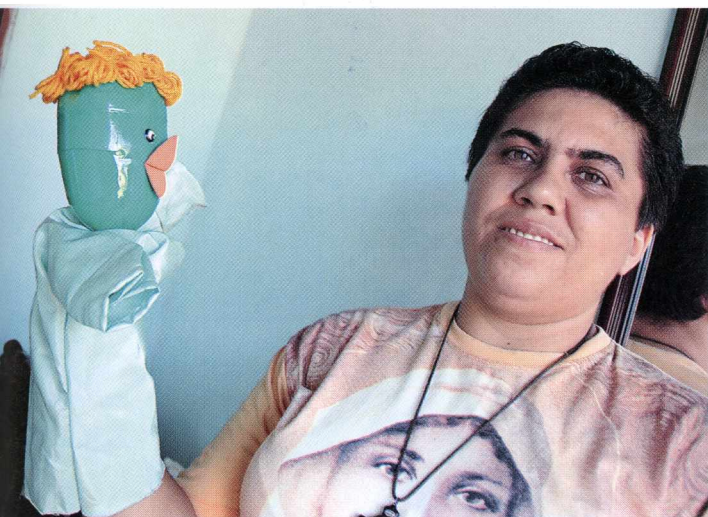
Antes, o doceiro trabalhava no roçado. “Era mais leve”. Hoje, já durante a manhã ele raspa o coco na vasilha junto com o açúcar. O segredo para dar “o ponto” ele afirma ser a pedra úmida – uma espécie de pedra de sal. O coco, na verdade, é o “carro-chefe” da produção totalmente artesanal. Mas Manoel Pereira diz que basta ter a fruta que ele faz o doce.

Às 14h ele parte com o tabuleiro na cabeça. Mais da metade é de coco. O resto dos sabores varia: goiaba, maracujá, mamão. Nem sempre o tabuleiro volta vazio. O doceiro reclama que a geléia já foi mais aceita, sobretudo nas feiras. Uma época mais doce, talvez. Mas seu Manoel não pretende parar. “Enquanto tiver em pé vou estar na rua vendendo geléia”.



Seu Manoel: 55 anos vendendo geléia de coco nas ruas da cidade

Materiais que normalmente iriam pro lixo viram arte nas mãos de Kátia



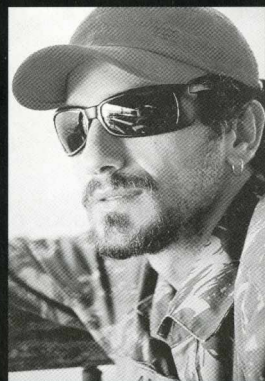
A ARTE DO IMPROVISADO

O artesanato elaborado com materiais variados e geralmente desperdiçados não recebe a mesma importância das manifestações folclóricas ou das práticas artesanais mais antigas. Fica fora do contexto de tradição; recebe pouco incentivo. Mas persiste. É assim com a artesã Kátia Simone. A partir de uma cabaça, cascas de laranja ressecadas ou búzios de praia ela produz peças as mais variadas. Desde os sete anos está no ofício.

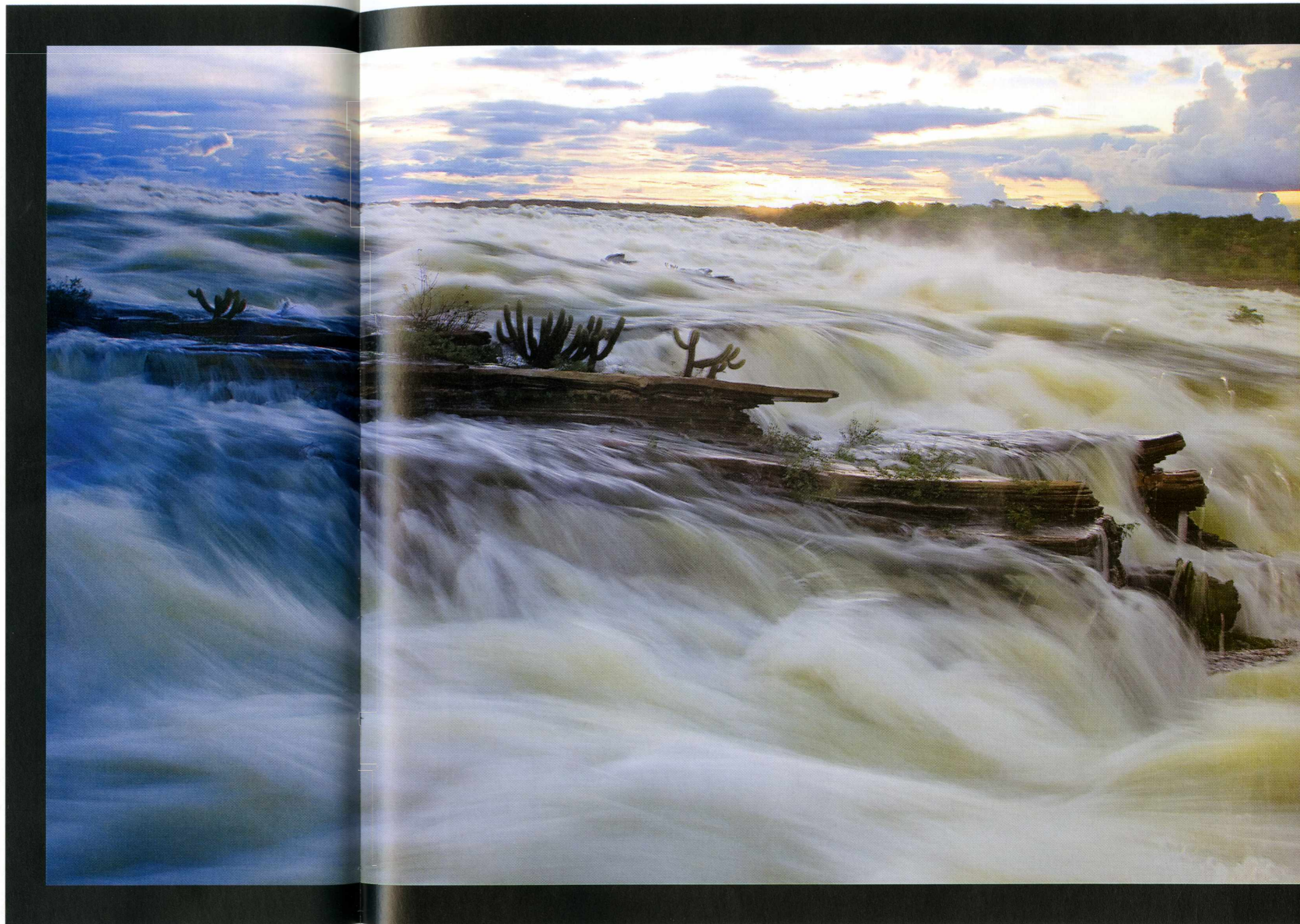
Curso mesmo ela só fez para quillín, o artesanato com papel de jornal. E os chaveiros, os fantoches, os enfeites, bonecas, ela vende na feira da cidade ou de porta em porta. Tem boa aceitação. Um trocado a mais pra quem vive apenas da arte. ■

Alex Fernandes

Camilo Bernardo



Alex Fernandes é repórter fotográfico especialista em meio ambiente e questões sociais. Em abril deste ano, viajou a convite da Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos/RN pelos açudes do Rio Grande do Norte registrando a paisagem modificada pelas chuvas.



Açude Trairi - Tangará

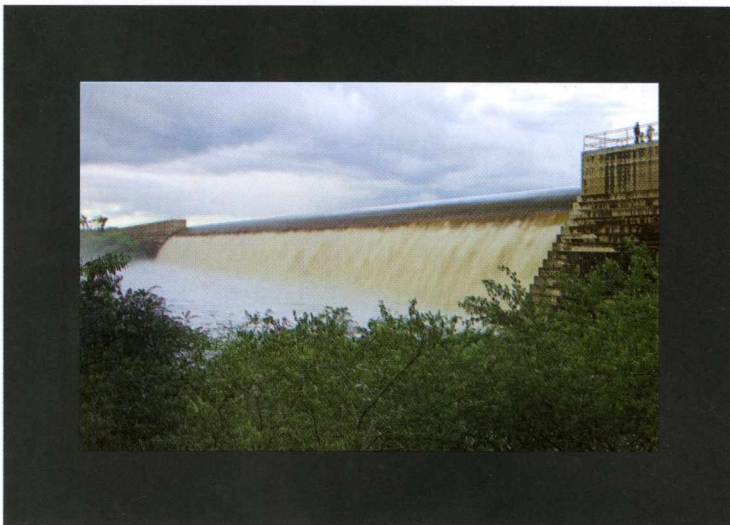
1.

Açudes do RN

2.

2. Açude Sabugi - São João do Sabugi

3. Barragem Santa Cruz - Apodi



3.

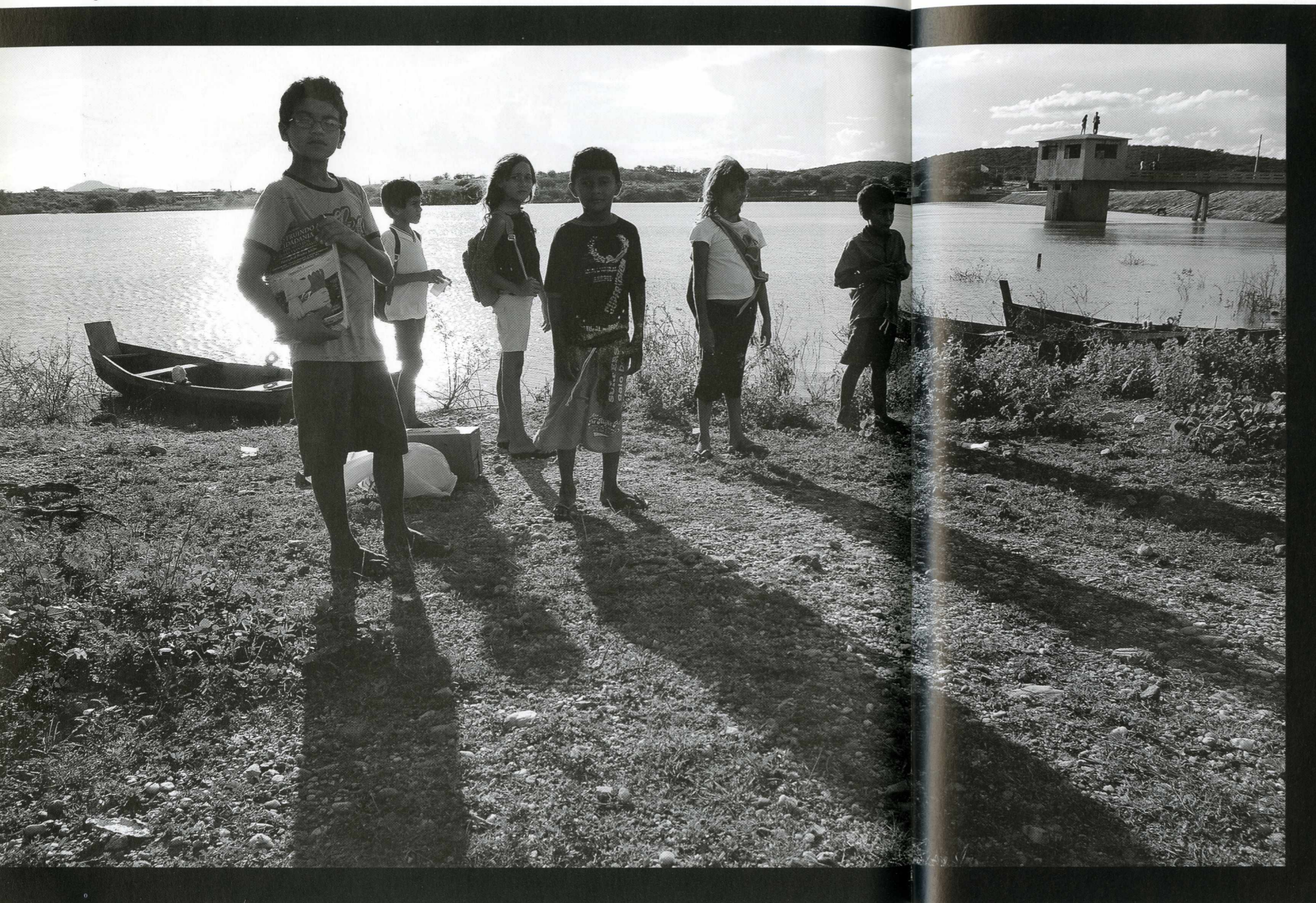




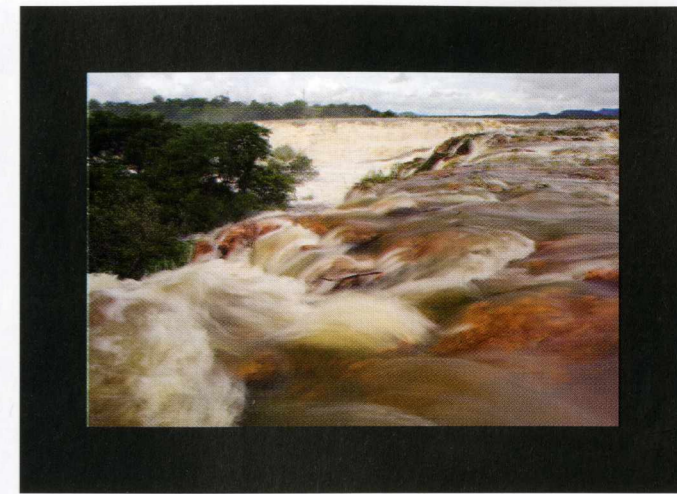
Açude Gargalheiras - Acari

4.

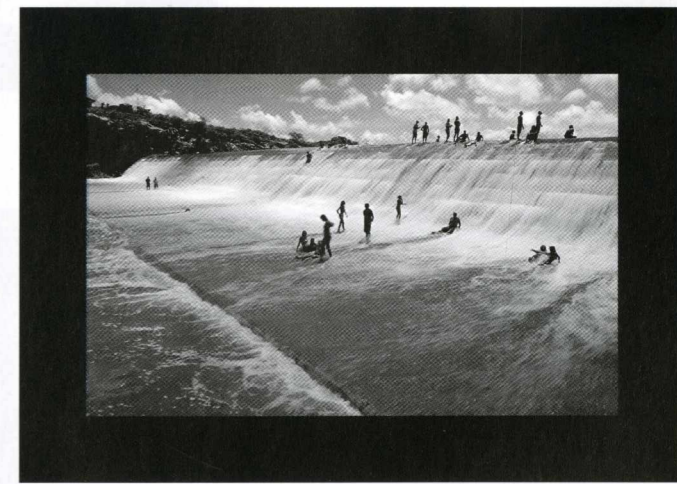
5.



6.

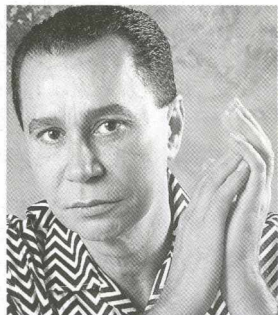


7.



6. Açude Pau dos Ferros - Pau dos Ferros

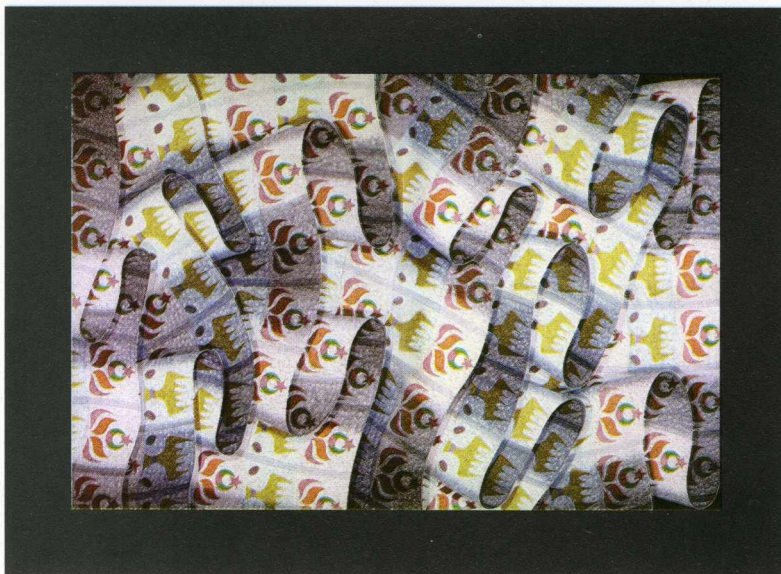
7. Barragem Boqueirão - Parelhas



César Romero

Baiano que acumula as profissões de psiquiatra, pintor, fotógrafo e crítico de arte. Membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA) e da Associação internacional de Críticos de Arte (AICA), coleciona em seu currículo 30 prêmios de pintura e 4 de fotografia, dentre eles, o Prêmio Mario Pedrosa (Destaque Artista Contemporâneo 2001 e 2007) e o Prêmio Gonzaga Duque (crítico filiado por atuação durante o ano de 2004).

O Prêmio Mario Pedrosa edição 2007 foi obtido com a Exposição BRamante, que, recentemente, passou pelos salões da Pinacoteca do Estado. As obras selecionadas para esta galeria fazem parte da referida mostra.



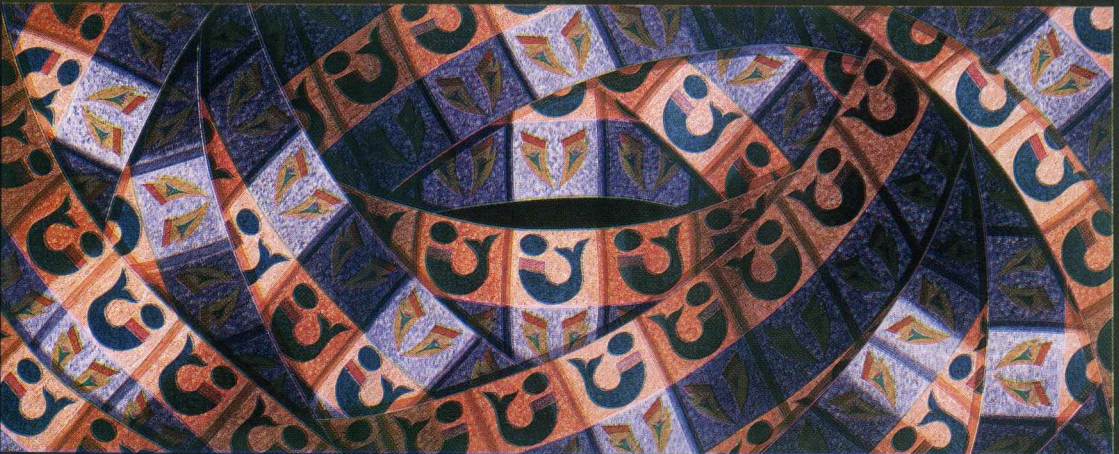
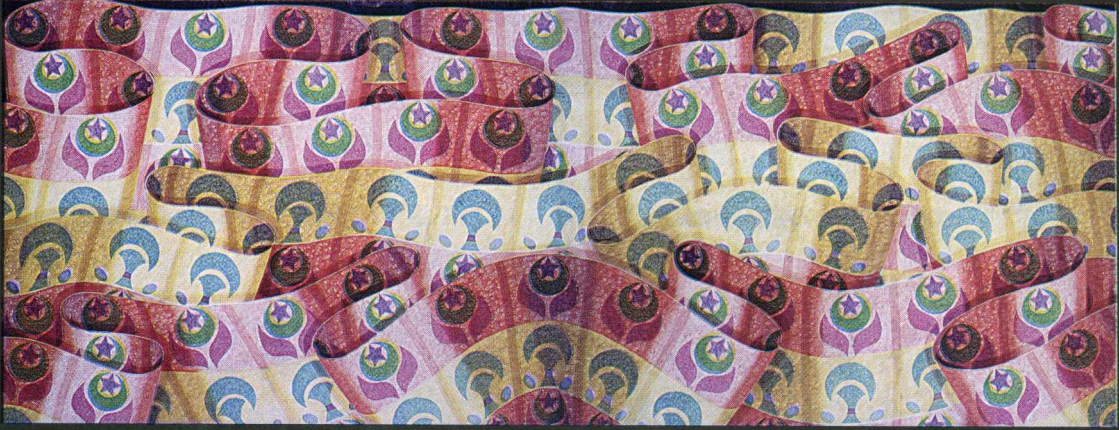




Ilustração: Fábio DeSilva

O elefante e a mosca

Por

Fábio DeSilva

Professor universitário, diretor,
roteirista e produtor audiovisual

Era uma vez, um belo e vistoso elefante... O paquiderme adorava passear e se alimentar nas matas e era bastante ativo. Tinha muitos amigos, pois estava sempre distribuindo sorrisos e sendo hospitaleiro para todos os animais que chegavam ao seu território, principalmente estrangeiros.

Até que um dia, apareceu uma mosca provinda da África, mais precisamente da bacia do Congo. A mosca era muito simpática e tinha conversa pra boi dormir, ou melhor, elefante dormir. Não foi muito difícil e logo ela conquistou a amizade e a confiança do elefante. Seu nome, tsé-tsé.

Certo dia ao passear com o amigoso paquiderme, tsé-tsé aproveitou uma distração dele e o picou, levando o mamífero ao chão em um sono profundo.

Essa pequena fábula serve de analogia e nos traz a contemporaneidade do que acontece hoje no nosso Estado. Ao longo dos anos, o Rio Grande do Norte tem dormido profundamente como se fosse vítima da terrível mosca tsé-tsé, inseto africano transmissor da doença do sono. O Estado encontra-se hoje em um estágio de latência e letargia no que diz respeito à produção audiovisual.

Apesar de contarmos com uma lei municipal e outra estadual de incentivo cultural (o que ainda é muito pouco), a nossa produção audiovisual é pífia em relação ao resto do país e bem menor do que a nossa vizinha Paraíba. Segundo o Ex-Ministro

da Cultura, Gilberto Gil, no ano passado o Rio Grande do Norte não entrou com um projeto sequer em editais nacionais patrocinados pelo MinC.

Dessa forma, como a classe de realizadores pode pleitear editais, se com os poucos mecanismos existentes em nível local não somos capazes sequer de produzir em quantidade razoável? Não falo nem de produtos de qualidade, e sim de qualquer produto audiovisual. Nesse caso, é muito mais fácil bradar discursos Glauberianos (ao menos, ele, Glauber Rocha, tinha propriedade e argumentos coerentes para fazê-los), e pôr a culpa no Estado, que produzir.

O poder público tem sua responsabilidade? Também. Tem a responsabilidade de fomentar a cultura, mas devemos deixar de ser hipócritas e pormos a cara à tapa. Ao invés de só reclamarmos, está mais do que na hora de fazermos. Aí sim, poderemos cobrar do poder público mais editais, mais mecanismos, pois nos faltariam recursos devido a uma demanda. Isso sim, me parece uma forma coerente e inteligente de reivindicar.

Exemplos como o do cineasta Edson Soares, dentre outros, deveriam ser seguidos e aplaudidos pela classe de produtores audiovisuais do Rio Grande do Norte. Edson vai atrás, corre, pede, vende e realiza com poucos recursos. Precisamos de mais Edsons, mais pessoas com o mesmo espírito, dessa forma a qualidade de nossa produção viria com a prática.

Esse é o processo natural, praticar para aprender. Não temos mais tempo nem podemos viver só de teorias utópicas. Precisamos de mais pragmatismo no setor audiovisual potiguar, só assim teremos uma cena audiovisual de qualidade e representativa.

Outro grande problema é a falta de informação do empresariado local e de escassa mão-de-obra especializada em captação de recursos. De maneira geral, os empresários desconhecem as leis de fomento à cultura e seus funcionários seguem a prática do "não vamos mexer no que está quieto". Ora, o negócio é realmente muito bom, um verdadeiro negócio da China...

Veja só, um pequeno percentual do que o empresário é obrigado a pagar de impostos para o governo municipal (ISS, IPTU) e estadual (ICMS) é aplicado no audiovisual, em contrapartida a empresa tem publicidade gratuita e sua marca associada a um produto cultural. Por outro lado o realizador muitas vezes é obrigado a pôr o projeto em baixo do braço e sair vendendo, em busca de patrocinadores, pois temos muito poucos profissionais captadores.

É preciso que os órgãos gestores da cultura, promovam palestras e oficinas para o empresariado compreender as leis, assim como para profissionais interessados em trabalhar com captação de recursos, com o objetivo de incentivar os que pretendem produzir e investir no segmento.

Assim, poderemos começar a pensar em quantidade, competitividade e um aumento nos mecanismos de fomento para produtos audiovisuais de qualidade feitos em terras de Poti.

Joguei a idéia... ■



Da escola para o palco

FESTIVAL DE
TEATRO DA UERN
MOVIMENTA A
COMUNIDADE
E FOMENTA
A PRODUÇÃO
CULTURAL
NAS ESCOLAS
PÚBLICAS DO RN



Fotos: divulgação

Por
Bruno Viana e Higo Lima



Teatro em Mossoró é sinônimo de História. Os espetáculos Chuva de Bala no País de Mossoró, Auto da Liberdade e Oratório de Santa Luzia revelam momentos marcantes da história mossoroense e denunciam a preocupação do povo em manter viva a sua memória.

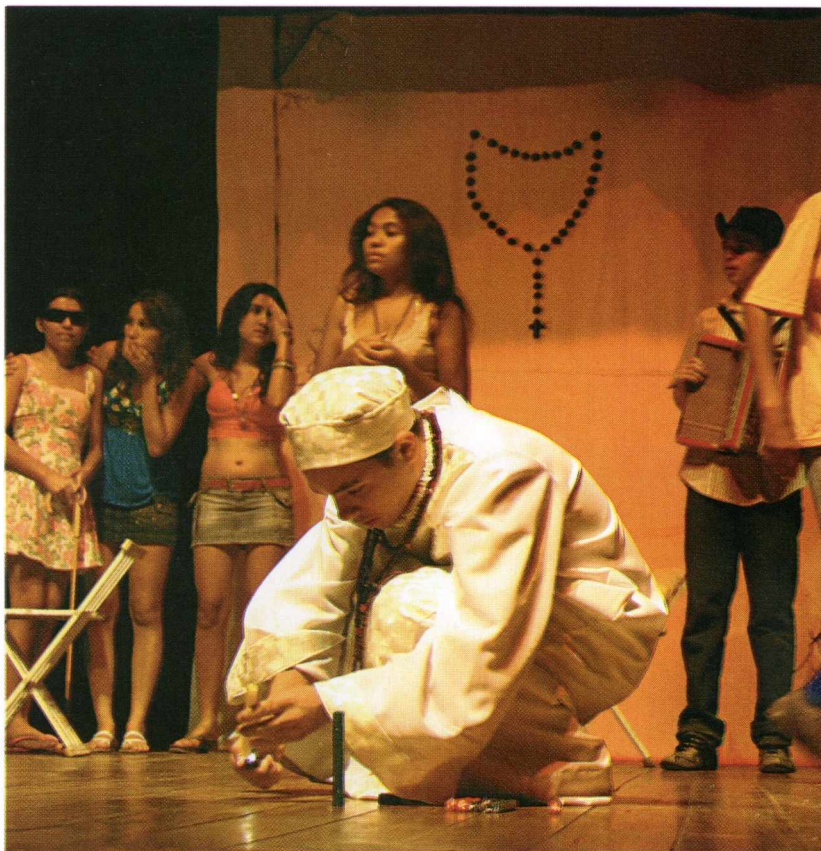
Pelo sexto ano consecutivo, Mossoró abriu as cortinas para o Festival de Teatro da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (FESTUERN). Mais de 40 grupos oriundos de escolas públicas de Mossoró e de outros quatorze municípios do estado se revezaram no palco do Teatro Municipal Dix-huit Rosado em mais de 26 horas de teatro nos nove dias do Festival (que aconteceu de 25 de agosto a 02 de setembro).

Um desses grupos é a Companhia de Arte, Teatro e Cultura (CIATEC), da Escola Estadual Sebastião Gomes de Oliveira, do Sítio Melancias, localizado a 10 km do Centro de Apodi. Participando pela segunda vez do evento, a escola enviou dez alunos entre 13 e 18 anos para encenar "O Primo de São Sebastião", peça escrita e dirigida pela ex-aluna Maria Geane, que, no ano passado, participou do FESTUERN como atriz.

A participação da CIATEC ao FESTUERN é a realização de um antigo sonho de seu coordenador, o professor João Dehon de Sousa. "Eu conheci o evento por uma reportagem em 2004, mas, na época, nós não tínhamos condições de ir. No ano passado, a direção da escola nos apoiou e decidimos formar a companhia e montar o espetáculo", comenta o educador, que mora na sede de Apodi e vai à escola todos os dias para ensaiar com os alunos.

Segundo Dehon, a distância do sítio Melancias a Mossoró (aproximadamente 90 km) só é um problema superado devido à ajuda de custo oferecida pela UERN e pelo Governo do Estado. "Às vezes, nós temos vontade de levar nossas peças pra outras cidades e não conseguimos porque temos essa dificuldade com deslocamento. O que falta no Rio Grande do Norte são mais festivais de teatro desse tipo. Se tivesse, seria até uma forma de manter o grupo em atividade o ano todo", opina Dehon.

A CIATEC foi criada especialmente para participar do FESTUERN. Em 2007, o coordenador, que é professor de Matemática e de Artes, trabalhou o teatro em suas turmas para selecionar o elenco do espetáculo. Neste ano, ele realizou uma oficina de interpretação e escolheu os atores da nova produção. Mas essa escalação co-



O TEATRO MUDOU
A VIDA DE MUITOS
ALUNOS DA ESCOLA
SEBASTIÃO GOMES
DE OLIVEIRA.
DEHON COMENTA
QUE AS MELHORES
MUDANÇAS SÃO
O AUMENTO DA
DEDICAÇÃO NA
ESCOLA E A PERDA
DA TIMIDEZ. "E O
FESTUERN É UMA
EXPERIÊNCIA
FABULOSA. QUANDO
ELES ENTRAM
NO PALCO, É UM
MOMENTO MÁGICO
QUE MOTIVA
OS ALUNOS A
PARTICIPAREM
OUTRAS VEZES".

meça ainda na sala de aula. Aluno com notas baixas não podem participar da montagem. "Nós fazemos um levantamento do aproveitamento escolar do aluno e até de seu comportamento dentro da comunidade", explica o professor.

O teatro mudou a vida de muitos alunos da Escola Sebastião Gomes de Oliveira. Dehon comenta que as melhores mudanças são o aumento da dedicação na escola e a perda da timidez. "E o FESTUERN é uma experiência fabulosa. Quando eles entram no palco, é um momento mágico que motiva os alunos a participarem outras vezes", conclui.

Realizado pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, por meio da Pró-Reitoria de Extensão - PROEX, o festival conta com o patrocínio da Petrobras, através da Lei Câmara Cascudo, e com as parcerias do Governo do Estado e da Prefeitura Municipal de Mossoró.

O FESTUERN também tem um lado social: cada ingresso da mostra foi trocado por um quilo de alimento não perecível. Mais de cinco toneladas de alimentos foram arrecadados e distribuídos para instituições que atendem pessoas carentes.

OITO MESES – O FESTUERN não é apenas uma mostra de teatro. É resultado de cerca de oito meses de trabalho da PROEX/UERN e das escolas. A coordenadora administrativa do projeto, Telma Ferreira, explica que o trabalho, este ano, começou com os preparativos para o Seminário de Capacitação "Dos Direitos Humanos à Educação: um verdadeiro projeto de artes", ministrado a professores e educadores da rede pública. "O seminário serve como uma sugestão de temática para as peças. Não que seja um requisito para a participação

no FESTUERN, mas desse seminário surgem algumas idéias”, esclarece.

Após o seminário, foram abertas as inscrições para participação da mostra de espetáculos. Antes da divulgação dos selecionados, a PROEX/UERN realizou ainda oficinas de teatro, música e dança para o mesmo público-alvo do seminário. No mesmo mês, foram ministrados os cursos de Iniciação Teatral para educadores das escolas selecionadas, que contemplaram noções de figurino, corpo, voz, expressão cênica, cenário, luz, som, direção e maquiagem.

Os meses de junho e julho foram reservados para a coordenação geral do FESTUERN acompanhar o desenvolvimento dos espetáculos que foram apresentados na mostra. No entanto, o trabalho ainda não acabou. Um mês após o fim da mostra, em outubro, a comissão organizadora e representantes das escolas participantes se reuniram para o Seminário de Avaliação do VI FESTUERN, quando foram apresentados e discutidos os resultados do projeto e sugestões para a próxima edição.

“É muito gratificante ver o resultado de um trabalho tão intenso, que uniu quase todas as Faculdades e Departamentos da UERN, possibilitando a realização do projeto. Trabalhamos de segunda a segunda para garantir a melhor mostra de teatro do Estado, e muito nos emociona saber que fizemos parte disso tudo”, exclama Telma.

O professor Milton Marques, Reitor da UERN, em depoimento para o documentário “O teatro fazendo escola” ressalta a importância que o festival tem para a UERN e para a comunidade. “O FESTUERN é um grande projeto de mão dupla: tanto chega à comunidade através das escolas envolvendo centenas de pessoas, inclusive potenciais para, futuramente, se projetarem como atores como também tem a presença da Universidade aprendendo junto à comunidade.” declara.

SEIS ANOS UNINDO ARTE E EDUCAÇÃO

O FESTUERN surgiu em 2003, idealizado pelo então pró-Reitor de Extensão, professor Felipe Caetano de Oliveira, com o objetivo de promover, difundir e divulgar as manifestações artístico-culturais, visando o reconhecimento e a valorização da arte teatral nas escolas de Ensino Fundamental e Médio.

O evento vem crescendo a cada ano. A primeira edição contou com a participação de dez escolas de Mossoró durante três dias de festival. Em 2004, o número de grupos triplicou e escolas de outras cidades fizeram parte do projeto, que passou a envolver não somente a arte teatral, mas sua aplicação na vida escolar dos estudantes. Foi neste ano que começou a ser

promovido o Curso de Extensão Preparatório para o FESTUERN, capacitando os professores da rede pública em Arte-Educação para trabalharem na montagem dos espetáculos.

O III FESTUERN foi um divisor de águas, quando o evento eliminou o caráter competitivo e passou a eleger, anualmente, uma arte como tema do festival – tendo sido o Circo, a primeira – e a homenagear uma personalidade da cultura local, dando seu nome ao troféu que é entregue a todos os grupos participantes.

A quarta edição, em 2006, teve 38 escolas participando de dez dias de espetáculos e foi tematizada pela Literatura de Cordel. No ano passado, o V festival deixou-se embalar pela Música e o troféu recebeu o nome do Maestro Batista, fundador do Conservatório de Música D’alva Estella Nogueira Freire. Além dos espetáculos de teatro, abriu-se uma nova categoria, em que puderam se inscrever alunos e grupos musicais da UERN.

Este ano, a música continuou na pauta do evento, mas a arte homenageada foi a dança, estando presente em todos os dias do festival com a participação de grupos convidados e inscritos na nova categoria, exclusiva para universitários. O troféu do VI FESTUERN levou o nome do imortal da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, poeta Antônio Francisco, autor dos livros “Dez Cordeis num Cordel Só” e “Por Motivos de Versos”, entre outros. ■

Poticanto um canto 100%

POTIGUAR

Por
Rafael Duarte

A luta do projeto musical "Poticanto – Um Canto 100% Potiguar" é dessas histórias que valem a expressão "não desistir nunca". Essa persistência, por sinal, pode ser encarada como a marca maior de uma idéia que, apesar do olho gordo, vingou. "Para quem disse que eu não agüentaria três meses...", ironiza o produtor e idealizador do projeto, Nelson Rebouças.

De fato, o Poticanto é uma realidade na cena musical potiguar. Criado com o objetivo declarado de valorizar a música composta e cantada por gente com as raízes fincadas em solo norte-rio-grandense e registrar todo esse material,

o projeto une, duas vezes por mês, um intérprete convidado por Rebouças a um compositor escolhido pelo convidado. As homenagens viram shows e o público agradece. "Eu estava de saco cheio de ver predominantemente na programação dos shoppings meus amigos cantando Chico Buarque, Moraes Moreira, Djavan... aí despertei para essa coisa: por que não cantar composições de autores potiguares?", lembra.

O projeto já está no segundo ano e quase 30 edições já foram realizadas. Ao todo, 344 composições assinadas por compositores potiguares, todas registradas e devidamente gravadas por Nelson Rebouças. Desse caldo, sairá em breve um livro com a biografia, as letras e partituras dos homenageados. Também poderá surgir, num futuro próximo, CDs com as canções apresentadas nos shows promovidos pelo Poticanto.

"Uma das coisas que aconteceu durante este projeto foi o nascimento de parcerias entre os músicos que se homenageavam. Pedrinho Mendes, por exemplo, conhecia o trabalho de Nelson Freire, mas não o executava. E da homenagem, nasceram novas canções. Isso dá ainda mais credibilidade ao projeto", conta.

Nelson Rebouças salienta que, no início, o Poticanto se manteve de pé sem qualquer apoio oficial. "Contamos apenas com a parceria de alguns amigos, pequenas empresas e sindicatos que acreditam na idéia da valorização da música potiguar", conta ele que, agora, conseguiu o apoio da Fundação José Augusto, que abre as portas do Teatro de Cultura Popular (TCP) para o projeto, de 15 em 15 dias.

Nas horas difíceis, principalmente quando as promessas de apoio se transformam em porta na cara do produtor, quem segura a onda é a amiga e parceira de outros projetos Guadalupe Segunda. Psicóloga por formação, ela chega junto nos momentos de estresse. "Às vezes, ele diz que não aguenta mais, até pela coisa de bater de porta em porta. E como sou sensível à causa, eu ajudo, segurando as pontas. Sou amiga dele de muito tempo e terminei virando colaboradora. O Poticanto não é um projeto comercial, mas de resistência", disse. A velha máxima cantada por Milton Nascimento de que 'todo artista tem de ir aonde o povo está' e a intimidade do produtor com a boemia, também foram levadas ao pé da letra na hora de viabilizar o projeto. Tanto que, até a FJA entrar na jogada, o abrigo do Poticanto passou a ser a morada dos notívagos da capital, ou seja, os bares. Nas 21 primeiras edições, o projeto passou pelo Veleiros e Potibar, ambos em Ponta Negra, e o Bardallo's, no Centro, última casa antes do TCP. "A proposta inicial foi fazer um projeto itinerante. O Veleiros tem um público, o Potibar tem outro público e o Bardallo's tem também outro público. E isso é muito bom para o Poticanto", reflete.

Nelson Rebouças: idealizador e coordenador do Poticanto

Rosane Pereira



Rosane Ferreira



O homenageado Antônio Ronaldo divide o palco com Geraldo Carvalho e Cássio

Rosali Cortez



Maristela durante apresentação no Bardallo's

Suell de Souza



Valéria Oliveira cantou composições de Romildo Soares

Primeiro empresário a dar guarida ao Poticanto, o proprietário do bar e restaurante Veleiros, Ricardo Menezes, lembra de como tudo começou. "Nem pensei duas vezes quando o Nelson me apresentou o projeto. Topei na hora. Recebemos durante um bom tempo vários artistas e conhecemos muita gente boa. O Poticanto é um projeto de grande importância para o Estado", afirmou.

PÚBLICO

Em relação à platéia conquistada durante o primeiro ano, Nelson Rebouças diz que a expectativa foi atingida. Outro ponto interessante do projeto é que, ao contrário do que o senso comum possa apontar, uma casa lotada não passa, necessariamente, pelo prestígio do artista na cena musical natalense. Os nomes menos conhecidos do público se encarregaram de fazer a divulgação boca a boca entre amigos e familiares. "No show do Willian Guedes com o Franklin Mário, eles arrebanharam o povo da Cidade da Esperança e lotaram o Potibar. O produtor sozinho não consegue levar muita gente em todas as edições e os artistas entenderam isso. Mas, claro, que tem casos diferentes. Uma vez, um dos artistas convidados não falou do show nem para a própria família. Mas a média de 70 a 80 pessoas foi atingida", ressalta.

Embora o público seja diferente por onde o projeto passa, Rebouças tem orgulho em dizer que o Poticanto conseguiu cativar boa parte das pessoas que prestigiam os shows. Essa turma pode ser personificada, por exemplo, na professora e coordenadora do Madrigal da UFRN, Yeda Reis que perdeu apenas duas edições. "Mas perdi porque estava no Rio de Janeiro", esclarece.

Yeda fala com entusiasmo do Poticanto e ressalta que descobriu muita gente boa fazendo música em Natal. "Conheci coisas que não sabia que tinham em Natal. Acompanho o Nelson desde o projeto do qual que ele fazia em Pium. E o Poticanto é um projeto corajoso. Além de valorizar, divulga a nossa música", afirma.

O jornalista Moisés de Lima também atesta a importância do projeto. "O fato de um produtor como o Nelson realizar um projeto com as dificuldades que a gente sabe que existe e que busca a valorização da música daqui, deve ser exaltado. Outra coisa importante é a divulgação da nossa música para os visitantes da cidade e os turistas de outras partes do país", frisou.

COMPROMISSO

Nelson Rebouças nunca abriu mão do caráter profissional do projeto e, muito por conta disso, viu os artistas potiguares abraçarem o Poticanto. Na única vez em que não teve uma resposta profissional de um convidado, o projeto não foi realizado. "Apenas três vezes o Poticanto não pôde ser realizado: um por conta de alguns problemas técnicos, outro porque um dos intérpretes, ao me passar o repertório, não sabia de quem eram as parcerias. Aí cancelei horas antes de começar e um terceiro por problemas financeiros", lembra.

Amigo pessoal do produtor, o compositor Romildo Soares foi o primeiro artista

da cidade a saber do projeto. Sem contar conversa, apoiou a iniciativa e, hoje, se diz surpreso com o fato de Natal ainda não ter entendido a filosofia do Poticanto. "Ninguém conseguiu entender a importância desse projeto. O Poticanto é um projeto antropofágico, onde o artista local devora e regurgita o compositor da terra", analisa. Rebouças arriscou uma explicação e escolheu o próprio artista como alvo. "Acho que o Poticanto não tem mais sucesso porque os artistas são desunidos. Os artistas de Natal andam em grupos e só se prestigiam entre si. Um grupo não vai a show de outros grupos", disparou.

Neste segundo ano, o projeto segue quinzenal no TCP e alternará homenagens inéditas com reedições, previstas para começar em agosto. Sempre lembrando que o conceito é o mesmo: um canto 100% potiguar. ■

Poticanto

26

edições inéditas

06

reedições

49

artistas entre compositores e intérpretes

344

composições potiguares

Intérpretes convidados e compositores homenageados que passaram pelo Poticanto:

Pedro Mendes cantou Nelson Freire | **Geraldo Carvalho** cantou Antônio Ronaldo | **Michelle Lima** cantou Ivando Monte
Carlos Bem cantou Tertuliano Aires | **Elis Rosa** cantou Pedro Mendes | **Rachel** cantou Eliino Julião | **Monte Neto** cantou Ronaldo Liberalino | **Valéria Oliveira** cantou Romildo Soares
Lene Macedo cantou Zeca Brasil | **Odaíres** cantou Mirabô
William Guedes cantou Franklin Mário | **Romildo Soares** cantou Geraldo Carvalho | **Simona Talma** cantou Valéria Oliveira | **Luiz Gadelha** cantou Khrystal | **Sueldo Soares** cantou Cleudo Freire | **AMAB** cantou Bartô Galeno | **Sílvia Sol** cantou | **Júlio Lima** | **Maristela Marsicano** cantou Carlos Zens | **Rodolfo Amaral** cantou Fábio Fernandez | **Alexandre Siqueira** cantou Jayr Peny | **Edna Gurgel** cantou Domingos Oliveira | **Cleudo Freire** cantou Chico Antônio **Galvão Filho** cantou Babal | **Andrezza Costa** cantou Manasses Campos
Ângela Casto cantou Luiz Gadelha **Luciane Antunes** cantou Mazinho Viana



Mirabô:

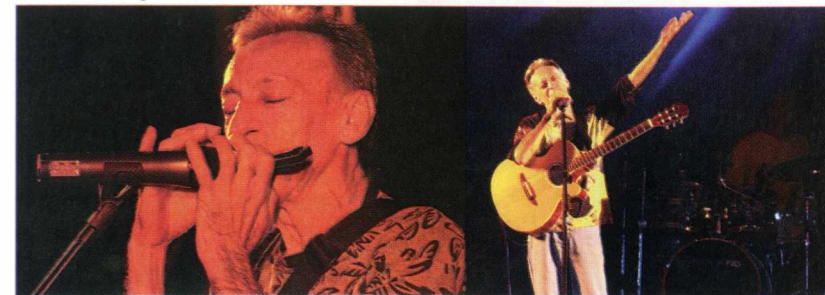
música com gosto de água de coco

Por
Carlos de Souza

Tenho o orgulho de ser da mesma cidade que Mirabô Dantas, nossa velha Areia Branca, onde brincamos (eu de um lado da cidade e ele, de outro) pelas ruas de terra batida, nadando no Rio Ivipanim, nas lagoas que se formavam na época das chuvas, nas praias, nas praças, sempre de olho na Serra do Mel, nas salinas ao longe. Desde cedo ouço falar deste homem que fez da música sua estrada, mas não conheci Mirabô quando ele morava em Areia Branca. Lá onde todos sabiam do músico que um dia arrumou as malas e foi tentar a sorte na cidade grande. Alguns de meus amigos de juventude conheciam Mirabô e já haviam convivido com ele. Em 1975, quando cheguei a Natal, Mirabô já era uma lenda na imprensa local. Amigo de músicos importantes da Música Popular Brasileira, era ele próprio motivo de orgulho para o povo potiguar.



Fotos: Alexandro Gurgel



Mirabô fez época nos anos 60 em Natal, dentro de um rebuliço cultural jamais visto. Uma época de festivais de música, protestos contra a ditadura, exposições, peças de teatro, performances. Foi nesse ambiente que Mirabô conheceu Fagner. Mirabô tinha uma casa na Ladeira do Sol e os artistas sempre iam parar por lá quando chegavam a Natal. Fagner indicou a casa para outros músicos como Alceu Valença e coisa e tal. Um pouco mais e sua casa era freqüentada pela fina flor da música brasileira. Isso deu ensejo a que Mirabô fizesse várias parcerias interessantes com essa gente. O tempo foi passando e aí ele resolveu dar uma volta pelo Brasil afora, ver se Natal era pequena mesmo para os seus sonhos. Foi parar no Rio de Janeiro onde acabou à frente do Sindicato dos Músicos. Lá entrou em contato com muito mais artistas, gente de peso como Chico Buarque e Paulinho da Viola. Esses contatos renderam bons frutos e até deu um empurrãozinho na carreira da cantora Teresinha de Jesus, irmã de Odaíres, sua esposa de então, com quem ele tem um filho chamado Gil.

O TEMPO FOI PASSANDO E NADA DE MIRABÔ SE INTERESSAR EM GRAVAR UM DISCO. SUA FILOSOFIA DE VIDA É SIMPLES: QUER FAZER MÚSICA, SEM O MÍNIMO PROJETO DE FAZER SUCESSO, SE DAR BEM NO MERCADO FONOGRÁFICO BRASILEIRO, ESSAS COISAS. MIRABÔ SÓ QUER CONTINUAR FAZENDO MÚSICA E PRONTO.

Estranhamente só vim a conhecer Mirabô de fato no ano de 1996, quando ele voltou para o Rio Grande do Norte. Através de uma grande amiga em comum, nos aproximamos. Sempre no verão ele vinha a Natal e ficava hospedado na minha casa em Neópolis. Foram dias de muita felicidade, tardes e noites amenas, ouvindo Mirabô contar piadas e histórias que um dia ele colocaria em um livro. Nos dias de maior inspiração, pegava o violão e cantava suas canções para nosso deleite. Eu já conhecia algumas dessas canções na voz de Odaíres, quando tinha oportunidade de vê-la cantando na noite natalense e, um dia em especial, quando nós dois vimos o sol nascer em um boteco de Neópolis. Não precisa dizer que todos nós amávamos aquelas canções de Mirabô, e ainda amamos. O tempo passou e eu só vejo Mirabô quando a gente tem oportunidade de um encontro para um bate-papo rápido. Um dia desses porém, chegou em minha casa um livro, acompanhado de um CD com a voz de Mirabô cantando suas inesquecíveis canções. É impossível definir a emoção que senti naquele momento. Acredito que é a mesma emoção de rever um velho amigo que a gente não vê há muito tempo.

Agora, quando eu e meus amigos estamos reunidos em torno de um cafezinho, uma cerveja, um vinho, um uísque, sempre tem alguém que pede: bota aquele disco de Mirabô! Aí, seja tarde ensolarada ou noite de lua ou madrugada qualquer, uma magia se instala no ambiente e nós sorvemos aquela música como se fosse água de coco. ■

Sanfonas Potiguares

Por
Rosa Moura

O povo nordestino é tradicionalmente carismático, adora um encontro com os amigos, uma roda de prosa e claro uma boa festa. Seguida do Natal, as festas juninas são uma das datas mais importantes do calendário da região. Nas comemorações não podem faltar a fogueira, o milho verde, a canjica e o bom e velho forró. Para um bom arrasta-pé, é preciso uma zabumba, um triângulo e uma sanfona. Pronto! A festa está montada. Na verdade, o instrumento que tradicionalmente chamamos de sanfona tem o nome de acordeom. Foi inventada em Viena, na Áustria, se popularizou na Itália, e expandiu-se rápido pela Europa desembarcando no Brasil, junto com os primeiros imigrantes europeus. A sanfona verdadeira é um instrumento de cordas, de formato parecido com o violino, similar a uma rabeca, mas na região Nordeste do Brasil, o acordeom se popularizou graças ao mestre Luís Gonzaga, como sanfona. Até no Dicionário de Cultura Popular de Câmara Cascudo, o instrumento recebe o verbete de sanfona. Em outras regiões do país, ainda tem o nome de "harmônica", "gaita", "gaita de fole" ou apenas "fole".

Vida de sanfoneiro não é fácil. Pelo instrumento estar muito ligado à regionalidade, e principalmente ao forró, é só no meio do ano, durante as festas juninas, que esses profissionais encontram mais trabalhos, depois desse período, as oportunidades cessam. Tem ainda o peso do instrumento – as mais "levinhas" pesam 11 quilos, e as profissionais, entre 15 e 20 quilos. Outro fator que chama a atenção é a coordenação motora necessária para se tocar sanfona. São três instrumentos em um só. O músico tem que administrar ao mesmo tempo, o teclado, o fole e o baixo. Fora tudo isso, ainda existe o alto custo; uma boa sanfona não sai por menos de 12 mil reais.

Maria Suzete de Sales explica que hoje em dia poucas pessoas têm interesse em estudar o acordeom, "os jovens têm preguiça, porque é um instrumento muito pesado, difícil de aprender, precisa de muita dedicação". Suzete começou a estudar sanfona ainda menina e se dedicava ao instrumento em média cinco horas por dia, dividindo seu tempo entre o acordeom, o colégio e os afazeres domésticos. Suzete chegava a cozinhar com a sanfona dependurada no pescoço, para não perder tempo entre um acorde e outro.

Naquela época, Natal tinha uma escola de música exclusiva para o estudo do acordeom. Era a "Academia de Acordeom Mário Mascarenhas de Natal", fundada em janeiro de 1954 por Marlúcia Lima. Funcionou até o início da década de 1970, na Av. Rio Branco, esquina com a General Osório. A sede da Academia contava com modernas instalações para a época, tinha palco, auditório e salas de aulas.

Em seu apogeu, o instituto chegou a ter 700 alunos, principalmente meninas – daminhas da sociedade potiguar da época. Os recitais promovidos costumavam lotar o palco do Teatro Alberto Maranhão. Devido ao enorme sucesso da escola, a Academia Mário Mascarenhas tinha um programa dominical na Rádio Poti, cujo nome era “Vozes do Acordeom”, com direção musical da professora Marlúcia e supervisão de Demócrito Coriolano, também supervisor da Academia.

Pouca gente sabe, mas a sanfona é um instrumento versátil, toca todos os tipos de música, inclusive Clássica. É mal aproveitada pelos brasileiros que desconhecem seus vários ritmos. Vila Lobos, notório compositor de óperas, chegou a escrever composições exclusivas para o instrumento. Na Europa é comum se encontrar a sanfona em grupos clássicos e populares.

Suzete, por exemplo já gravou discos no Rio de Janeiro, para bandas de Reggae, coisa improvável para os dias de hoje. Atualmente, com 65 anos, ainda toca num grupo de forró-pé-de-serra, as “Potyguaras”, e também ministra aulas de acordeon. Comenta que nenhuma das suas amigas instrumentistas da época da Academia Mário Mascarenhas continua tocando. “Algumas poucas, só to-

Arquivo pessoal



Suzete hoje com seu grupo “As Potyguaras”

Alunos da Academia de Acordeom e Professora Marlúcia durante apresentação no TAM

Arquivo pessoal



cam para a família em ocasiões especiais, outras venderam os instrumentos”, acrescenta a professora, que já teve inclusive, sua própira escola com o nome “Curso de Acordeom Segundo Wanderley”.

José Roberto Silva – um outro apaixonado pelo instrumento – é o Maestro da Orquestra Sanfônica Potiguar. Além disso, Roberto é o primeiro flautista da Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte. Ele conta que o sonho da Sanfônica tem mais de 50 anos e começou com Marlúcia Lima, do Instituto Mário Mascarenhas, mas só foi possível virar realidade em 2003. “Era uma idéia antiga de Suzete, Nelson Gomes e Raimundo Gomes, todos ex-alunos de Marlúcia. Eu não fui, mas também tornei da Orquestra Sanfônica um sonho”. Roberto ressalta ainda, a importância da música como fator de inclusão social, e que o ensino dela, deveria voltar a ser obrigatório nas escolas, pois além de ensinar disciplina, o aluno pode aprender um ofício. No Brasil, são menos de 10 Orquestras Sanfônicas, o Rio Grande do Norte é privilegiado nesse aspecto, pois conta com duas delas - uma em Natal, e outra em Mossoró. “Alguns países, como a Alemanha, têm mais de 300 orquestras deste tipo. A Orquestra Sanfônica Potiguar foi a primeira no Brasil a gravar um CD. Tem o repertório eclético, que vai de Jackson do Pandeiro, Beethoven, Beatles e claro, Luís Gonzaga”, completa o Maestro.

O sanfoneiro Zé Hilton é uma exceção entre seus pares. Para ele, não falta trabalho. No meio do ano se dedica a fazer shows e, no restante, entra em estúdio para gravar com as diversas bandas e artistas com quem trabalha. Zé Hilton, que hoje está com 30 anos, toca acordeom desde os 15. É autodidata, aprendeu a tocar com uma sanfona do irmão. Apesar de ter nascido em Nova Cruz, foi na cidade de Pedro Velho que seu dom aflorou. O músico conta que morava em frente ao clube, onde teve a oportunidade de conhecer diversas bandas, tanto do RN, como de outros estados, e que isso despertou seu interesse musical. “No início foi difícil, tive que vender meu carro e fazer um empréstimo para comprar uma sanfona boa. Hoje, paguei tudo o que devia e já tenho outro carro. Tudo graças à sanfona. Agradeço a Deus por ter escolhido um instrumento pouco concorrido. Consigo viver da música”, complementa o instrumentista. A lista de artistas com quem ele trabalhou é extensa, vai de Elino Julião, passando por Waldonis e Nando Cordel, volta às terras potiguares com os irmãos Galvão e Babal, e outros tantos. Sempre grava para quase todas as bandas que tocam no rádio: Cavaleiros do Forró, Saia Rodada, Aviões, etc.

Zé Hilton já ganhou três vezes o Festival de Sanfona de Mossoró e, no ano passado, o de Campina Grande/PB. Fora os prêmios, implacou um hit nacional, com seu colega compositor Araújo Neto (Cebeção do Forró), “O que tem que ser será”, gravada pela banda baiana Asa de Águia e outras tantas de forró. Zé Hilton ainda prova a dinamicidade de seu trabalho com os dois grupos de que participa “Zé Hilton do Acordeom”, de forró-pé-de-serra e “Candeeiro Jazz”, de música instrumental.

Com o dobro de idade de Zé Hilton, Francisco Germano de Oliveira, começou a tocar sanfona apenas quando se aposentou. Motorista de ônibus, não lhe



**ALGUNS
PAÍSES, COMO
A ALEMANHA,
TÊM MAIS DE 300
ORQUESTRAS
DESSE TIPO. A
ORQUESTRA
SANFÔNICA
POTIGUAR FOI
A PRIMEIRA NO
BRASIL A GRAVAR
UM CD. TEM O
REPERTÓRIO
ECLÉTICO, QUE VAI
DESDE JACKSON
DO PANDEIRO,
BEETHOVEN,
BEATLES E, CLARO,
LUÍS GONZAGA”**

José Roberto Silva

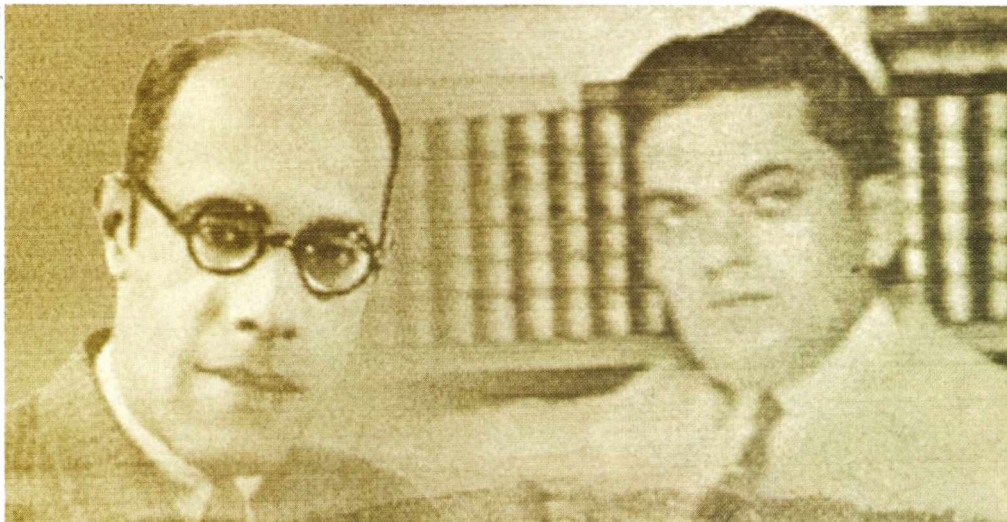


Seu Francisco: a paixão pela sanfona veio na aposentadoria

sobrava muito tempo para a música. “Sempre foi um sonho meu aprender a tocar sanfona, mas nunca tinha chance. Acho lindo, pena que os jovens não queiram aprender. Tenho medo que a sanfona desapareça”, lamenta Francisco, que aprendeu a tocar o instrumento sozinho e sempre que pode, toca para amigos e familiares em sua cidade, Arês. ■

Mais...

Ilustração: Emance



Fotos: acervo pessoal de Severino Vicente

**Mário de
Andrade
e Câmara
Cascudo,
amizade**

O Engenho Bom Jardim está localizado no município de Goianinha, região Agreste potiguar, a sessenta e cinco quilômetros de Natal. Primitivamente habitada pelos Janduí, descentes em linhagem direta dos Cariri, Goianinha pertencia ao Município de Arês. A 07 de agosto de 1832, assume ares de municipalidade, a 02 de novembro de 1928 alcança foro de cidade pelo Decreto estadual nº. 712 assinado pelo então Governador Juvenal Lamartine.

Na segunda metade do século XVII estiveram por lá os louros holandeses que se apossaram da Lagoa de Guaraíras, a tradicional "Ilha do Flamengo", onde construíram um forte, cujos alicerces das muralhas ainda podem ser vistos.

Encontro para a história no Engenho Bom Jardim

**Por
Severino Vicente**

"O Castrioto Luzitano", de Frei Rafael de Jesus, descreve que lá se alojaram índios e escravos, sob o comando holandês, para trabalharem na roça.

A tradição popular, que serviu de embasamento histórico, fala da presença de vendedores ambulantes vindos de Goiana Grande, em Pernambuco, entre 1679 e 1699. Entretanto, registros oficiais indicam que em 1706 as terras que iam da lagoa de Pajuçara, beirando o Rio Jacu, foram concedidas ao coronel Estevam Bezerril. Inicialmente chamada Goiana, palavra de origem tupi, que significa abundância de caranguejos. Posteriormente o povoado passou a chamar-se Goianinha, para diferenciar-se da Goiana Grande pernambucana.

Uma região muito bonita, encantadora, marcada pela plantação da cana-de-açúcar, com seus engenhos, senzalas, senhores e escravos.

Em relação ao Bom Jardim, tudo começou com o Sr. Antônio Bento, um descendente de Pedro Araújo Lima (O Marquês de Olinda), que ao casar-se com Maria Clara recebeu como dote do sogro Manoel Pegado terras que mediam duas léguas e meia, o equivalente a 3.600 hectares. Parte dessas terras foi destinada à alforria de escravos, dando origem às comunidades de Guariba e Lagoa do Poço. O restante, cerca de 2.500 hectares corresponde ao Engenho Bom Jardim, atualmente.

Para lá se deslocou um dos personagens mais importantes da cultura brasileira, que esteve em nosso Estado em fins de 1928 e 1929, Mário Raul de Morais Andrade, 1893-1945. Um homem diferenciado que marcou, com o brilho de sua inteligência, a Semana de Arte Moderna Brasileira. Profundo conhecedor da vanguarda européia, daí seu prestígio no velho continente. Leitor da mais importante revista literária da época, a "L'Esprit Nouveau", criada por Lê Corbusier e Ozenfant, intelectuais de notáveis reconhecimentos e prestígio à época.

Sua visita ao Rio Grande do Norte deveu-se a um projeto de pesquisa que englobou o Norte e Nordeste brasileiro. Mas, entre nós teve um caráter especial, conhecer um amigo, que até então só conhecia através de afetuosas correspondências, Luis da Câmara Cascudo. Conhecer também o poeta modernista Jorge Fernandes, de quem se dizia grande admirador, e ao abraçá-lo faz o seguinte comentário: "o livro de poema que publicou no ano passado é isso: 'uma memória gerada nos músculos, nos nervos, no estômago, nos olhos, das coisas que



Chico e seu compadre Paulírio Sebastião, que o acompanhava nos cocos, ambos balançando o ganzá

Mais...



Casa do Engenho Bom Jardim onde Mario de Andrade se hospedou em 1929

viveu". Conhecer o cotidiano sertanejo, o sertão brabo, sentir o cheiro da afrodisíaca caatinga hiperxerófila, o cenário das belas salinas de Macau e Areia Branca, o vale do Açú, as serras de João do Vale e Martins. Estudar e anotar a rica diversidade cultural, até antes desconhecida e daquele momento em diante projetada em jornais, revistas e livros para todo país. Documentou e classificou nossas manifestações culturais, com a denominação de Danças Dramáticas ou Danças Puras as que se apresentam com ausência de dramaticidade e que hoje modernamente chamamos de Folguedos

Populares. Tudo isto na segunda década do século passado, tendo como resultado o mais importante registro para a historicidade potiguar.

A convite do amigo Antônio Bento de Araújo Lima, o neto mais ilustre do Coronel Antônio Bento. Um renomado crítico de arte brasileira, cuja infância e juventude viveu no Bom Jardim, mudando-se para o Rio de Janeiro, onde conquistou grandes amizades, freqüentado os mais requintados e inteligentes salões da vida literária e artística do Brasil, tanto que conheceu Mário de Andrade, com quem manteve laços de profunda amizade.

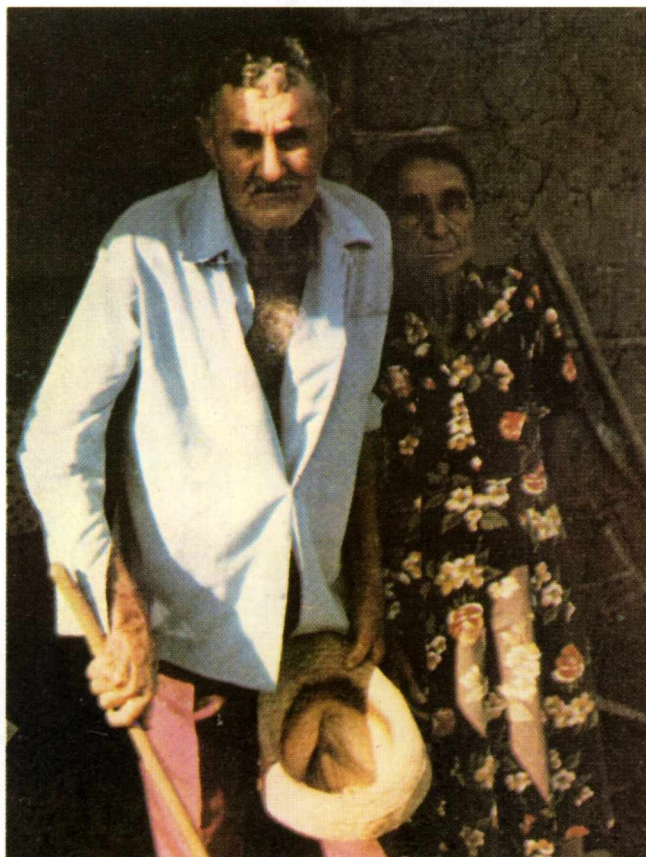
E lá se vai Mário para o Bom Jardim. Ao chegar informam que pelas redondezas existe um afamado embolador de cocos. O senhor do engenho manda chamar Chico Antônio. Pela primeira vez frente a frente, começa a cantoria.

Como de praxe fica de joelhos e inicia com a tirada do Boi Tugão, criada por ele mesmo: Oh li li li ô! / Boi Tugão / Boi do Maiorá! / Ai! Chico Antônio / Quando canta / Estremece esse lugar / Oh! Boi Tugão / Boi do Maiorá / Tanto é Bonito o boi / Quanto é o aboiar / Eu chamava e ele vinha / Pra porteira do currá. Ai seu dotô / Quando chegar em sua terra / Vá dizer que Chico Antônio / É danado pra embolá! Oh! Li-li-li ô! Boi Tugão / Boi do Maiorá.

Ao ouvi-lo atenciosamente, este foi o comentário de Mário de Andrade, entre os muitos que se seguiram em jornais e revistas do país e depois em livros: "Estou divinizado por uma das comoções mais formidáveis da minha vida. Chico Antônio apesar de orgulhoso: 'Ai, Chico Antônio / quando canta / estremece / esse lugar!'" E vai

mais além: "Não sabe que vale uma dúzia de Carusos. Vem da terra, canta por cantar, por uma cachaça, por coisa nenhuma e passa uma noite cantando sem parada".

Quase meia noite, assim diz Mário, mandamos Chico Antônio parar. Ele se despede da gente, se despede de todos. "Adeus, as moça sentada / Adeus luz de alumia / Adeus casa de alicerce / E a honra desse lugar..." 'Adeus sala! Adeus cadeira! / Adeus piano de tocar! / Adeus tinta de iscrevê! / Adeus papé de assentar! / "...Boi Tugão!..."



Chico Antonio e Dona Amélia, casados por mais de 50 anos

O RN de A a Z

por Marcio Coelho

CRIADO PELA AVÓ ESTAVA SEMPRE DE LINHO E PERFUMADO. PARA OS MAIS VELHOS ERA TRANQUILO E EDUCADO. MAS, DOS MENINOS DA RUA EM CORO ERA ESCUTADO:



ORGULHAVA-SE DAS CIDADES DO RN ONDE TINHA MORADO. VIÇOSA, LUCRÉCIA E ATÉ UM TAL DE FRUTUOSO BOMES TINHA PASSADO. COM NOMES COMO ESSE O MENINO ERA SEMPRE CACOADO.



"MEU SÃO RAFAEL! MEU BOM JESUS! VALEI-ME O ESPÍRITO SANTO, SÃO PEDRO E A SANTA CRUZ". REZAVA A SENHORA AOS SANTOS LEMBRADOS. PRA QUE LIVRASSE DA TRISTE SINA O NETO ESCORRACADO. MESMO ASSIM, OUVIA DA JANELA OS PEQUENOS ENDIABRADOS:



EIS QUE O MENINO CRESCIDO E ENJOADO DE TODA AQUELA GENTE. DESCOBRIU-SE CANTOR DE TRINADO SEM IGUAL. FAZENDO DA SERRINHA DOS PINTOS DESCEREM MULHERES DA ZONA E OUTRAS DE RURAL. BASTAVA OLHAR PRA VER O QUE TINHAM EM MENTE. AS SAFADAS SÓ QUERIAM ERA GERAR UMA SEMENTE.

METIDO AINDA A BESTA DISSE QUE O ESTRANGEIRO IA CONQUISTAR. NÃO SABIAM OS IGNORANTES QUE PRA ALEXANDRIA E BARCELONA CHEGAR DA DIVISA DO RN COM A PARAIBA E O CEARA NÃO PRECISAVAM PASSAR.



HUMILHADO QUANDO CRIANÇA AGORA SE OUVIA FALAR: "VOCÊS DE PASSAGEM OU DE PASSA E FICA... VENHA VER! VENHA VER! UM TRIUNFO POTIGUAR!"



PROJETO
seis Umeia

A CULTURA EM FORMA DE CANÇÕES




FUNDAÇÃO
JOSÉ AUGUSTO

O Governo do Estado leva lazer
e cultura ao povo potiguar, valorizando
o talento dos artistas da terra.

www.projetoseisemeia.com.br



cultura ao alcance de todos
GOVERNO DE TODOS
Trabalhando pra você



F U N D A Ç Ã O
.....
JOSÉ AUGUSTO



MISSÃO

CONSTRUIR CIDADANIA CULTURAL
PARA O POVO POTIGUAR COM ÉTICA,
TRANSPARÊNCIA E PARTICIPAÇÃO.

